



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Diego Nunes Vieira

Canto da gente:

estudo preliminar de um centro cultural na cidade de Major Sales/RN

PAU DOS FERROS - RN

2025

Diego Nunes Vieira

Canto da gente:

estudo preliminar de um centro cultural na cidade de Major Sales/RN

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Rodrigo Costa do Nascimento,
Prof. Dr.

PAU DOS FERROS - RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

V657c Vieira, Diego Nunes.
 Canto da gente: estudo preliminar de um centro
 cultural na cidade de Major Sales/RN / Diego
 Nunes Vieira. - 2025.
 138 f. : il.

 Orientador: Rodrigo Costa do Nascimento.
 Monografia (graduação) - Universidade Federal
 Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
 Urbanismo, 2025.

 1. Centro cultural. 2. Memória coletiva. 3.
 Grupos culturais. 4. Arquitetura. 5. Major Sales.
 I. Nascimento, Rodrigo Costa do, orient. II.
 Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

 Biblioteca Campus Pau dos Ferros
 Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
 CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Diego Nunes Vieira

Canto da gente:

estudo preliminar de um centro cultural na cidade de Major Sales/RN

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 30 / 07/ 2025.

BANCA EXAMINADORA

Rodrigo Costa do Nascimento, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Anna Cristina Andrade Ferreira, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a quem me acolheu, me guiou e jamais soltou minha mão. Sem vocês, família, nada disso faria sentido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por tudo, por ter me dado força, saúde e sabedoria para chegar até aqui. Em seguida, agradeço imensamente à minha família, que sempre esteve ao meu lado nesses cinco anos de graduação, me apoiando, me incentivando e, acima de tudo, acreditando em mim. Aos meus irmãos, que são o meu porto seguro, aqueles que me motivaram todos os dias e estiveram comigo para o que eu precisasse. Aos meus amigos de infância, aos meus primos e aos meus avós, que também sempre estiveram presentes, oferecendo carinho, apoio e palavras de incentivo.

Aos amigos que construí durante a faculdade, minha eterna gratidão. Primeiramente a Rodrigo, que esteve comigo desde o início, dividindo trabalhos, desafios, conquistas e dificuldades. Mais do que um amigo, tornou-se parte da minha família, um verdadeiro irmão de vida, sempre disposto a me ajudar e compartilhar cada momento dessa trajetória.

Agradeço também às minhas colegas de grupo, Lara e Valéria, que estiveram comigo durante toda a graduação, compartilhando aprendizados, trabalhos e muitas memórias que guardarei com carinho. À Vitória Régia, amiga que chegou e sempre esteve por perto, me ajudando, apoiando e dividindo momentos bons e ruins. A Erivan, que apareceu mais adiante, mas que hoje é uma pessoa muito especial para mim, sempre somando, dando conselhos, me incentivando e nunca soltando a minha mão.

Um agradecimento especial ao meu orientador Rodrigo, que foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Muito obrigado pela paciência, pelos conselhos e por acreditar no meu potencial. Também deixo meu agradecimento especial ao grupo de gestão da faculdade, pessoas que marcaram profundamente essa caminhada. Sou muito grato por todo apoio, pelas noites em claro juntos, pelas conversas, pelo companheirismo dentro e fora da faculdade, pelos rolês, e principalmente por tornarem os dias mais leves e alegres, mesmo nos momentos difíceis.

A cada um que fez parte dessa jornada: vocês foram fundamentais. Serei eternamente grato e levo todos no meu coração. Muito obrigado a todos!

*Sem cultura não há memória, sem memória
não há identidade, e sem identidade não há
futuro que seja nosso.*
Sérgio Buarque. H (2008)

RESUMO

Este estudo propõe um estudo preliminar de um Centro Cultural para a cidade de Major Sales, no Rio Grande do Norte, com o objetivo de valorizar, preservar e incentivar as manifestações culturais locais, além de promover atividades artísticas, educativas e de lazer para a comunidade. A proposta surge como resposta à carência de espaços apropriados para a produção cultural e à necessidade de fortalecer a identidade local e o sentimento de pertencimento. O centro cultural busca consolidar-se como um espaço público essencial para encontros, exposições, oficinas e apresentações, funcionando como ponto de referência para a difusão da cultura local. Para fundamentar o projeto, foi realizada uma análise detalhada dos aspectos físicos, históricos, legais, urbanos, climáticos e paisagísticos do terreno e do entorno, assegurando uma implantação coerente com as características ambientais, urbanísticas e culturais do local. A definição do programa de necessidades e da configuração espacial foi orientada por referências projetuais e embasamento teórico obtido por meio de pesquisa bibliográfica. Como resultado, o Centro Cultural propõe-se a ser um espaço inclusivo, acessível e integrado à cidade, ampliando o acesso à cultura, ao conhecimento e à preservação do patrimônio imaterial, contribuindo assim para o desenvolvimento cultural e social de Major Sales e região.

Palavras-chave: centro cultural; cultura; memória coletiva; grupos culturais; arquitetura; Major Sales.

ABSTRACT

His study proposes a preliminary design for a Cultural Center in the city of Major Sales, located in Rio Grande do Norte, Brazil. The objective is to enhance, preserve, and promote local cultural expressions, as well as to foster artistic, educational, and leisure activities for the community. The proposal emerges in response to the lack of adequate spaces for cultural production and the need to strengthen local identity and the sense of belonging. The cultural center aims to establish itself as an essential public space for meetings, exhibitions, workshops, and performances, serving as a reference point for the dissemination of local culture. To support the project, a detailed analysis of the physical, historical, legal, urban, climatic, and landscape aspects of the site and its surroundings was carried out, ensuring a design consistent with the area's environmental, urban, and cultural characteristics. The definition of the spatial layout and program was guided by project references and theoretical foundations obtained through bibliographic research. As a result, the Cultural Center is intended to be an inclusive, accessible, and integrated space within the city, expanding access to culture, knowledge, and the preservation of intangible heritage, thus contributing to the cultural and social development of Major Sales and its region.

Keywords: cultural center; culture; collective memory; cultural groups; architecture; Major Sales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa das cidades vizinhas de Major Sales.....	20
Figura 2- Localização de Major Sales/RN.....	25
Figura 3- Delineamento espacial e definição do terreno de intervenção.....	26
Figura 4- Preexistência do terreno de estudo	27
Figura 5- Major Sales/ RN.....	37
Figura 6- Capela de Nossa Senhora do Sagrado Coração - 1975.....	38
Figura 7- Apresentação de grupo caboclo	40
Figura 8- Apresentação de caboclos.....	41
Figura 9- Festival de caboclos – Major Sales	42
Figura 10- Concurso de caboclos – Major Sales.....	43
Figura 11- Apresentação do grupo Rei de Congo.....	44
Figura 12- Apresentação do grupo Rei de Congo	45
Figura 13- Apresentação da Orquestra Sanfônica	46
Figura 14- Fachada principal do Centro Cultural Arauco	48
Figura 15- Plantas Baixas do Centro Cultural Arauco	49
Figura 16- Cortes do Centro Cultural Arauco.....	49
Figura 17- Espaço de convivência do Centro Cultural Arauco.....	50
Figura 18- Biblioteca do Centro Cultural Arauco	51
Figura 19- Fachada da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco.....	52
Figura 20- Plantas baixas da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco.....	53
Figura 21- Área interna da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco.....	54
Figura 22- Área interna da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco.....	54
Figura 23- Centro Cultural Sedan	56
Figura 24- Plantas Baixas do Centro Cultural Sedan.....	57
Figura 25- Fachada do Centro Cultural Sedan	58
Figura 26- Área interna do Centro Cultural Sedan.....	58
Figura 27- Topografia e dimensões da gleba.....	63

Figura 28- Esquema de localização, trajeto solar e ventos.....	64
Figura 29- Imagem do terreno.....	65
Figura 30- Zona bioclimática 07	66
Figura 31- Gráfico de Temperaturas e precipitações – Major Sales/RN	67
Figura 32- Rosa dos Ventos- Major Sales/RN	68
Figura 33- Carta Solar- Major Sales/RN.....	69
Figura 34- Área de análise.....	76
Figura 35- Rua pavimentada	
Figura 36- Rua não pavimentada	81
Figura 37- Vegetação existente	
Figura 38- Vegetação rasteira existente.....	83
Figura 39- Logomarca do projeto.....	85
Figura 40- Aplicação da marca.....	86
Figura 41- Painel semântico de ideias primárias	87
Figura 42- Programa de necessidades e pré-dimensionamento	89
Figura 43- Fluxograma- Pavimento Térreo	91
Figura 44- Fluxograma- Pavimento Superior	92
Figura 45- Zoneamento	93
Figura 46- Planta de implantação	94
Figura 47- Esquemático de técnicas climáticas.....	96
Figura 48- Métodos climáticos.....	96
Figura 49- Esquemático estrutural.....	98
Figura 50- Materiais usados.....	99
Figura 51- Implantação e cobertura	101
Figura 52- Planta baixa térreo	102
Figura 53- Planta baixa pav. superior	103
Figura 54- Corte esquemático	104
Figura 55- Fachada Oeste	104

Figura 56- Pátio interno	105
Figura 57- Área externa	106

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Cheios e vazios	77
Mapa 2- Uso e ocupação do solo	78
Mapa 3- Gabarito	80
Mapa 4- Sistema viário.....	81
Mapa 5- Vegetação.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quadro comparativo de projetos	60
Tabela 2- Informações gerais sobre o plano diretor de Pau dos Ferros/RN.....	71
Tabela 3- Informações gerais sobre o plano diretor de Mossoró/RN	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBM-RN	Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Norte
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ITCBMRN	Instrução Técnica do Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Norte
NBR	Norma Brasileira Regulamentadora
RN	Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

LISTA DE SÍMBOLOS

@	Arroba
©	Copyright
®	Marca registrada
%	Porcentagem
\$	Cifrão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	PERCURSO METODOLÓGICO	23
2.1	Fontes teóricas metodológicas	23
2.2	Situando o espaço	24
2.3	Levantamento de campo e condicionantes	26
2.4	Estudo preliminar	27
3	REFERENCIAL TEÓRICO	29
3.1	Memória coletiva.....	29
3.2	Conceito de cultura	31
3.3	Espaços culturais	33
4	MAJOR SALES: HISTÓRIA E CULTURA DO LOCAL.....	37
4.1	História da cidade.....	37
4.2	Cultura, arte e tradição	39
5	REFERÊNCIAS PROJETUAIS	47
5.1	Centro Cultural Arauco.....	47
5.2	Estação da Cultura Presidente Itamar Franco	51
5.3	Centro Cultural Sedan	55
5.4	Quadro comparativo	59
6	DIAGNÓSTICO	62
6.1	Área de intervenção e critérios de escolha.....	62
6.2	Condicionantes climáticas.....	65
6.3	Condicionantes Legais.....	70
6.3.1	Plano Diretor	70
6.3.2	Código de obras Major Sales/RN.....	72
6.3.3	NBR 9050/ 2020 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.....	73
6.3.4	Instruções Técnicas do Corpo de Bombeiros do RN.....	75

6.4	Aspectos urbanos.....	76
6.4.1	Cheio e vazios.....	77
6.4.2	Uso e ocupação do solo.....	78
6.4.3	Gabarito	79
6.4.4	Sistema viário	80
6.4.5	Vegetação	82
7	PROPOSTA PROJETUAL	84
7.1	Conceito e partido.....	84
7.2	Impacto visual.....	85
7.3	Quadro de ideias e diretrizes projetuais.....	87
7.4	Programa de necessidades e pré-dimensionamento.....	89
7.5	Fluxograma.....	90
7.6	Zoneamento	92
7.7	Implantação e acesso.....	94
7.8	Soluções de conforto térmico	95
7.9	Estrutura.....	97
7.10	Técnicas e matérias empregados	98
7.11	Desenhos técnicos.....	100
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS.....	109
	APÊNDICES.....	112

1 INTRODUÇÃO

A cultura é um pilar fundamental para o desenvolvimento das cidades, desempenhando um papel crucial na construção de identidades e na valorização das tradições. Segundo Roque Laraia (2009), cada sociedade desenvolve sua própria cultura como uma resposta aos desafios que enfrenta, mas essa mesma cultura molda a percepção dos indivíduos sobre o mundo e influencia suas interações sociais. Além disso, a cultura promove a inclusão social e o bem-estar coletivo, ao oferecer espaços que permitem a expressão artística, a troca de saberes e o diálogo entre diferentes grupos. Investir em cultura não apenas enriquece a dinâmica urbana, mas também contribui de forma significativa para o avanço social, econômico e ambiental das cidades.

Todavia, a cultura vai além da simples acumulação de hábitos ou tradições, constituindo um elemento essencial para a formação e organização das sociedades. Conforme ressalta Clifford Geertz (2008), a cultura é definida como um sistema de símbolos elaborado pelos seres humanos para interpretar e dar sentido às suas vidas e ao ambiente ao seu redor. Ele enfatiza que a interpretação cultural é fundamental para entendermos como os indivíduos percebem o mundo ao seu redor e como interagem uns com os outros dentro de suas comunidades. Outrossim, ao envolver as comunidades em atividades culturais, cria-se um ambiente propício à inclusão e à troca de experiências, o que se revela essencial para a promoção da equidade social.

A arquitetura exerce um papel essencial na criação e preservação da identidade cultural das cidades. Atende às necessidades funcionais de habitação, seja de edifícios ou espaços urbanos que retratam sua história, seus valores e as tradições de uma sociedade. Todavia, os elementos arquitetônicos como materiais, técnicas construtivas, estilos e formas contribuem para narrar a identidade de cada lugar, fortalecendo o senso de pertencimento e valorização cultural entre seus habitantes. Desse modo, a arquitetura não apenas organiza os ambientes onde vivemos, mas também se estabelece como um símbolo vivo da memória coletiva e do patrimônio cultural.

Os espaços públicos que acolhem manifestações culturais exercem uma função muito importante na construção de conexões sociais entre a população, atuando de forma direta na inclusão e troca de saberes (BATISTA, 2018). Além de serem palco para manifestações artísticas e eventos culturais, esses ambientes incentivam a participação da população em atividades que estimulam a criatividade, o lazer e o aprendizado. Além disso, os espaços culturais contribuem significativamente para o desenvolvimento social, promovendo a valorização das identidades locais e a preservação do patrimônio cultural.

Assim, os espaços públicos culturais não apenas enriquecem a qualidade de vida das pessoas, mas também promovem a coesão social, a diversidade cultural e o sentimento de pertencimento à cidade e ao lugar em que estão inseridos.

A cidade de Major Sales, localizada no Alto Oeste Potiguar, no estado do Rio Grande do Norte, é rica em expressões artísticas e tradições culturais. Entre suas manifestações destacam-se os grupos de dança, como os caboclos e o rei de congo, além de trabalhos em pintura e artesanato. Apesar desse patrimônio cultural, o município enfrenta sérios desafios na promoção e valorização da cultura local, principalmente pela ausência de espaços adequados para o desenvolvimento de atividades artísticas e educativas para a população. Atualmente, os grupos culturais não dispõem de locais fixos para realizar as confecções dos figurinos, encontros, exposições ou apresentações. Haja vista que, para realizar essas atividades, são usados espaços alugados ou ambientes escolares, que muitas das vezes são limitados e não conseguem acomodar todos os integrantes. A inexistência de uma sede própria dificulta a continuidade e o fortalecimento das iniciativas culturais na região.

Como integrante do grupo Caboclos de Major Sales, vivencio de perto as dificuldades enfrentadas na produção e organização das atividades culturais. A confecção dos figurinos, que é um processo coletivo e manual, frequentemente ocorre em locais improvisados, sem infraestrutura mínima, o que compromete não apenas a qualidade do trabalho. Além disso, os figurinos após as apresentações acabam ficando danificados por não terem um local adequado para guardá-los. Essa realidade evidencia a necessidade premente da implantação de um espaço próprio que não apenas acolha, mas também incentive de forma estruturada a produção cultural, respeitando as particularidades de cada grupo e oferecendo condições dignas para a continuidade e o fortalecimento das tradições locais.

Outro aspecto que merece destaque é a carência de ambientes específicos voltados para a realização de oficinas e atividades educativas relacionadas à cultura local. Em diversas ocasiões, por falta de infraestrutura apropriada, essas ações são transferidas para as salas de aulas, que, apesar de cumprirem um papel importante, não oferecem os recursos e a ambientação ideais para práticas culturais mais complexas e dinâmicas. A implementação de espaços educativos dentro do futuro centro cultural se faz, portanto, indispensável para garantir a continuidade de oficinas de dança, música, artesanato, teatro e outras expressões culturais, em ambientes que estimulem a criatividade, o aprendizado e o pertencimento.

A criação de um centro cultural em Major Sales é justificada pela ausência de uma edificação dedicada à promoção e valorização da cultura local. Major Sales possui uma rica tradição cultural, que tem conquistado reconhecimento de órgãos estaduais e nacionais, tanto públicos quanto privados, devido ao envolvimento da população e ao esforço em preservar suas manifestações populares. Como exemplo, pode-se citar a dança de Caboclos

de Major Sales/RN, considerada Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado do Rio Grande do Norte.

Ademais, a implantação de um centro cultural visa não apenas suprir essa lacuna, mas também criar oportunidades educativas e artísticas, contribuindo para a preservação e o desenvolvimento da identidade cultural da região. Além de atender às demandas da própria comunidade, o equipamento foi idealizado para ser utilizado também pelas cidades vizinhas, funcionando como uma ferramenta de apoio que impulsiona não apenas Major Sales, mas toda a vizinhança, fortalecendo a integração regional e ampliando o alcance das ações culturais.

Figura 1 – Mapa das cidades vizinhas de Major Sales



Fonte: Adaptado do IBGE (2025)

Nesse contexto, propõe-se o desenvolvimento de um centro cultural que atue como um polo cultural regional, beneficiando municípios próximos como Luís Gomes, Paraná e José da Penha. A partir da análise territorial ilustrada na figura 1, que evidencia a localização estratégica de Major Sales em relação ao entorno, busca-se justificar a importância de um espaço que ofereça infraestrutura adequada para eventos, oficinas e encontros, promovendo a valorização, a preservação e a difusão do patrimônio cultural local e regional.

Considerando a realidade local e a ausência de espaços adequados para a realização de atividades culturais e artísticas, este trabalho tem como objetivo geral desenvolver um estudo preliminar de um centro cultural na cidade de Major Sales, no Rio Grande do Norte. A proposta busca valorizar as manifestações culturais da região e promover o acesso a um ambiente apropriado para o lazer, a educação e a preservação das tradições locais.

Para o alcance do objetivo principal, foram estabelecidas metas específicas que norteiam o desenvolvimento deste trabalho:

- **Compreender o conceito de cultura e sua relação com a população** por meio da análise do papel desempenhado pelos centros culturais como espaços de conexão e expressão.
- **Analisar projetos similares com base em referências projetuais**, destacando as técnicas construtivas e os materiais utilizados, visando valorizar e preservar a essência da arquitetura brasileira.
- **Estudar a inserção urbana e os fluxos do entorno**, visando assegurar uma integração harmoniosa do edifício ao contexto urbano e à dinâmica da cidade.
- **Pensar em espaços dedicados a ações que promovam a preservação do patrimônio cultural e imaterial da cidade**, integrando ambientes didáticos, inclusivos e acessíveis que promovam a interação social e a educação cultural.

Contudo, para atingir os objetivos estabelecidos, foi elaborada uma sequência de capítulos, que abrange estudos bibliográficos, pesquisa descritiva, análises e diagnósticos. Cada um desses capítulos foi planejado para garantir coerência e consistência dos resultados, permitindo uma abordagem objetiva e organizada ao longo do desenvolvimento do projeto.

O **primeiro** capítulo será dedicado à descrição detalhada dos processos metodológicos empregados. Já o **segundo** capítulo conterà o desenvolvimento do referencial teórico que fundamentará esta pesquisa, abordando temáticas essenciais relacionadas aos centros culturais, à história e à cultura. Este capítulo explora em profundidade a relevância dos centros culturais como ferramentas estratégicas para a preservação da memória coletiva, destacando seu papel na valorização das tradições e no fortalecimento das identidades locais. Além disso, serão discutidos os aspectos históricos e culturais que justificam a proposição desses espaços como instrumentos fundamentais para a perpetuação do patrimônio imaterial.

O **terceiro** capítulo será dedicado à cidade de Major Sales-RN, considerando suas características físicas, sociais e culturais. Além disso, será realizada uma análise aprofundada dos traços culturais presentes no município, com destaque para as tradições, manifestações artísticas, festividades e práticas comunitárias que refletem a identidade local.

O **quarto** capítulo será dedicado à análise aprofundada de projetos de referência que se destacam por suas características significativas e alinhadas aos princípios da proposta em discussão. Nesse contexto, serão examinados exemplos arquitetônicos e conceituais que trazem soluções inovadoras e relevantes, servindo como inspiração e base comparativa para o desenvolvimento do trabalho.

O **quinto** capítulo será dedicado à análise das condicionantes projetuais, ressaltando seu papel central na definição e no direcionamento das estratégias do projeto. Além disso,

será destacada a importância da legislação aplicável, abordando os parâmetros urbanísticos e normativos que orientam o processo de concepção arquitetônica.

O **sexto** capítulo será inteiramente dedicado à apresentação detalhada do processo de concepção e desenvolvimento da proposta do Centro Cultural. Neste capítulo, serão expostos os conceitos norteadores e as diretrizes que embasaram a criação do projeto, destacando as soluções arquitetônicas adotadas para atender às demandas culturais e sociais. Além disso, serão apresentados os elementos formais e funcionais que compõem a proposta, acompanhados de representações gráficas como plantas, cortes, elevações e perspectivas, além de estudos de materiais e técnicas construtivas. Por fim, o **sétimo** capítulo será dedicado às considerações finais, com o propósito de revisar os objetivos delineados no início deste trabalho e de sintetizar os aspectos mais relevantes discutidos ao longo do desenvolvimento do projeto.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta uma abordagem detalhada sobre os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos propostos. Inicialmente, descreve-se o processo de recorte espacial da área de intervenção, destacando a delimitação da área de estudo e suas interações com o entorno imediato. Em seguida, são discutidas as definições do referencial teórico e empírico que fundamentam a pesquisa, bem como a caracterização de sua natureza, evidenciando a coerência entre os métodos e os objetivos. Adicionalmente, o capítulo explora o processo de análise das condições climáticas do município de Major Sales, articulado com o levantamento in loco, as análises urbanas e a aplicação de questionários direcionados e a sistematização da documentação dos dados coletados.

1.1 Fontes teóricas metodológicas

A pesquisa, de natureza qualitativa, estrutura-se com base em um embasamento empírico e dedutivo, por meio de uma abordagem bibliográfica que abrange tanto fontes primárias de caráter teórico quanto fontes secundárias de natureza empírica. A pesquisa foi estruturada com o suporte de livros, teses e artigos científicos. Além disso, esses instrumentos fornecem embasamento teórico para os temas centrais da pesquisa, como cultura, espaços culturais e legislações municipais e federais. Além disso, foram consideradas normas técnicas relacionadas à escrita acadêmica, ao uso de materiais, ao conforto ambiental e à acessibilidade.

Os autores estruturam suas análises com base em diversos métodos que permitem a introdução de conceitos, a validação de ideias e a elaboração de discussões aprofundadas sobre temas essenciais, como a cultura, o papel da arquitetura e a relevância dos espaços culturais. Essa abordagem metodológica promove uma reflexão abrangente sobre as interações entre esses elementos e suas implicações no contexto sociocultural, ampliando a compreensão de sua importância na dinâmica das sociedades.

Para compreender os conceitos de memória coletiva, foram analisadas diversas obras fundamentais sobre o tema. Entre elas, destaca-se *Memória Individual e Coletiva* (2019), de Lucas Miranda, que explora as interações entre a memória pessoal e as construções sociais. Além disso, a obra *A Memória Coletiva* (2006), de Maurice Halbwachs, oferece uma abordagem clássica sobre como os grupos sociais estruturam e preservam suas lembranças. Já *Memória e Identidade Social* (1992), de Michael Pollak, investiga a relação entre memória e a formação identitária dos indivíduos dentro de um contexto coletivo. Por fim, *Memória e*

Identidade (2011), de Joel Candau, aprofunda a discussão ao examinar os processos de construção da identidade por meio da memória. Essas leituras fornecem um arcabouço teórico essencial para a compreensão do papel da memória na sociedade.

Além disso, para o conceito de cultura, foi adotada a obra de Roque de Barros Laraia, *Cultura: Um Conceito Antropológico* (2009), que oferece uma base teórica consistente sobre o tema. Complementarmente, o livro: *A Interpretação das Culturas* (2008), de Clifford James Geertz, foi utilizado para aprofundar a análise, especialmente no que tange à influência da cultura nos comportamentos, crenças, valores e modos de vida dos indivíduos em uma sociedade. Além disso, para o estudo específico dos espaços públicos culturais, foi considerada a contribuição do artigo de Alisson Batista (2018), que fornece uma perspectiva detalhada sobre a temática.

Outrossim, para aprofundar a compreensão sobre o conceito de centro cultural, foram analisadas diversas obras que abordam sua função, significado e impacto na sociedade. Entre elas, destaca-se *Usos da Cultura: Políticas de Ação Cultural* (1986), de Coelho Neto, que discute a relação entre cultura e políticas públicas. Além disso, *A Casa da Invenção: Biblioteca, Centro Cultural* (2003), de Luis Milanesi, explora a ideia do centro cultural como um espaço dinâmico de criação e disseminação do conhecimento. Já *Centro Cultural: A Cultura à Promoção da Arquitetura* (2013), de Renata Ribeiro Neves, investiga a relação entre os espaços culturais e a arquitetura, analisando como o ambiente construído influencia a experiência cultural. Essas obras fornecem uma base teórica essencial para a compreensão do papel dos centros culturais na sociedade contemporânea.

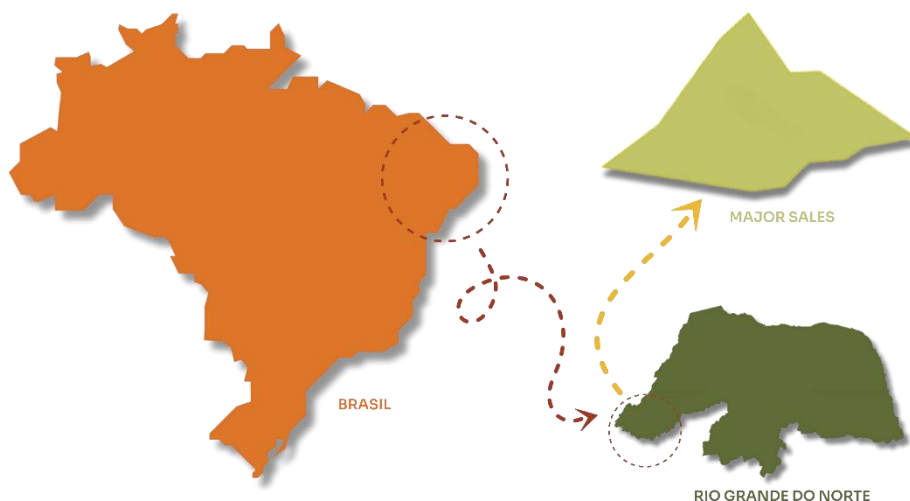
Outrossim, foram realizadas consultas nas normas técnicas brasileiras, como a NBR 15220 (2020), que estabelece diretrizes projetuais voltadas para o conforto térmico em edificações. Essa etapa teve como objetivo determinar as estratégias mais adequadas a serem implementadas no projeto. Para a análise e diagnóstico da área e do entorno do objeto de estudo, conduziram-se pesquisas de campo detalhadas, acompanhadas de uma avaliação dos usos locais que justificaram a escolha do terreno. Complementarmente, foi realizado um estudo baseado na NBR 9050 (2020) e em legislação municipal pertinente, com o propósito de verificar as viabilidades técnicas e legais do projeto, fundamentadas no município de Major Sales.

1.2 Situando o espaço

A área selecionada para a implantação do centro cultural está localizada no município de Major Sales, no estado do Rio Grande do Norte (Figura 2). A escolha desse local responde à necessidade de equipamentos que incentivem a valorização e preservação do patrimônio

cultural. A proposta busca criar um espaço dinâmico e acessível, onde a comunidade possa se envolver ativamente nas tradições locais, na produção artística e na educação cultural. O centro cultural será um ponto de encontro para diversas expressões culturais, oferecendo uma infraestrutura adequada para exposições, apresentações, oficinas e eventos que fomentem o conhecimento entre diferentes gerações

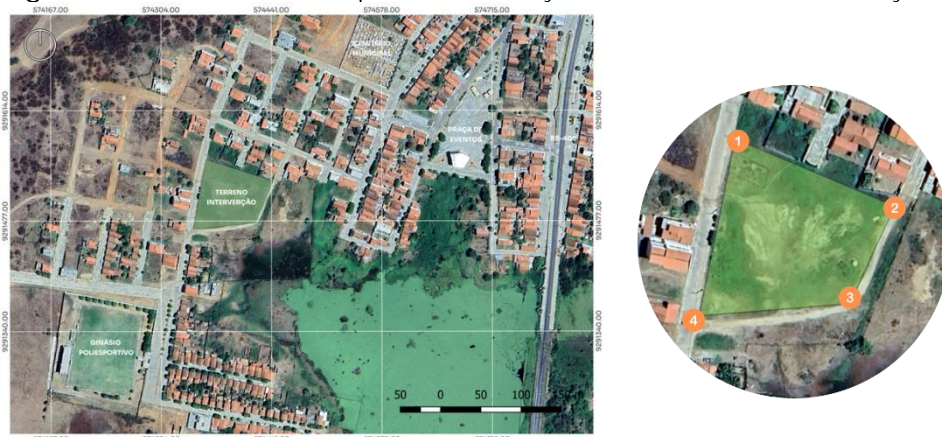
Figura 2 – Localização de Major Sales/RN



Fonte: Adaptado do QGIS (2025)

A definição da gleba de 5.792,65 m² (Figura 3) para a implantação do projeto é determinada a partir de um recorte espacial com base em suas coordenadas geográficas. Essas coordenadas são descritas pelos seguintes pontos: 01 (Lat. 6°24'31.82"S e Long. 38°19'39.32"O), 02 (Lat. 6°24'32.86"S e Long. 38°19'36.67"O), 03 (Lat. 6°24'34.35"S e Long. 38°19'37.35"O) e 04 (Lat. 6°24'34.62"S e Long. 38°19'39.79"O). Além disso, é possível observar as relações espaciais estabelecidas com o entorno, incluindo edificações e serviços expressivos nas proximidades, como, por exemplo, um campo de esportes.

Figura 3 – Delineamento espacial e definição do terreno de intervenção



Fonte: Adaptado do QGIS (2025)

1.3 Levantamento de campo e condicionantes

Para compreender as características climáticas da cidade de Major Sales, recorreu-se à utilização da plataforma Meteoblue, amplamente reconhecida por sua precisão, essa ferramenta permitiu a análise detalhada das variações de temperatura ao longo do ano, abrangendo dados como temperaturas máximas, mínimas e médias mensais. Paralelamente, foi elaborada a carta solar de Major Sales por meio do aplicativo Sol-ar, esse recurso viabilizou a compreensão da trajetória solar ao longo dos diferentes períodos do ano, bem como dos ângulos de incidência solar, informações cruciais para decisões projetuais.

Todavia, o levantamento *in loco* do local de intervenção ocorreu às 08:30 do dia 14 de janeiro de 2025, com o objetivo de levantar os aspectos dimensionais gerais da gleba (Figura 4). Essa etapa foi essencial para a atualização das informações previamente vetorizadas a partir de uma imagem aérea preexistente. Na sequência, foi realizada uma análise detalhada da topografia *in loco*, cujos dados foram confirmados e representados com o uso dos softwares QGIS e AutoCAD, garantindo maior precisão. Além disso, durante a visita, foram observadas as interações da gleba com seu entorno imediato, abrangendo aspectos como acessibilidade, condicionantes climáticas e características naturais da área.

Figura 4 – Preexistência do terreno de estudo



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Já a etapa de levantamento e análise do entorno urbano do terreno de projeto foi conduzida com base na definição de um raio de abrangência de 300 metros, abrangendo as principais vias de acesso e circulação, edificações, o parcelamento do solo e os aspectos de infraestrutura da área. Esse limite foi estabelecido para permitir uma análise abrangente e detalhada, considerando os elementos mais relevantes do contexto urbano imediato. Como parte do processo, imagens aéreas atualizadas, obtidas pelo *Google Earth Pro* (2024), foram utilizadas para a realização da vetorização utilizando o *Autocad* (2024).

Além disso, a vetorização da área possibilitou a elaboração de mapas temáticos essenciais, incluindo traçado e parcelamento do solo, análise de cheios e vazios, uso do solo, gabarito das edificações, sistema viário e condições de pavimentação das vias. Essa abordagem permitiu uma visão clara e sistemática da organização urbana local, bem como a identificação das dinâmicas e características de ocupação. Ademais, a análise da expansão urbana foi enriquecida com imagens capturadas pelo smartphone Iphone 14 Pro Max, obtidas à altura do observador (1,50 metros). Essas imagens foram fundamentais para compreender a zona de intervenção de forma mais imersiva e detalhada, consolidando uma base sólida para o desenvolvimento do projeto.

1.4 Estudo preliminar

A metodologia empregada para o desenvolvimento do estudo preliminar de um centro cultural foi estruturada em etapas integradas, combinando análises preliminares e ferramentas técnicas. Inicialmente, realizaram-se visitas in loco ao terreno, essenciais para

compreender as características físicas, topográficas e ambientais do local. Durante essas visitas, também foram observados aspectos como a acessibilidade, a integração com o entorno imediato e as potencialidades do espaço.

Paralelamente, foi realizado um estudo climático detalhado, que analisou as condições ambientais do terreno. Essas informações foram fundamentais para orientar decisões projetuais voltadas ao conforto ambiental. A análise de fatores como insolação, ventilação predominante, temperatura média, umidade relativa do ar e sombreamento permitiu a definição estratégica da implantação do edifício, da orientação dos ambientes e da escolha de materiais e soluções passivas de climatização.

Na fase de concepção, foram elaborados esboços iniciais, que evoluíram para a definição do zoneamento do espaço, determinando as áreas destinadas às atividades culturais, administrativas, de convivência e técnicas. Foi criado um fluxograma para organizar a circulação interna e a interação entre os diferentes setores, promovendo funcionalidade e eficiência no uso do espaço.

Para o desenvolvimento técnico do projeto, foram utilizados alguns softwares, como o AutoCAD, para a elaboração dos desenhos técnicos, e o SketchUp, para a modelagem 3D, permitindo a visualização espacial e volumétrica do edifício. Por fim, as perspectivas renderizadas foram produzidas no Enscape. Essa abordagem integrada garantiu uma base sólida e consistente para o desenvolvimento do anteprojeto, alinhando os aspectos conceituais, técnicos e estéticos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Um projeto arquitetônico, como o do Centro Cultural, deve ser fundamentado em uma análise ampla e integrada do contexto em que será implantado, considerando aspectos sociais, econômicos e históricos que influenciam diretamente sua concepção e relevância. Sob essa perspectiva, este capítulo apresenta uma síntese teórica que serve de alicerce para a pesquisa e orienta o desenvolvimento do projeto, abordando questões essenciais à criação de um espaço cultural.

Entre os temas explorados, destaca-se a contextualização da cultura como um reflexo da identidade e da diversidade social. A cultura, nesse sentido, é analisada não apenas como um patrimônio coletivo, mas como um elemento dinâmico, capaz de moldar e ser moldado pelo ambiente urbano. Complementarmente, discute-se a importância dos espaços culturais, enfatizando seu papel na promoção do convívio coletivo, no fortalecimento da coesão social e no estímulo ao bem-estar urbano. Além disso, são analisadas as especificidades da arquitetura aplicada a espaços culturais, com ênfase em seu potencial de transformação e revitalização de contextos urbanos.

2.1 Memória coletiva

A memória é um conceito amplamente explorado por diversos autores, sendo analisado sob múltiplos vieses. Pode ser compreendida em sua dimensão neurofisiológica, abordada sob a ótica das diversas correntes psicanalíticas ou, ainda, interpretada como um fenômeno social, manifestando-se tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Além disso, a memória desempenha um papel fundamental na configuração da história tanto da sociedade quanto do indivíduo, influenciando a política, a linguagem, a cultura e a identidade dos espaços urbanos (MIRANDA, 2019).

A partir dessa perspectiva, pode-se acrescentar que a memória não apenas registra e resgata o passado, mas também o reconfigura constantemente à luz do presente. Esse dinamismo evidencia seu caráter seletivo e interpretativo, uma vez que as lembranças são influenciadas por experiências subjetivas, discursos sociais e estruturas de poder. No contexto urbano, por exemplo, a memória se manifesta na materialidade dos espaços por meio de monumentos, edificações e paisagens e nas narrativas compartilhadas que conferem significado aos lugares. Assim, ao mesmo tempo em que preserva a identidade e a cultura, a memória também pode ser um campo de disputa, onde diferentes versões do passado se confrontam, refletindo os interesses e valores de distintos grupos sociais.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória coletiva não é um registro fixo e imutável do passado, mas sim uma reconstrução contínua influenciada pelas circunstâncias e referências do presente. Esse processo ocorre por meio de uma seleção inevitável de eventos e significados, uma vez que é impossível abarcar a totalidade das experiências vividas, tanto no nível individual quanto no coletivo. Dessa forma, as narrativas sobre o passado refletem, em grande medida, as preocupações, valores e percepções do presente, revelando mais sobre o contexto atual do que sobre a própria realidade histórica que se busca resgatar.

Ainda segundo o autor, a memória é essencialmente dinâmica e relativa, sendo moldada pelas diferentes posições ocupadas pelos indivíduos dentro dos grupos sociais e pelas transformações das relações entre esses grupos e seu entorno. A participação simultânea em múltiplos grupos faz com que as memórias individuais se construam de maneira fragmentada e interdependente, configurando-se como um mosaico de lembranças que se sobrepõem e se reconfiguram ao longo do tempo.

Ademais, o espaço, assim como a memória, é constantemente ressignificado pelos grupos sociais, que se apropriam dele de maneira singular, moldando-o conforme suas referências culturais e simbólicas. Dessa forma, o espaço se torna um reflexo identitário, funcionando como um espelho no qual os grupos projetam seus valores, histórias e modos de vida. Além de ser um palco das relações sociais, ele atua como um depósito das memórias coletivas, materializando-se em formas tangíveis e relativamente estáveis. Esse caráter fixo do espaço permite a objetivação das identidades, manifestando-se na preservação de monumentos, edifícios históricos e demais elementos do patrimônio arquitetônico que simbolizam e perpetuam a memória de uma determinada coletividade ao longo do tempo (HALBWACHS, 2006).

Em outra visão, Michael Pollak (1992) conceitua a memória como uma construção social, enfatizando seu caráter dinâmico e sujeito a constantes ressignificações. Segundo essa perspectiva, a memória não é uma mera reprodução objetiva do passado, mas sim uma reconstrução seletiva, elaborada a partir das necessidades, interesses e preocupações dos indivíduos e grupos no presente. Essa característica confere à memória um aspecto fluido e mutável, uma vez que está sempre em processo de reinterpretação e adaptação às novas realidades. No entanto, para que essas transformações sejam legitimadas, é necessário que haja um certo grau de continuidade e coerência entre as novas representações e aquelas previamente estabelecidas, garantindo assim a manutenção de vínculos identitários e simbólicos ao longo do tempo.

A maleabilidade da memória apontada por Pollak (1992) também revela seu papel fundamental na construção das identidades individuais e coletivas. Ao ser continuamente reinterpretada, a memória não apenas reflete as transformações sociais, mas também atua

ativamente na redefinição das narrativas que estruturam a percepção do passado. Dessa forma, os grupos sociais se apropriam da memória para reafirmar valores, legitimar discursos e fortalecer laços comunitários. Contudo, essa reconstrução não ocorre de maneira homogênea, pois diferentes atores podem disputar significados, resultando em sobreposições, apagamentos e ressignificações. Assim, a memória se torna um espaço dinâmico de negociação entre lembrança e esquecimento, tradição e mudança, continuidade e ruptura.

Joel Candau (2011) distingue dois tipos de memória que desempenham um papel essencial na construção da identidade. Entre eles, destaca-se a chamada "memória de tempos profundos", que se refere à recuperação de eventos históricos até então desconhecidos ou pouco difundidos. Esses fatos, ao emergirem no presente, podem desafiar e reconfigurar a imagem que um indivíduo ou grupo social construiu de si ao longo do tempo, exercendo, assim, um impacto significativo sobre as representações identitárias.

O autor ressalta que esse tipo de memória tende a enfraquecer a consciência identitária, pois introduz elementos que desestabilizam narrativas previamente consolidadas, gerando um processo de revisão e ressignificação do passado. Dessa forma, a memória de tempos profundos não apenas influencia a percepção individual e coletiva, mas também evidencia a complexidade e a fluidez dos processos de construção da identidade.

A memória coletiva, conforme discutido, é um processo dinâmico que molda as identidades e os espaços urbanos de forma contínua, sendo constantemente reconfigurada à medida que o presente interage com o passado. No contexto de Major Sales, um centro cultural na cidade se torna um importante espaço de ressignificação dessa memória. Ao abrigar práticas culturais locais, preservando histórias e tradições da comunidade, esse centro cultural atua como um elo entre o passado e o presente, permitindo que as memórias coletivas sejam não apenas preservadas, mas também reinterpretadas de acordo com as necessidades e os valores contemporâneos.

2.2 Conceito de cultura

Segundo Denys Cuche (2002), a concepção do termo "cultura" como conceito é fruto de uma evolução semântica que ocorreu na língua francesa durante o século XVIII, antes de ser incorporada, por meio de empréstimos linguísticos, as línguas alemã e inglesa. Nesse contexto, o uso figurado da palavra passou a ganhar maior frequência, inicialmente acompanhado de complementos, como em "cultura das artes", "cultura das letras" ou "cultura das ciências", o que sugeria que o objeto a ser cultivado precisava ser identificado

explicitamente. Com o tempo, entretanto, o termo expandiu-se para designar a “formação” ou “educação” do espírito, refletindo os ideais iluministas de progresso intelectual e moral.

Ademais, o conceito de cultura evoluiu ao longo do tempo, refletindo as transformações sociais, intelectuais e históricas da humanidade. Inicialmente associado ao cultivo da terra e ao aprimoramento individual por meio do conhecimento, o termo gradualmente expandiu seu significado para abranger aspectos mais amplos da vida em sociedade. Com o passar dos séculos, a cultura deixou de ser vista apenas como um patrimônio erudito ou um conjunto de práticas refinadas e passou a ser compreendida como um fenômeno coletivo.

Edgar Morin (2002), enfatiza que a cultura é formada por um conjunto abrangente de elementos, como saberes, práticas, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos, os quais são transmitidos de geração em geração. Esses elementos não apenas se reproduzem em cada indivíduo, mas também desempenham um papel essencial ao regular a existência da sociedade e sustentar sua complexidade psicológica e social. Ademais, embora nenhuma sociedade, seja arcaica ou moderna, esteja desprovida de cultura, Morin ressalta que cada cultura possui características únicas, refletindo sua singularidade na sociedade.

Dessa forma, segundo o autor, a cultura não apenas estrutura a vida social, mas também influencia a maneira como os indivíduos percebem e interpretam o mundo ao seu redor. Morin (2002) também aponta que esse conjunto de elementos culturais não é imutável, pelo contrário, está em constante reelaboração, fruto das interações entre os indivíduos e das transformações históricas. Assim, a cultura se adapta às novas condições sociais e tecnológicas sem perder sua essência, garantindo a continuidade dos valores e práticas ao longo do tempo. Esse processo dinâmico reforça a identidade coletiva e fortalece os laços sociais, ao mesmo tempo em que possibilita novas formas culturais que refletem as mudanças e desafios da sociedade contemporânea.

Entretanto, Lucia Santaella (2003), aponta que a cultura pode ser compreendida por meio de diversos conceitos, embora uma ideia central prevaleça entre as diferentes abordagens: a cultura é algo que deve ser reconhecido e assimilado pelas pessoas. Ela é entendida como um processo de aprendizado contínuo, que possibilita aos grupos sociais adaptarem-se aos contextos e ambientes em que estão inseridos. A cultura manifesta-se tanto em padrões de pensamento quanto em comportamentos, objetos materiais e simbólicos, refletindo as formas como as comunidades constroem e expressam sua identidade coletiva.

Para a autora a cultura pode ser vista como um campo em constante negociação, onde diferentes discursos, influências e práticas se entrelaçam para dar origem a novas formas de expressão e organização social. Santaella (2003) ressalta que, ao mesmo tempo em que

preserva elementos históricos e simbólicos, a cultura se renova por meio da interação com outras tradições e pelo impacto das inovações tecnológicas. Esse dinamismo é especialmente evidente na era da globalização, em que trocas culturais ocorrem de maneira acelerada, promovendo tanto a valorização da diversidade quanto desafios relacionados à padronização cultural. Assim, a cultura permanece como um fator essencial na construção das identidades individuais e coletivas, refletindo a complexidade das sociedades contemporâneas.

Sob outra perspectiva, José Luiz dos Santos (1996) define a cultura como uma construção histórica profundamente conectada à trajetória de cada sociedade. Ela emerge como um produto coletivo das interações e experiências humanas ao longo do tempo, refletindo práticas, costumes e concepções próprias de cada grupo social. Dessa forma, cada expressão cultural possui uma lógica interna, que só pode ser plenamente compreendida dentro de seu contexto específico. Para o autor, os valores culturais de um povo derivam da organização de sua comunidade, sendo as práticas e manifestações culturais fundamentais para definir sua identidade e singularidade.

A partir dessa compreensão, percebe-se que a cultura não é um fenômeno isolado ou estático, mas sim um processo dinâmico que se transforma continuamente em resposta a fatores sociais, políticos e econômicos. As interações entre diferentes grupos, contribuem para a reelaboração das tradições e para a incorporação de novos elementos culturais. Assim, a cultura não apenas preserva a memória e os valores de uma sociedade, mas também se adapta e se reinventa diante de novos desafios e influências externas. Esse caráter mutável evidencia a complexidade da cultura como um mecanismo de construção identitária, reforçando a necessidade de compreendê-la dentro de seus múltiplos contextos e interconexões.

2.3 Espaços culturais

No contexto governamental, os centros culturais destacam-se como instrumentos fundamentais na implementação de políticas culturais. Conforme argumenta Coelho Neto (1986), sua principal característica reside no fato de serem organizações estruturadas, amparadas por legislações e financiamentos oficiais. Essa configuração permite que esses espaços culturais estabeleçam vínculos sólidos tanto com a população quanto com o próprio Estado, promovendo relações contínuas. Dessa forma, os centros culturais tornam-se meios eficazes para ampliar o alcance das ações culturais, tornando-as mais inclusivas e acessíveis às comunidades, consolidando sua relevância no fortalecimento do diálogo cultural e na democratização do acesso às artes e ao conhecimento.

Além disso, Coelho Neto (1986) enfatiza que um centro cultural não deve ser visto como uma estrutura isolada, mas sim como parte integrante da dinâmica urbana, estabelecendo uma relação ativa e significativa com a cidade onde se insere. Para que sua existência seja plenamente eficaz, é essencial considerar o contexto sociocultural no qual está sendo implantado, analisando de que forma pode contribuir para o desenvolvimento local. Dessa maneira, um centro cultural não pode se distanciar da realidade da comunidade, devendo ser concebido como um espaço de diálogo e engajamento, capaz de despertar o interesse da população e atender às suas necessidades culturais de forma integrada e participativa.

A partir dessa perspectiva, a relevância de um centro cultural está diretamente ligada à sua capacidade de adaptação e interação com os diferentes atores sociais do território onde se insere. Para isso, é fundamental que sua gestão adote uma abordagem participativa, envolvendo a comunidade na formulação de suas atividades e programas. Essa proximidade não apenas fortalece o vínculo entre a população e o espaço cultural, mas também contribui para a valorização das identidades locais e para o resgate de memórias e tradições. Além disso, a articulação com outras instituições, como escolas, universidades e coletivos artísticos, amplia o impacto do centro cultural, tornando-o um polo dinâmico de criação, aprendizado e experimentação.

Ademais, Luís Milanesi (2003) destaca a importância da experiência do visitante dentro desses espaços, ressaltando que a recepção desempenha um papel central, pois é o ponto inicial de contato entre o público e a instituição. Um acolhimento positivo não apenas cria uma atmosfera mais envolvente, mas também estabelece as bases para as interações humanas que constituem a essência da ação cultural. Assim, o impacto das relações estabelecidas desde a entrada reflete diretamente na qualidade da experiência cultural oferecida pelo centro.

Nesse contexto, o autor ressalta que a forma como os visitantes são recebidos influencia diretamente sua percepção e engajamento com o espaço cultural. Estratégias como sinalização intuitiva, acessibilidade universal, mediação qualificada e ambientes convidativos são essenciais para tornar a experiência mais inclusiva e significativa. Além disso, a interação entre o público e os profissionais do centro cultural pode potencializar o interesse e a participação ativa nas atividades oferecidas, estimulando a troca de conhecimentos e o senso de pertencimento. Dessa maneira, a recepção ultrapassa o papel de mero atendimento inicial, tornando-se um elemento estratégico para fortalecer o vínculo entre a instituição e a comunidade, promovendo um ambiente mais acolhedor, interativo e enriquecedor para todos os visitantes.

De maneira complementar, Renata Ribeiro Neves (2013) ressalta que os centros culturais são concebidos com a finalidade de produzir, desenvolver e disseminar práticas culturais e bens simbólicos. Esses espaços, além de preservarem saberes, tornam-se palcos de cultura viva, nos quais obras de arte e informações são integradas em processos críticos, criativos e dinâmicos. Ademais, promovem um ambiente colaborativo e provocativo, incentivando interações grupais que ampliam as possibilidades de expressão e reflexão cultural.

Todavia, a atuação dos centros culturais vai além da simples exposição de conteúdos, configurando-se como um espaço de experimentação e ressignificação de saberes. A oferta de atividades interativas, como oficinas, debates, performances e residências artísticas, fortalece a participação do público e contribui para a construção coletiva do conhecimento. Além disso, ao estabelecer conexões entre diferentes formas de manifestação artística e campos do saber, esses espaços estimulam a transversalidade cultural, promovendo o diálogo entre tradição e inovação. Dessa forma, os centros culturais não apenas difundem bens simbólicos, mas também desempenham um papel essencial na formação crítica dos indivíduos, incentivando a diversidade de narrativas e perspectivas dentro da sociedade.

É inegável a relevância dos centros culturais para a sociedade, pois desempenham um papel fundamental na promoção do acesso à arte, ao conhecimento e à convivência coletiva. No entanto, a construção de novas edificações desse tipo ainda é escassa, especialmente no Brasil. De acordo com o Portal Brasil (2009), no ano de 2009, o Brasil já contava com mais de 2.500 centros culturais, incluindo bibliotecas, museus e teatros, distribuídos por todo o país. Essas instituições desempenham um papel crucial no desenvolvimento de uma percepção mais sensível e crítica da cultura e do cotidiano por parte dos cidadãos. Além disso, o Portal Brasil (2009) ressalta que os centros culturais são espaços dedicados à preservação e difusão das artes, além de servirem como locais para a exposição de testemunhos materiais da produção humana, fortalecendo assim a memória e a identidade cultural da sociedade.

Por fim, a cultura, enquanto fenômeno dinâmico e em constante transformação, está intrinsecamente ligada à memória coletiva, pois é por meio dela que os indivíduos e grupos sociais preservam, ressignificam e transmitem suas tradições, valores e identidades ao longo do tempo. Os centros culturais desempenham um papel essencial nesse processo, atuando como espaços de salvaguarda e difusão da cultura local, possibilitando que diferentes gerações tenham acesso ao patrimônio histórico e imaterial de uma comunidade. Em Major Sales, essa relação entre cultura e memória coletiva se manifesta de maneira singular, refletindo as vivências, costumes e expressões artísticas que marcam a identidade do município. No próximo capítulo, serão abordadas a história e a cultura dessa cidade,

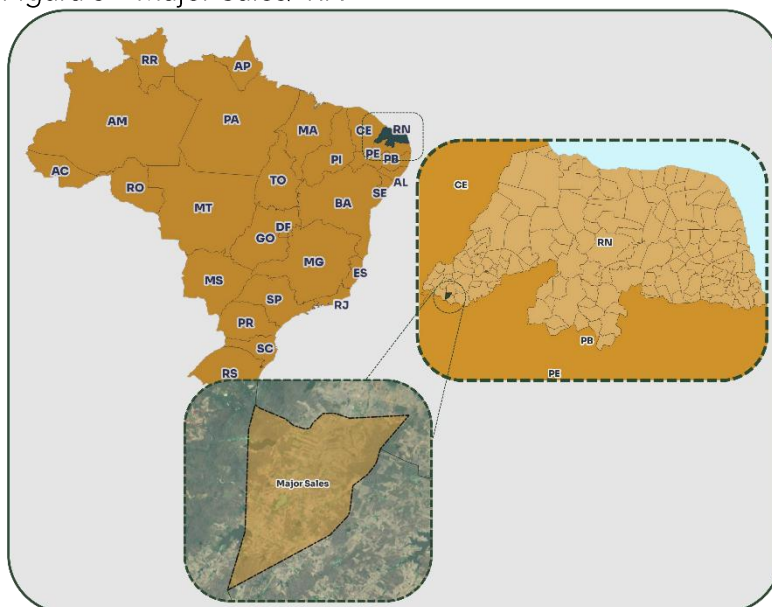
destacando como seus elementos culturais foram moldados ao longo do tempo e de que maneira se perpetuam na atualidade.

3 MAJOR SALES: HISTÓRIA E CULTURA DO LOCAL

3.1 História da cidade

Major Sales é um município brasileiro situado no interior do estado do Rio Grande do Norte (Figura 5), pertencente à região do Alto Oeste, no Nordeste do país. Localiza-se a aproximadamente 437 quilômetros da capital, Natal, e ocupa uma área territorial de cerca de 32 km². De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, sua população é de aproximadamente 4.067 habitantes, caracterizando-se como um município de pequeno porte, mas de grande relevância histórica e cultural para a região.

Figura 5 – Major Sales/ RN



Fonte: Adaptado do QGIS (2025)

O Sítio Cavas, originalmente uma área desabitada pertencente a Luís Gomes, começou a ser povoado em 1940 com a chegada da família de Aprígio Matias Fernandes¹, que ali fixou residência e abriu um pequeno comércio. A localidade cresceu rapidamente, recebendo novos moradores, como João André de Moraes, que em 1950 construiu a primeira casa de tijolos e também estabeleceu um comércio. O desenvolvimento foi impulsionado pela construção da barragem, em 1953, o que levou Aprígio Matias a se mudar para uma nova residência próxima à de João André (MAJOR SALES, 2017).

¹ Aprígio Matias Fernandes foi o primeiro morador do Sítio Cavas, estabelecendo-se na localidade em 1940. Na época, construiu uma casa de taipa onde passou a residir e implantou um pequeno comércio, com o objetivo de melhorar as condições econômicas e garantir o sustento de sua família (MAJOR SALES, 2017).

O crescimento acelerado do povoado resultou em sua elevação à categoria de Vila Major Sales, em 1963, em homenagem a um benfeitor local. No mesmo ano, surgiu o primeiro professor, Francisco Fortunato das Chagas, que deu início à educação formal na vila. Em 1967, foi inaugurada a Escola Reunidas Coronel Antônio Germano, consolidando o acesso à educação. No mesmo ano, foi construída a Capela de Nossa Senhora do Sagrado Coração (Figura 6), graças ao empenho da comunidade. A vila também contou com os serviços da primeira parteira, Mãe Tetê, cujo nome foi dado à maternidade local (MAJOR SALES, 2017).

Figura 6 – Capela de Nossa Senhora do Sagrado Coração - 1975



Fonte: Instagram @terradacultura (2024)

A antiga Vila Major Sales destacou-se, ainda no período em que era subordinada ao município de Luís Gomes, por apresentar um notável dinamismo demográfico e socioeconômico. À época, seus indicadores superavam os de 33 cidades do estado do Rio Grande do Norte, o que evidenciava seu potencial urbano e sua relevância regional. Esse contexto fomentou entre os moradores um sentimento coletivo de pertencimento e o desejo de autonomia administrativa, culminando em um forte movimento em prol da emancipação política. A mobilização popular foi decisiva para a realização de um plebiscito, no qual a população local manifestou-se unanimemente a favor da criação do novo município (MAJOR SALES, 2017).

Diante da vontade expressa da comunidade, lideranças políticas da região abraçaram a causa, articulando esforços para transformar esse anseio em realidade. Destacaram-se nesse processo o então prefeito de Luís Gomes, Padre Raimundo Osvaldo Rocha, o vice-prefeito, Dr. Pio X Fernandes, os ex-prefeitos Agnaldo Fernandes Dantas e Raimundo Matias de Oliveira. Além da Câmara Municipal de Luís Gomes, especialmente os vereadores representantes da região de Major Sales: José Fortunato de Sousa, Francisco de

Sales Mafaldo e Valdecir Nazário de Figueiredo. O deputado estadual Raimundo Fernandes também teve papel fundamental na tramitação legislativa, em parceria com o então governador do estado, Dr. José Agripino Maia. O esforço conjunto entre comunidade e representantes políticos resultou, finalmente, na promulgação da Lei Estadual nº 6.298, em 26 de junho de 1992, que oficializou a emancipação política da Vila, elevando-a à categoria de município, com plena autonomia administrativa (MAJOR SALES, 2017).

Nos primeiros anos, de 1992 a 1996, Major Sales permaneceu sob a administração de Luís Gomes até que, em 3 de outubro de 1996, foram realizadas as primeiras eleições municipais. O município elegeu Dr. Carlos José Fernandes como primeiro prefeito, juntamente com o vice-prefeito Raimundo Matias de Oliveira e os vereadores. A instalação oficial ocorreu em 1º de janeiro de 1997, marcando o início da autonomia política-administrativa de Major Sales e o início de uma nova fase de progresso e desenvolvimento (MAJOR SALES, 2017).

Dessa forma, a história de Major Sales evidencia um processo de crescimento pautado na força de sua comunidade e na busca por autonomia. Desde seus primeiros habitantes até sua emancipação política, o município consolidou-se como um exemplo de desenvolvimento progressivo no Alto Oeste Potiguar. A instalação oficial em 1997 marcou o início de uma nova era, permitindo que Major Sales trilhasse seu próprio caminho administrativo e socioeconômico. Hoje, a cidade preserva suas raízes históricas enquanto busca novas oportunidades para o crescimento e o fortalecimento de sua identidade cultural (MAJOR SALES, 2017).

3.2 Cultura, arte e tradição

As práticas culturais e artísticas de Major Sales revelam uma harmoniosa fusão entre tradições ancestrais e expressões contemporâneas que dialogam com o presente sem romper com o passado. Esse entrelaçamento de tempos e formas confere à cidade uma identidade cultural dinâmica, porém fiel às suas raízes. É importante destacar que, apesar da influência de novas linguagens e estilos, grande parte desse valioso patrimônio imaterial se mantém viva, preservada com orgulho por seus habitantes e transmitida de geração em geração (Figura 7).

Essa vitalidade cultural se manifesta por meio de diversos grupos que atuam ativamente na preservação e difusão das tradições locais. Major Sales abriga uma variedade de coletivos culturais. Além disso, cada grupo carrega consigo um repertório único de saberes, ritmos e narrativas que enriquecem o cotidiano da cidade e transformam os espaços públicos em palcos vivos de celebração e pertencimento. Esses grupos não apenas mantêm

vivas as tradições, mas também estimulam a participação da juventude e fomentam a criatividade, fazendo da cultura um elo entre passado, presente e futuro.

Figura 7 - Apresentação de grupo caboclo



Fonte: @Terradacultura (2024)

Outrossim, um dos grupos culturais mais conhecidos são os Caboclos Malhação de Judas, que possuem raízes profundamente ligadas à ancestralidade indígena, evidenciando a fusão de elementos culturais que compõem o imaginário popular do sertão nordestino. Em Major Sales, a origem dessa tradição remonta ao início do século XX, tendo como figura central o senhor José Berto da Silva, nascido em 1888 na região do Seridó potiguar. Em 1904, José Berto chegou ao sítio Diamantina, onde deu início a um legado que marcaria para sempre a história cultural do município. Foi ele o primeiro a organizar um grupo de Caboclos na região, tornando-se, ao longo dos anos, uma das mais respeitadas referências da cultura popular local (SOUZA, 2015).

Os grupos caboclos, protagonizam a performance com notável riqueza estética e musical (Figura 8). A estrutura sonora dos grupos é composta por instrumentos típicos da música nordestina, como a sanfona, a zabumba, o triângulo e o pandeiro, que juntos criam uma ambiência sonora rítmica e envolvente. A coreografia envolve vinte e seis brincantes, sempre dispostos em roda, executando passos característicos ao redor do boneco de Judas, que permanece no centro sendo agredido com bastões e pisoteado com intensidade.

Além disso, os dançarinos, usam trajes com uso de materiais locais, como sacos, cabaças, cordas, carnaúba e usando cores vibrantes no figurino. Com isso, emitem sons guturais carregados de emoção, ampliando o impacto visual e sonoro nas apresentações. Toda a produção dos figurinos é realizada de forma colaborativa, por meio de mutirões comunitários que reforçam o sentimento de pertencimento. Essa construção coletiva não

apenas fortalece os laços entre os moradores, como também transmite às novas gerações o valor da tradição e da cooperação.

Figura 8 – Apresentação de caboclos



Fonte: Prefeitura de Major Sales, (2025)

Os Caboclos de Major Sales já acumulam uma trajetória significativa de reconhecimento nos âmbitos regional, estadual e nacional. Entre os destaques, está a implantação da Biblioteca Pública Municipal Ivi Mafaldo da Silveira, fruto de uma parceria com a Biblioteca Nacional, que representa um avanço significativo na democratização da leitura e no incentivo ao saber. A cidade também foi contemplada pelo Programa BNB de Cultura, recebendo prêmios consecutivos com os projetos “Paixão de Ler Prazer de Brincar” (2007) e “Leituridade” (2008), ambos voltados à formação de leitores e ao estímulo à leitura criativa.

Ademais, o fortalecimento das expressões culturais tradicionais passa, cada vez mais, pelo reconhecimento institucional e pela valorização de práticas comunitárias que preservam a memória e a identidade de um povo. Nesse contexto, destaca-se a conquista do Grupo de Caboclos de Major Sales, agraciado com o Prêmio Boas Práticas – Edital nº 05/2015, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Essa premiação representa não apenas o reconhecimento oficial da riqueza simbólica e da importância histórica da dança dos caboclos, mas também legitima, em âmbito nacional, os esforços empreendidos pela comunidade major-salense na salvaguarda de seus saberes ancestrais. A distinção fortalece a visibilidade do grupo como guardião de um patrimônio imaterial singular, cuja continuidade depende de apoio estruturado e da criação de políticas públicas voltadas à cultura de base. Assim, a premiação se configura como marco na trajetória do grupo, reafirmando a relevância de investimentos em espaços culturais que assegurem a permanência e o florescimento dessas práticas no tempo.

Além disso, destaca-se na cidade a realização do Festival de Caboclos, uma vibrante celebração da cultura popular com forte ênfase nas tradições caboclas. Com duração de cinco dias, o evento transforma Major Sales em um polo cultural da região, reunindo uma programação diversificada que contempla apresentações artísticas, espetáculos teatrais, oficinas, feiras de artesanato, gastronomia típica e shows musicais. O festival acontece, principalmente, na Praça de Eventos, um espaço urbano que se adapta para acolher o público, os expositores e os artistas, tornando-se o cenário principal dessa grande festa popular.

Figura 9 – Festival de caboclos – Major Sales



Fonte: Prefeitura de Major Sales (2025)

Durante o festival, a cidade recebe um expressivo número de visitantes vindos de municípios vizinhos e de outras regiões do estado, o que movimenta intensamente o comércio local. Feirinhas de produtos artesanais, comidas típicas e artigos culturais são montadas ao redor da praça, criando um circuito de trocas que beneficia diretamente pequenos produtores, artesãos e comerciantes (Figura 9). Essa dinâmica impulsiona a economia local de forma significativa, gerando renda temporária e fortalecendo vínculos entre cultura e desenvolvimento econômico. O ambiente festivo promove também o intercâmbio cultural e a valorização dos saberes populares.

O ponto culminante da programação ocorre no sábado de Aleluia, quando é realizado o tradicional Concurso de Caboclos, considerado o momento mais simbólico e esperado do festival. Diversos grupos culturais se apresentam com trajes coloridos, máscaras elaboradas e coreografias marcadas por força, ritmo e teatralidade (Figura 10). Entre os destaques está o próprio grupo Caboclos de Major Sales, referência cultural do município e patrimônio imaterial do Rio Grande do Norte. As apresentações são avaliadas por um corpo de jurados que considera critérios como criatividade, originalidade, expressividade e

fidelidade às tradições, conferindo ao evento um caráter artístico e competitivo ao mesmo tempo.

Figura 10 – Concurso de caboclos – Major Sales



Fonte: Prefeitura de Major Sales (2023)

Mais do que um espetáculo visual, o concurso e o festival como um todo representam uma experiência de afirmação identitária e de resistência cultural. Para os habitantes de Major Sales, participar ou assistir às apresentações é uma forma de reviver a memória coletiva, reforçar os laços comunitários e transmitir às novas gerações os valores e símbolos que definem a história da cidade. O Festival de Caboclos, portanto, é mais do que um evento anual, trata-se de um importante instrumento de preservação do patrimônio cultural, de fortalecimento da economia local e de valorização do espaço público como local de convivência, celebração e pertencimento.

Outro importante grupo cultural da cidade é o Grupo de Rei de Congo do Mestre Bebé, uma manifestação artística de grande expressividade que preserva os traços da dança tradicional nordestina, resgatando símbolos, ritmos e práticas ancestrais. A origem desse grupo remonta à década de 1930, quando a tradição foi iniciada pelo senhor José Berto, figura central na história cultural de Major Sales. A prática permaneceu ativa até o final dos anos 1940 (CABOCLOS E REI DE CONGO, [s.d.]). Atualmente, a missão de manter viva essa rica herança está sob a responsabilidade de Mestre Bebé, filho de João Berto da Silva e neto do fundador. O grupo é composto majoritariamente por familiares do mestre, como filhos, netos e sobrinhos, o que reforça os laços de pertencimento e a continuidade geracional da tradição.

O Grupo de Rei de Congo do Mestre Bebé (Figura 11), é uma expressiva manifestação da dança tradicional nordestina, mantendo viva uma herança cultural que atravessa gerações. Composto por 35 integrantes, entre homens e mulheres, o grupo reúne

peças de diferentes idades, a maioria delas nascidas e residentes no próprio município. São 07 mulheres, em sua maioria estudantes, e 28 homens, que atuam como dançarinos e músicos. Muitos desses integrantes conciliam sua participação no grupo com atividades ligadas à agricultura e com os estudos, demonstrando o compromisso da comunidade em manter viva a cultura popular mesmo diante das exigências da vida cotidiana.

Figura 11: Apresentação do grupo Rei de Congo



Fonte: Prefeitura de Major Sales (2023)

Além de dançar, os integrantes do grupo também se destacam por sua multifuncionalidade artística: tocam instrumentos tradicionais como sanfona e pandeiro, e alguns ainda se dedicam ao artesanato, sendo, portanto, artistas em múltiplas dimensões. O Grupo do Rei de Congo de Major Sales é uma ramificação da antiga dança do Rei de Couro, tradicionalmente realizada durante as celebrações da Festa de Reis. Essa tradição teve como figura central o senhor José Berto, mestre da cultura popular, que transmitiu seu legado ao filho, João Berto, pai do atual mestre, Mestre Bebê. Assim, o grupo representa não apenas uma continuidade artística, mas também um elo profundo entre passado e presente, entre memória familiar e identidade coletiva, reforçando o valor simbólico e cultural dessa manifestação dentro do contexto do semiárido potiguar.

Todavia, Major Sales também conta com grupo junino, conhecido como Junina Mandacaru (Figura 12), é uma expressiva manifestação cultural que desempenha um importante papel social ao promover a inclusão de crianças, adolescentes e jovens por meio da arte. Com uma proposta educativa e artística, o grupo desenvolve atividades que integram teatro, música e dança, formando um ambiente de consciência cidadã e valorização da identidade cultural nordestina. Atualmente, conta com 67 membros, organizados entre coordenação, dançarinos, músicos e equipe técnica, todos unidos pelo compromisso de

manter viva a tradição das festas juninas enquanto ampliam as possibilidades de expressão cultural para as novas gerações (MAJOR SALES, 2018).

Figura 12- Apresentação do grupo Rei de Congo



Fonte: Prefeitura de Major Sales (2023)

Com uma trajetória sólida construída ao longo de 17 anos, a Junina Mandacaru já encantou plateias em inúmeras festividades de São João, circulando por diversas cidades dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Seus espetáculos, que mesclam dança e encenação teatral, trazem temas variados como Sanfonas da alegria, acordes de emoções e narrativas sobre a história dos caboclos, resgatando e celebrando elementos essenciais da cultura regional. A riqueza do figurino, a ambientação cênica e o cuidado com a iluminação tornam o espetáculo um verdadeiro tributo à alma nordestina, tendo como fio condutor a sanfona. Além disso, a Junina Mandacaru, assim, não apenas emociona o público, mas reafirma anualmente o valor da cultura popular como instrumento de educação, identidade e pertencimento.

Outro grupo cultural da cidade é a Orquestra Sanfônica (Figura 13), que se constitui como uma das mais significativas expressões musicais do município, cumprindo um papel essencial na valorização das tradições populares e na formação cidadã por meio da cultura. A iniciativa tem como base a inclusão social, reunindo crianças, adolescentes, adultos e mulheres em um ambiente de aprendizagem musical acessível e afetivo. Ao introduzir desde cedo a sanfona na vida das crianças, a orquestra estimula o pertencimento cultural e fortalece a identidade local, ao mesmo tempo em que oferece uma alternativa educativa e artística de grande impacto na vida dos participantes.

Figura 13 – Apresentação da Orquestra Sanfônica



Fonte: Prefeitura de Major Sales (2023)

Além de preservar a tradição musical da região, a Orquestra Sanfônica funciona como uma ferramenta de apoio pedagógico e social, desenvolvendo disciplina, criatividade e autoestima nos seus integrantes. Por meio de aulas, ensaios coletivos e apresentações públicas, os músicos em formação têm a oportunidade de participar ativamente da vida cultural da cidade, sendo frequentemente integrados a outros eventos artísticos, como as apresentações da Junina Mandacaru e as celebrações de festas tradicionais. Assim, a orquestra não apenas ensina a tocar um instrumento, mas também promove a formação integral dos sujeitos, estimulando o respeito às raízes e à diversidade cultural do semiárido potiguar.

Dessa forma, percebe-se que os diversos grupos culturais de Major Sales, como os Caboclos, o Grupo de Rei de Congo, a Junina Mandacaru e a Orquestra Sanfônica, dentre outros, desempenham um papel fundamental na preservação da memória coletiva, no fortalecimento da identidade local e na promoção da inclusão social. Mais do que manifestações artísticas, essas expressões representam espaços de convivência, formação e resistência cultural, sendo essenciais para manter vivas as tradições do povo major-salense.

4 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

A utilização de referências projetuais exerce um papel fundamental no desenvolvimento de propostas arquitetônicas, uma vez que possibilita a identificação de soluções e elementos capazes de enriquecer e aprimorar as ideias em fase de concepção. Essa estratégia foi adotada neste projeto com o objetivo de garantir que a proposta final não apenas considere as principais limitações contextuais, mas também se inspire em espaços preexistentes que evidenciem funcionalidade e eficiência.

Foram selecionadas três referências distintas, abrangendo uma variedade de aspectos relevantes ao tema. Durante esse processo, dedicou-se atenção especial à qualidade estética, à organização do programa de necessidades, às funções específicas de cada espaço, à disposição estratégica dos ambientes e à integração de recursos naturais, buscando estabelecer um diálogo entre forma, função e materiais.

4.1 Centro Cultural Arauco

O Centro Cultural Arauco (Figura 14), situado na cidade de Arauco, no Chile, é uma obra concebida pelos arquitetos chilenos Mirene Elton e Mauricio Léniz, do renomado escritório *Elton + Léniz Arquitectos Asociados*. Reconhecido por sua abordagem interdisciplinar, o escritório desenvolve projetos em múltiplas escalas e tipologias. Iniciado em 2012 e concluído em 2016, o projeto do Centro Cultural Arauco conta com uma área construída de aproximadamente 1.400 m² (LÉNIZ, 2018).

A escolha deste equipamento cultural como objeto de estudo deve-se, primordialmente, a valorização a integração com o entorno natural e urbano, o projeto faz uso expressivo de materiais locais, como a madeira, e adota soluções sustentáveis e funcionais que favorecem a acessibilidade, a flexibilidade dos espaços e a vivência comunitária. A edificação abriga uma diversidade de ambientes culturais, como auditórios, salas multiuso e áreas de convivência, tornando-se um importante equipamento sociocultural para a população.

Figura 14 – Fachada principal do Centro Cultural Arauco



Fonte: Léniz (2018)

Desde sua concepção, segundo Léniz (2018) o Centro Cultural Arauco foi projetado com foco na coletividade, buscando atuar como uma extensão do espaço público e promovendo o acesso democrático à cultura. Um dos elementos centrais do projeto é o pátio interno, configurado como uma praça coberta no coração do edifício. Essa área aberta e convidativa estabelece um forte vínculo entre o interior e o exterior, despertando o interesse visual de quem circula ao redor e facilitando o acesso direto a partir da via pública, o que reforça o caráter inclusivo e participativo do espaço.

O pavimento térreo (Figura 15) organiza-se em torno desse pátio central, que funciona como o principal ponto de distribuição dos fluxos e também como espaço de permanência e encontro. Pensado como um lugar de convivência, o pátio se configura como um espaço dinâmico, capaz de acolher eventos e manifestações culturais, servindo de palco para o cotidiano da comunidade local (LÉNIZ, 2018). Essa disposição programática reforça a fluidez do projeto e sua capacidade de adaptação às necessidades da comunidade, consolidando o centro cultural como um espaço vivo, integrador e acolhedor.

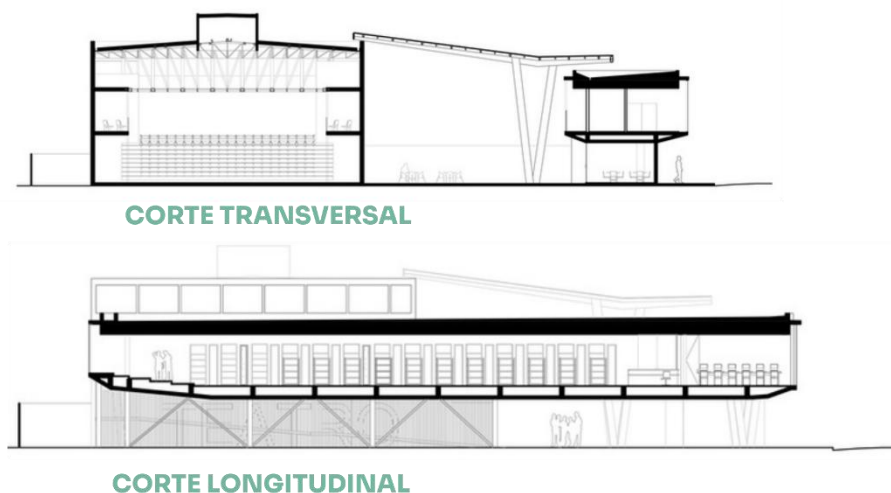
Figura 15 – Plantas Baixas do Centro Cultural Arauco



Fonte: Léniz (2018) Adaptado do QGIS (2025)

Entretanto, já o segundo pavimento foi desenvolvido em continuidade à organização espacial do térreo, porém com adaptações que consideram a relação com o contexto urbano e o conforto dos usuários. Parte da edificação, ao se elevar sobre o nível da rua, preserva uma área de recuo no térreo, criando uma marquise que protege e libera a calçada para a passagem livre dos pedestres, reforçando o caráter acolhedor e acessível do edifício. Além disso, está situada a biblioteca, ambiente que demanda maior privacidade e controle acústico. Ao ser posicionada no nível superior, a biblioteca se beneficia de uma maior distância das áreas de maior circulação e atividade do térreo, garantindo um espaço mais silencioso, confortável e propício à leitura, ao estudo e à contemplação (LÉNIZ, 2018).

Figura 16 – Cortes do Centro Cultural Arauco



Fonte: Léniz (2018), adaptado pelo Autor (2025)

Os cortes do Centro Cultural (Figura 16) evidenciam uma organização espacial que respeita a topografia local e valoriza a relação entre interior e exterior. A variação dos níveis acompanha o relevo, promovendo percursos fluidos e acessos naturais. Léniz (2018) salienta que foi projetado com os pés-direitos generosos, principalmente nos espaços como o auditório e o foyer, que conferem amplitude e qualidades acústicas e visuais. Além disso, os cortes revelam o uso inteligente da luz natural e da ventilação, com aberturas bem posicionadas e uma cobertura que unifica e protege o conjunto de forma elegante.

O projeto Arauco contempla também um espaço voltado à jardinagem, que contribui para qualificar o ambiente como um local de permanência, lazer e bem-estar (LÉNIZ, 2018). Este espaço, ao integrar elementos naturais ao conjunto arquitetônico, proporciona aos usuários uma experiência mais sensorial e acolhedora, favorecendo atividades como a leitura e o encontro entre grupos (Figura 17). Ao estimular o convívio em meio à vegetação, esse ambiente se consolida como uma extensão do espaço cultural, promovendo o uso espontâneo e dinâmico por parte da população.

Figura 17 – Espaço de convivência do Centro Cultural Arauco



Fonte: Léniz (2018)

A criação do centro cultural representou mais do que uma nova edificação, simbolizou a recuperação de práticas e valores que haviam sido gradualmente perdidos com o tempo. A presença de novos espaços de lazer e descanso, trouxe não apenas atrativos contemporâneos, mas também um ambiente de acolhimento e tranquilidade, capaz de aproximar antigos frequentadores e atrair novos públicos. Para Léniz (2018) o local passou a ser frequentado de forma mais assídua, contribuindo para o fortalecimento da vivência cultural

e para a valorização das manifestações artísticas, consolidando-se como um polo ativo e integrador dentro do tecido urbano.

Com o intuito de valorizar as qualidades físicas e paisagísticas da área circundante, o projeto do Centro Cultural Arauco incorporou estratégicos elementos de caráter ambiental e simbólico. A orientação da edificação foi cuidadosamente estudada para potencializar as visadas privilegiadas do entorno, estabelecendo um diálogo sensível com a geografia local. Voltado ao norte, o edifício se abre para a costa de Arauco, permitindo amplas panorâmicas do litoral ao sul, direciona-se para as montanhas do Cerro, configurando uma relação visual direta com esse marco natural de grande relevância cultural (LÉNIZ, 2018).

Figura 18 – Biblioteca do Centro Cultural Arauco



Fonte: Léniz (2018)

Conquanto, Léniz (2018) cita que para reforçar essa conexão entre arquitetura e paisagem, a biblioteca do centro foi equipada com brises de madeira (Figura 18), que além de atuarem como dispositivos de controle solar, filtrando a luz natural de forma eficiente, também conduzem intencionalmente o olhar em direção ao Cerro Colo Colo. Essa escolha projetual transcende a funcionalidade, ao incorporar uma dimensão simbólica e identitária, conectando o edifício aos valores ancestrais da comunidade local e reconhecendo a importância do território.

4.2 Estação da Cultura Presidente Itamar Franco

A Estação da Cultura Presidente Itamar Franco (Figura 19) é um complexo arquitetônico e cultural localizado em Belo Horizonte, concebido para abrigar e impulsionar a produção artística em Minas Gerais. Idealizado pelos arquitetos Jô Vasconcelos e Rafael

Yanni, o projeto combina funcionalidade contemporânea com preservação histórica, ao integrar um casarão dos anos 1930 com estruturas modernas voltadas à música, rádio e televisão. Com mais de 14.000 m², o espaço se destaca como sede da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais e inclui estúdios, salas de ensaio e um bistrô, oferecendo um ambiente dinâmico e acessível para artistas e público. Segundo Vada (2021), os arquitetos buscaram promover um espaço de uso coletivo que estabelecesse uma relação mais direta entre os usuários e o ambiente.

A escolha da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco como objeto de estudo, se dá pela sua expressiva representatividade no cenário da arquitetura cultural contemporânea no Brasil. O projeto se destaca não apenas pela sua qualidade estética e técnica, mas também por seu papel estratégico na requalificação urbana e na promoção do acesso à cultura em uma região anteriormente carente de espaços públicos qualificados. A articulação entre memória e modernidade, aliada ao uso inteligente da estrutura, da luz e da materialidade, revela um exemplo rico de como a arquitetura pode transcender o edifício em si e tornar-se ferramenta de transformação social e regeneração urbana (VADA, 2021). Estudar esse projeto permite uma reflexão aprofundada sobre temas como inserção urbana, desenho inclusivo, sustentabilidade e o impacto da arquitetura no cotidiano das pessoas.

Figura 19 – Fachada da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco



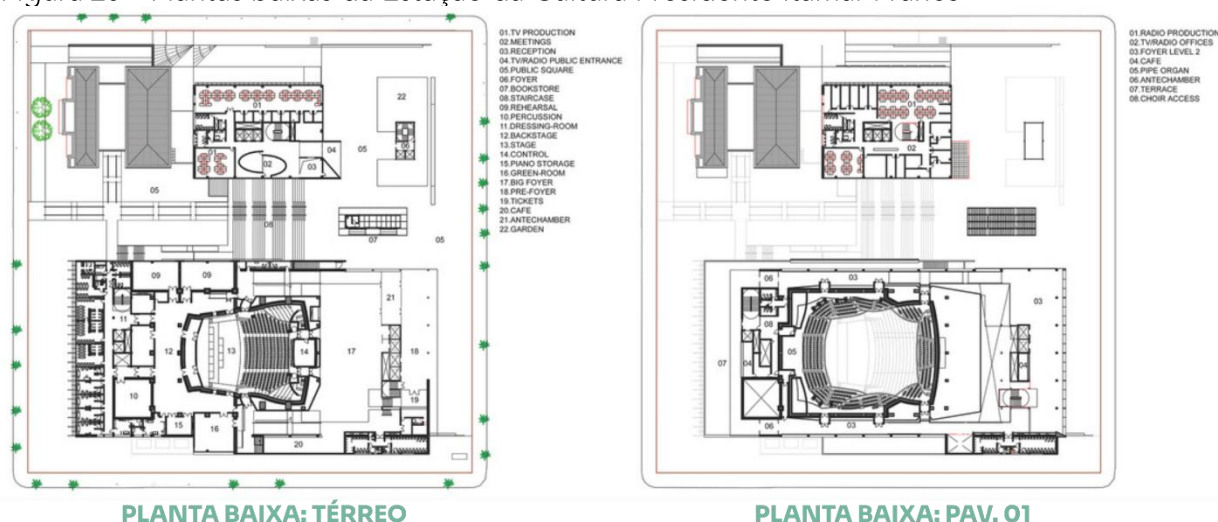
Fonte: Vada (2021)

O complexo dispõe de uma ampla infraestrutura de acessibilidade e suporte ao público, contando com 535 vagas de estacionamento, além de espaços destinados a motocicletas e bicicletas, todos localizados em um pavimento subterrâneo que também abriga áreas técnicas de reserva e apoio. Conforme Vada (2021) a estrutura robusta reflete a escala monumental do projeto, preparada para receber grandes fluxos de visitantes que frequentam a Estação da Cultura de forma contínua. A elevada usabilidade do espaço está

diretamente relacionada à sua implantação estratégica em uma região de fácil acesso e alta visibilidade urbana, o que favorece a circulação de públicos diversos e potencializa a difusão cultural em múltiplas direções dentro da cidade.

Além disso, os jardins, as salas de música, praça de alimentação e as áreas de circulação do complexo se destacam não apenas por sua funcionalidade, mas também pela atenção à qualidade ambiental e sensorial dos espaços. O uso de materiais selecionados, aliados a um projeto de iluminação que valoriza tanto a luz natural quanto soluções artificiais cuidadosamente posicionadas, resulta em ambientes acolhedores e visualmente agradáveis. As plantas baixas dos principais pavimentos evidenciam a organização inteligente e adaptável do edifício, permitindo a acomodação eficiente de um programa diverso e dinâmico. Um dos grandes destaques arquitetônicos é a cobertura metálica vazada, que se estende sobre os dois blocos principais (VADA, 2021).

Figura 20 – Plantas baixas da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco



Fonte: Vada (2021), adaptado pelo Autor (2025)

Ademais, o conjunto arquitetônico apresenta um layout versátil, no qual predomina a centralidade do grande auditório, elemento principal do programa e referência espacial do complexo. Distribuído em quatro pavimentos inteiramente ocupados por assentos, o auditório foi projetado para oferecer excelência em conforto, visibilidade e desempenho acústico, obedecendo rigorosamente às normas de acessibilidade e aos critérios de sustentabilidade energética. A complexidade estrutural do edifício (Figura 20) exigiu uma solução precisa para os fluxos de circulação, resultando na implantação estratégica de elementos verticais e horizontais que conectam com fluidez os diferentes setores (VADA, 2021).

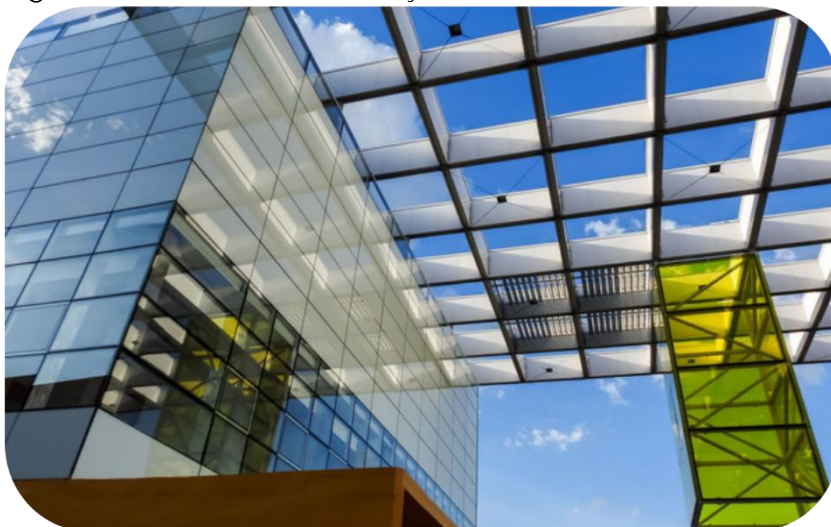
Figura 21: Área interna da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco



Fonte: Vada (2021)

A implantação da edificação respeita a topografia natural do terreno, situando-se no ponto de melhor acesso e minimizando intervenções no solo, o que reforça o compromisso com a sustentabilidade e a integração ao ambiente existente. Conforme Vaga (2021) menciona, a organização volumétrica do conjunto privilegia a criação de vazios generosos entre os blocos construídos, culminando em uma grande praça de convivência (Figura 21), um espaço convidativo, concebido para o lazer, o descanso e a interação social. Esta praça não apenas cumpre um papel funcional, como também atua simbolicamente na reconstrução da identidade urbana local, oferecendo uma nova centralidade que fortalece os laços entre arquitetura, cidade e comunidade.

Figura 22: Área interna da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco



Fonte: Vada (2021)

Todavia, a cobertura se destaca como um dos principais gestos arquitetônicos do projeto, tanto pela sua solução técnica quanto pela potência simbólica que imprime ao conjunto. Trata-se de uma estrutura metálica reticulada e vazada (Figura 22), com grandes vãos livres, que se eleva acima dos dois blocos principais sem tocá-los diretamente, criando a sensação de leveza e flutuação. Pintada em branco, essa cobertura se impõe na paisagem urbana como uma marca visual nítida, ao mesmo tempo em que proporciona sombreamento eficaz para os volumes abaixo, contribuindo para o desempenho térmico e o conforto ambiental (VAGA, 2021). Sua permeabilidade permite a entrada de luz natural filtrada e a circulação de ar, favorecendo a ventilação e reforçando a sustentabilidade do edifício.

4.3 Centro Cultural Sedan

Projetado em 2012 pelo escritório Richard + Schoeller Architectes, o Centro Cultural de Sedan (Figura 23) está localizado em um ponto estratégico no norte da França, às margens do rio Meuse, em meio a um tecido urbano denso e consolidado. Com cerca de 2.800 m² de área construída, o edifício abriga um auditório para 500 pessoas, salas de ensaio, espaços expositivos e áreas administrativas, configurando-se como um polo cultural multifuncional. Sua arquitetura combina volumes sóbrios e materiais contemporâneos como concreto e vidro, inserindo-se de forma harmônica no contexto histórico da cidade enquanto afirma sua identidade moderna e aberta à paisagem (RICHARD, 2013).

A escolha do Centro Cultural de Sedan como objeto de estudo, se fundamenta em seu caráter exemplar como equipamento público contemporâneo inserido em um contexto urbano histórico. O projeto apresenta soluções arquitetônicas sensíveis que equilibram funcionalidade, expressividade formal e integração com o entorno consolidado. Além disso, a forma como o edifício articula diferentes usos culturais, como o auditório, salas de ensaio, exposições e administração, em uma linguagem clara e coesa, oferece um campo fértil para análises sobre arquitetura cultural, inserção urbana e relações entre espaço público e arquitetura.

Figura 23 – Centro Cultural Sedan



Fonte: Richard (2013)

Outrossim, o Centro Cultural de Sedan se destaca como uma intervenção urbana que equilibra sensibilidade histórica e linguagem arquitetônica contemporânea. Implantado em um contexto urbano denso e consolidado, o edifício estabelece um diálogo respeitoso com o entorno, ao mesmo tempo em que se apresenta como um novo ponto de referência cultural na cidade. Richard (2013) fala que sua volumetria sóbria e bem articulada, aliada à transparência e à fluidez dos espaços, convida à aproximação e à convivência. A relação com o rio Meuse, que margeia o terreno, é explorada de maneira sutil e poética, ampliando a experiência sensorial dos usuários e reforçando os vínculos entre arquitetura, paisagem e comunidade. Nesse sentido, o projeto vai além de sua função programática e se consolida como um espaço de encontro, troca e pertencimento, fortalecendo a dimensão pública e social da arquitetura.

Figura 24 – Plantas Baixas do Centro Cultural Sedan



Fonte: Richard (2013), adaptado pelo Autor (2025)

As plantas baixas (Figura 24) do Centro Cultural de Sedan revelam uma organização espacial clara e racional, que busca otimizar a funcionalidade do programa ao mesmo tempo em que favorece a fluidez entre os ambientes. A setorização dos espaços é bem definida, com a área do auditório estrategicamente posicionada para facilitar o fluxo do público, enquanto as salas de apoio, oficinas e áreas expositivas se distribuem de forma a garantir acessos independentes e flexíveis. A circulação é marcada por eixos bem estruturados, que articulam os diferentes núcleos funcionais sem sobreposição de fluxos, assegurando conforto e legibilidade espacial (RICHARD, 2013). Além disso, a presença de áreas de transição e espaços de convivência reforça o caráter público e acolhedor da edificação, permitindo múltiplas possibilidades de apropriação pelos usuários.

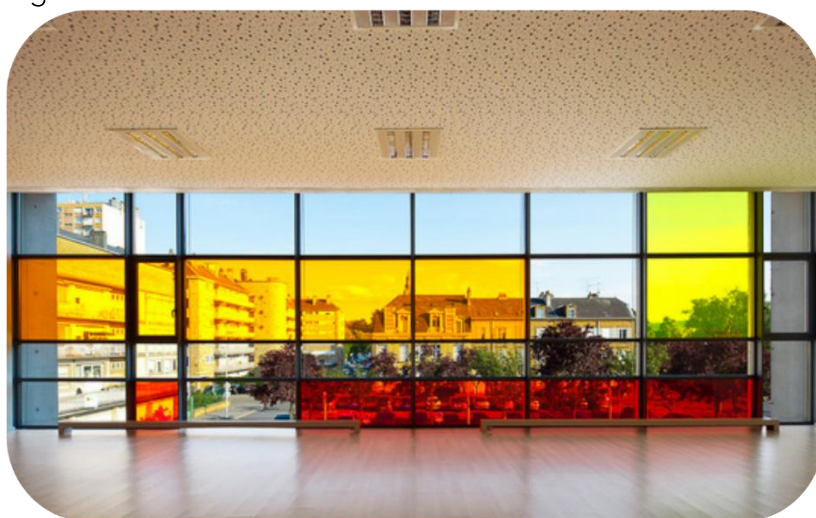
Figura 25 – Fachada do Centro Cultural Sedan



Fonte: Richard (2013)

Entretanto, a fachada do Centro Cultural (Figura 25) traduz com delicadeza a linguagem contemporânea adotada no projeto, ao mesmo tempo em que preserva um diálogo harmonioso com o contexto urbano histórico em que se insere. Richard (2013) menciona a utilização predominantemente de concreto aparente e amplas superfícies envidraçadas, a composição busca um equilíbrio entre robustez e leveza, projetando uma identidade institucional que é, ao mesmo tempo, acessível e convidativa. As aberturas generosas em vidro criam uma conexão visual direta entre os espaços internos e o ambiente urbano, incentivando a interação da comunidade com o edifício. A organização precisa dos cheios e vazios permite o aproveitamento da luz natural sem comprometer o conforto térmico, reforçando a eficiência ambiental.

Figura 26 – Área interna do Centro Cultural Sedan



Fonte: Richard (2013)

Ademais, já no espaço interno é caracterizado por bastante funcionalidade, resultado de uma arquitetura que prioriza a simplicidade formal e a qualidade dos ambientes. A disposição dos espaços é clara e bem articulada, permitindo uma circulação fluida entre os diferentes setores, como o auditório, salas de ensaio e áreas expositivas. A luz natural penetra de forma sutil através de aberturas estrategicamente posicionadas (Figura 26), contribuindo para o conforto visual e reforçando a conexão entre interior e exterior. Os materiais utilizados, de tonalidades neutras e texturas suaves, criam uma ambientação discreta que valoriza as atividades culturais desenvolvidas no local (RICHARD, 2013). Internamente, o projeto promove uma sensação de leveza e funcionalidade, proporcionando ao usuário uma experiência sensorial agradável e intuitiva.

4.4 Quadro comparativo

A análise comparativa entre os centros culturais de Arauco (Chile), da Estação da Cultura Presidente Itamar Franco (Brasil) e de Sedan (França) oferece subsídios importantes para o desenvolvimento do projeto. O Centro Cultural Arauco destaca-se pela forte integração com o entorno natural e pelo uso de materiais locais, como a madeira, além da presença de espaços abertos de convivência, como o pátio central, que funciona como uma extensão do espaço público. Esses aspectos dialogam diretamente com a realidade de Major Sales, uma cidade com forte identidade cultural, onde a criação de ambientes acolhedores e integrados ao contexto urbano pode fortalecer os vínculos sociais e culturais. Já o projeto de Sedan contribui com sua organização espacial racional, clareza de circulação e linguagem arquitetônica contemporânea sensível ao patrimônio, elementos importantes para pensar uma arquitetura que seja funcional, acessível e respeitosa ao contexto histórico e cultural do município.

Por outro lado, a Estação da Cultura Presidente Itamar Franco serve como referência em termos de multifuncionalidade e escala programática, sendo um modelo para compreender como equipamentos culturais podem assumir papel estratégico na requalificação urbana e no fortalecimento da identidade local. A integração entre patrimônio e modernidade, bem como a criação de espaços de convivência como pátios, auditórios e salas técnicas, aponta para a importância de um centro cultural que seja dinâmico, flexível e capaz de atender a diversos públicos.

Assim, os três projetos fornecem diretrizes complementares que enriquecem o processo projetual do TCC: Arauco inspira a integração paisagística e comunitária, a Estação da Cultura destaca a potência transformadora de um programa amplo e bem articulado e Sedan reforça o valor da clareza funcional, do respeito ao entorno e da experiência sensorial.

A partir dessas referências, o projeto para Major Sales poderá alcançar uma síntese sensível entre tradição, funcionalidade e contemporaneidade.

Quadro Comparativo entre Três Centros Culturais

Arauco (Chile), Estação da Cultura Presidente Itamar Franco (Brasil) e Centro Cultural de Sedan (França)

Tabela 1 – Quadro comparativo de projetos

Crítérios	Centro Cultural Arauco (Chile)	Estação da Cultura Presidente Itamar Franco (Brasil)	Centro Cultural de Sedan (França)
Localização e Contexto Urbano	Inserido em cidade costeira, com forte integração à paisagem natural e à malha urbana. Adapta-se à topografia.	Localizado em zona urbana densa de Belo Horizonte. Potencializa a requalificação do centro e promove nova centralidade cultural.	Implantado em contexto urbano consolidado e histórico, com diálogo sensível com o entorno e margens do rio Meuse.
Partido Arquitetônico	Projeto com pátio central (praça coberta), organização fluida e forte relação interior-exterior.	Complexo moderno com cobertura metálica vazada, auditório como elemento central, volumes separados por praça de convivência.	Volumetria sóbria, fluidez dos espaços, transparência e articulação funcional clara entre usos culturais.
Materiais e Sustentabilidade	Uso expressivo de madeira local, ventilação cruzada, brises, luz natural, marquise e jardim. Sustentabilidade integrada ao contexto.	Cobertura vazada promove conforto térmico, iluminação natural abundante, materiais de qualidade e grande eficiência energética.	Uso de concreto aparente e vidro com eficiência ambiental. Aberturas estratégicas aproveitam luz natural, sem comprometer o conforto.
Espaços Programáticos	Auditório, salas multiuso, biblioteca, pátio central, espaço de jardinagem e áreas de convivência.	Auditório, estúdios, salas de ensaio, praça, bistrô, jardins e estacionamento subterrâneo.	Auditório, salas de ensaio, exposições, áreas administrativas e de convivência. Setorizado de forma racional e funcional.
Integração com a Comunidade	Forte vocação comunitária, incentivo à vivência cotidiana e à apropriação espontânea. Estimula a permanência.	Espaço de uso coletivo com grande acessibilidade e vocação para grandes eventos. Impacto regional e estadual.	Espaço público de encontro e troca, com linguagem acessível, inserido em tecido urbano histórico.
Pontos Positivos	Simplicidade formal, integração ambiental, apropriação comunitária, baixo	Escala monumental, multifuncionalidade, técnica sofisticada,	Clareza funcional, sobriedade formal, eficiência espacial, bom

	custo e flexibilidade espacial.	impacto urbano e arquitetura icônica.	uso da luz e acessibilidade universal.
Pontos Negativos	Menor capacidade programática e escala reduzida. Pode não comportar grandes eventos.	Alto custo de execução e manutenção, dependência de grande fluxo urbano para ativação constante.	Linguagem contemporânea pode contrastar com certos entornos históricos; programa menos variado que outros exemplos.
Contribuição para o TCC	Inspira a valorização da paisagem natural, uso de materiais locais e a criação de espaços de convívio integrados e flexíveis.	Oferece referência de programa amplo, soluções tecnológicas e infraestrutura para grande escala de uso.	Contribui com exemplos de organização funcional clara, sobriedade e elegância formal, boa relação com entorno urbano e setorização inteligente.

Fonte: Autor (2025)

5 DIAGNÓSTICO

Este capítulo é dedicado à análise abrangente do sítio de intervenção, contemplando tanto o terreno do projeto quanto sua zona de entorno imediato, considerada em um raio de 300 metros. O objetivo é compreender as características físicas e ambientais do terreno, considerando sua localização, dimensões, aspectos topográficos e os principais condicionantes climáticos que incidem sobre a área. Além da análise física e ambiental, também é analisado um conjunto de diretrizes legais e urbanísticas.

O levantamento desses dados visa estabelecer um diagnóstico claro e fundamentado, que subsidia as decisões projetuais ao longo de todo o processo de concepção arquitetônica. Dessa forma, busca-se garantir que a proposta esteja não apenas em conformidade com a legislação vigente, mas também alinhada às características contextuais e às demandas socioambientais do entorno.

5.1 Área de intervenção e critérios de escolha

Durante o processo de definição da área urbana destinada ao estudo preliminar do Centro Cultural no município de Major Sales – RN, foi conduzida uma análise dos diferentes bairros e lotes disponíveis, considerando as particularidades urbanísticas, sociais e funcionais de cada localidade. Esse levantamento teve como principal objetivo identificar um terreno que atendesse de forma plena às exigências programáticas do projeto, ao mesmo tempo em que estivesse estrategicamente posicionado em relação ao público-alvo que se deseja alcançar.

A seleção da área buscou contemplar fatores como centralidade, facilidade de acesso por meio de diferentes modais, visibilidade no tecido urbano e potencial de atratividade tanto para os moradores locais quanto para os habitantes das cidades vizinhas. A localização escolhida visa, portanto, não apenas atender a requisitos técnicos e logísticos, mas também reforçar o papel simbólico e social do equipamento cultural no território.

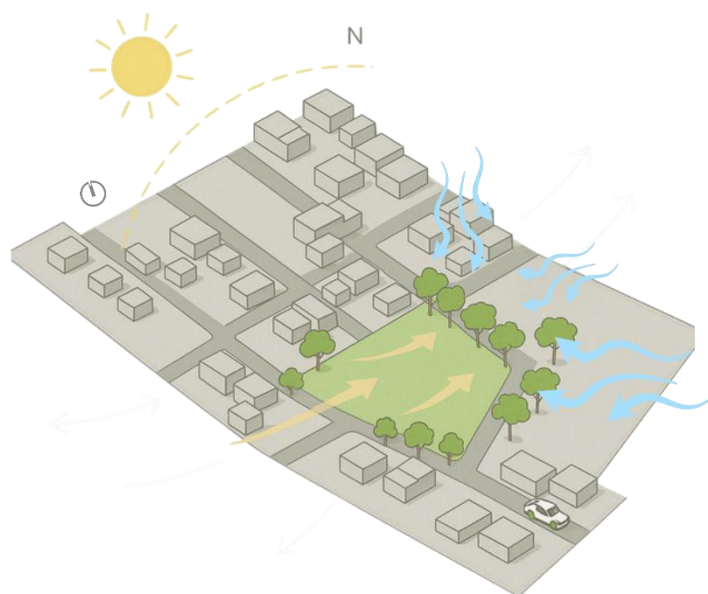
Figura 27 – Topografia e dimensões da gleba



Fonte: Adaptado do QGIS (2025)

Diante do exposto, a gleba destinada à implantação do centro cultural (Figura 27) possui uma área total de 5.792 m^2 . A topografia do terreno é suavemente inclinada, com um desnível de aproximadamente 1 metros no sentido norte, variando entre a cota máxima de 297m e a cota mínima de 296m. Em relação às suas dimensões físicas, a maior testada encontra-se na porção oeste do lote, medindo 91,85 metros e voltada diretamente para a Rua Sebastião Ribeiro Campos, o principal acesso ao terreno. A face norte, com 88,24 metros de extensão, é contígua a edificações residenciais e também a uma via pública. As demais testadas, voltadas para o leste e para o sul, apresentam, respectivamente, 53,88 metros e 78,41 metros de comprimento, conformando os limites do terreno em um perímetro irregular, porém bem definido para fins urbanísticos e projetuais.

Figura 28 – Esquema de localização, trajeto solar e ventos



Fonte: Adaptado do Sketchup (2025)

No que diz respeito às condições climáticas que influenciam o terreno, observa-se uma intensa incidência solar durante o período vespertino, especialmente sobre sua maior fachada, voltada para o Oeste, bem como na testada Norte. A análise dos dados climáticos revela a predominância de ventos oriundos das direções Nordeste e Sudeste, o que favorece principalmente as fachadas Leste, Norte e Sul com maior potencial para ventilação natural. Nesse sentido, o diagrama representado na figura 28 sintetiza a relação entre a orientação do terreno, o percurso aparente do sol ao longo do dia e a direção predominante dos ventos, fornecendo subsídios importantes para decisões projetuais relacionadas ao conforto ambiental.

Além disso, o terreno destinado à intervenção possui uma área aproximada de 5.792,65 m² e está situado em uma esquina estratégica, delimitado pelas ruas Sebastião Ribeiro Campos e Francisco Marcos de Brito. A conformação do terreno, aliada à sua ampla testada para ambas as vias, proporciona excelente visibilidade e favorece o acesso por diferentes direções, características vantajosas para a implantação de um equipamento público de caráter coletivo. A leitura das tipologias de uso no entorno imediato revela uma ocupação predominantemente residencial, intercalada por pontos de serviços e diversos e alguns lotes ainda desocupados. Essa composição urbana heterogênea contribui para a dinamicidade local e indica um cenário de transição e potencial adensamento, ampliando as possibilidades de integração funcional e social do projeto com a malha urbana já existente.

Figura 29 – Imagem do terreno



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

A leitura das imagens do terreno evidencia uma testada voltada diretamente para a via pública, o que representa um forte potencial de articulação entre o espaço privado e o tecido urbano (Figura 29). Essa configuração favorece não apenas a acessibilidade e a fluidez dos deslocamentos, mas também potencializa a visibilidade e a integração do projeto, criando uma relação ativa com a rua e estimulando o uso social do espaço. No interior do lote, observa-se a presença de vegetação esparsa, já o entorno imediato é composto majoritariamente por residências de pequeno a médio porte, compondo um cenário urbano consolidado e de uso predominantemente habitacional.

5.2 Condicionantes climáticas

Para fundamentar adequadamente as decisões projetuais, torna-se indispensável a compreensão das condições ambientais do local de intervenção. Nesse sentido, esta seção apresenta uma análise climática do município de Major Sales/RN, com o objetivo de fornecer subsídios técnicos que orientem a melhor ocupação do terreno. A investigação contempla dados referentes à temperatura, precipitação, umidade e demais variáveis relevantes, permitindo avaliar os fatores naturais que influenciam diretamente no conforto térmico, na ventilação natural. Com isso, busca-se garantir uma abordagem mais eficiente, sustentável e adaptada às características climáticas regionais.

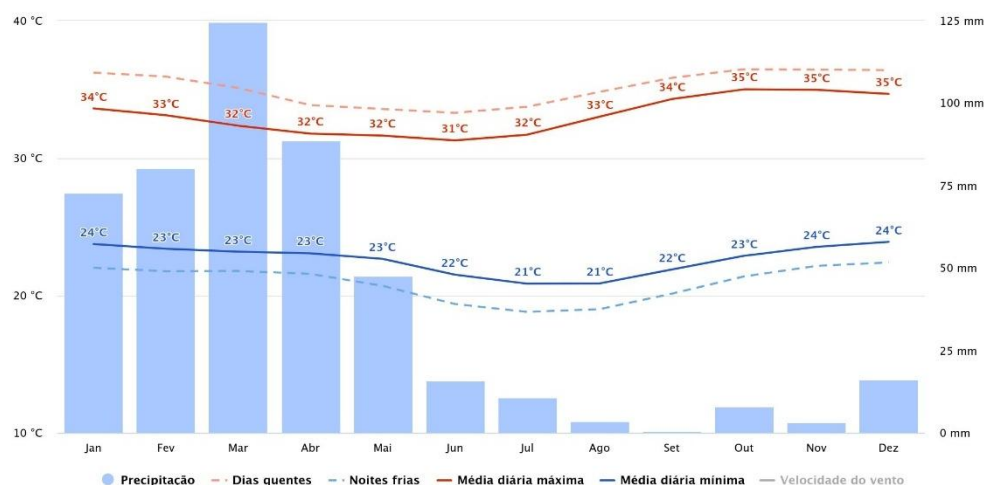
Figura 30 – Zona bioclimática 07



Fonte: NBR 15.220-1 (2003)

Conforme estabelece a norma NBR 15220-3 (ABNT, 2005), que trata do desempenho térmico de edificações habitacionais, o município de Major Sales/RN está inserido na Zona Bioclimática 7 do Brasil (Figura 30). Essa zona é caracterizada por altas temperaturas médias e baixos índices de umidade relativa do ar, o que exige soluções projetuais específicas para garantir o conforto térmico dos usuários. Entre as principais recomendações para construções nessa região, destacam-se o uso de aberturas reduzidas e devidamente sombreadas, de forma a minimizar o ganho de calor solar direto nos ambientes internos. Além disso, a norma sugere a aplicação de paredes e coberturas com maior massa térmica, capazes de retardar a transferência de calor para o interior das edificações. Estratégias bioclimáticas como o resfriamento evaporativo e a ventilação cruzada seletiva são especialmente indicadas para o período mais quente do ano, contribuindo para o equilíbrio térmico e a redução da dependência de sistemas artificiais de climatização.

Figura 31 – Gráfico de Temperaturas e precipitações – Major Sales/RN

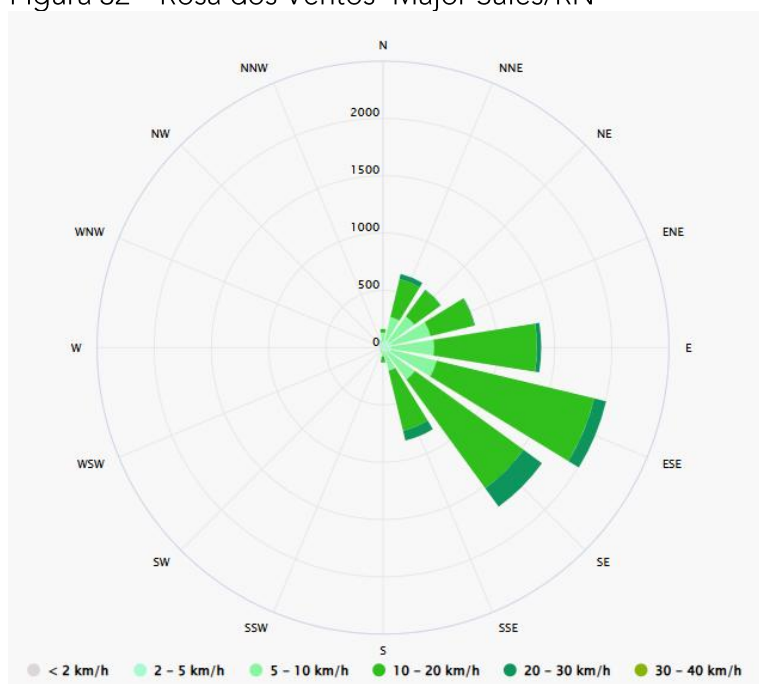


Fonte: Meteoblue (2025)

A análise climática do município de Major Sales/RN revela variações térmicas características de regiões de clima semiárido. A temperatura máxima diária média representada por uma linha vermelha contínua, indica os valores médios das temperaturas máximas registradas ao longo de cada mês, considerando uma série histórica de aproximadamente 30 anos. Por sua vez, a temperatura mínima diária média é identificada pela linha azul contínua, que mostra o comportamento médio das temperaturas mínimas mensais no mesmo intervalo temporal. Complementarmente, as linhas tracejadas em vermelho e azul evidenciam os extremos térmicos, correspondendo, respectivamente, ao dia mais quente e à noite mais fria de cada mês, oferecendo uma visão mais precisa das amplitudes térmicas sazonais.

No que se refere à precipitação, o gráfico mensal (Figura 31) apresenta informações relevantes para o planejamento de atividades sazonais, como eventos ao ar livre ou intervenções construtivas. Registra-se que índices superiores a 150 mm mensais são indicativos de períodos significativamente úmidos, enquanto valores inferiores a 30 mm caracterizam meses predominantemente secos, cenário comum em boa parte do ano em regiões semiáridas. Vale ressaltar que, devido à complexidade do relevo e à natureza tropical da região, as estimativas de precipitação geradas por modelos climáticos podem subestimar os volumes reais registrados em medições locais. Assim, essa análise reforça a importância de considerar tanto os dados médios quanto os extremos, para garantir uma abordagem mais segura e eficiente no desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos.

Figura 32 – Rosa dos Ventos- Major Sales/RN



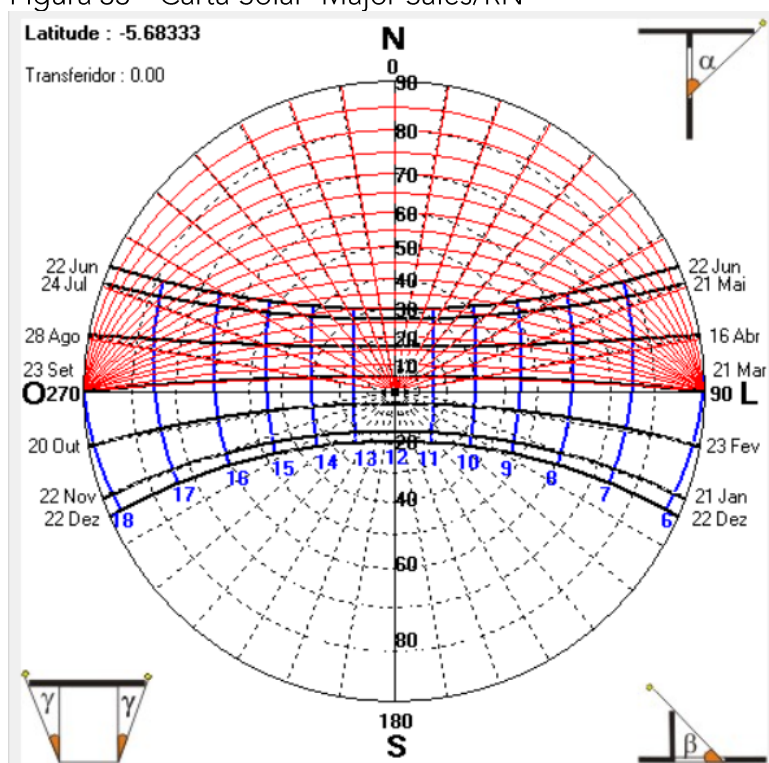
Fonte: Meteoblue (2025)

A rosa dos ventos (Figura 32) apresentada refere-se à frequência e intensidade dos ventos predominantes na cidade de Major Sales/RN, sendo uma ferramenta essencial para decisões relacionadas ao conforto térmico, ventilação natural e posicionamento de edificações.

A análise do gráfico permite identificar que os ventos mais frequentes e intensos incidem principalmente a partir dos setores sudeste (SE), leste-sudeste (ESE) e Leste (E). Esses ventos atingem velocidades médias entre 10 a 20 km/h, com ocorrência também significativa de ventos na faixa de 20 a 30 km/h nos mesmos quadrantes. As direções opostas, como o Oeste (W) e o Noroeste (NW) apresentam praticamente ausência de fluxo de vento, o que confirma a unidirecionalidade predominante dos ventos alísios de sudeste, típicos do clima semiárido do interior do Rio Grande do Norte.

Esse padrão de ventilação reforça a importância de orientar as aberturas principais das edificações (portas, janelas e elementos de ventilação cruzada) voltadas para o leste e sudeste, a fim de aproveitar o resfriamento natural proporcionado pelos ventos predominantes. Além disso, barreiras físicas como muros altos ou volumes edificados devem ser evitadas nessas direções, para não comprometer a ventilação cruzada nos ambientes internos.

Figura 33 – Carta Solar- Major Sales/RN



Fonte: Sol-Ar (2025)

A carta solar da cidade de Major Sales/RN (Figura 33), localizada próxima à linha do Equador, revela padrões de insolação característicos de regiões tropicais, com a presença do sol em posições elevadas ao longo de todo o ano. Observa-se que nos meses próximos aos equinócios (março e setembro), o sol nasce aproximadamente no Leste e se põe no Oeste, com sua trajetória alcançando altos ângulos de elevação ao meio-dia, ultrapassando os 80°. Essa condição resulta em forte incidência solar zenital, exigindo estratégias arquitetônicas de proteção nas coberturas e aberturas superiores, como o uso de beirais largos ou elementos de sombreamento horizontal.

Nos solstícios, há uma leve variação na trajetória solar: durante o verão (dezembro e janeiro), o sol se inclina mais ao sul; já no inverno (junho e julho), sua trajetória se desloca levemente ao norte. Mesmo com essa variação, a cidade apresenta alta exposição solar durante praticamente todo o dia, com longos períodos de insolação. Diante desse cenário, recomenda-se que os projetos arquitetônicos adotem recursos de proteção solar passiva e aproveitamento eficiente da iluminação natural, priorizando a ventilação cruzada e o uso de elementos de sombreamento adequados às fachadas mais expostas, contribuindo assim para o conforto térmico e o desempenho ambiental das edificações.

5.3 Condicionantes Legais

Antes do início de qualquer projeto de arquitetura, é fundamental realizar uma análise criteriosa da legislação vigente. Esse processo envolve a verificação das normas, regulamentações e instruções técnicas aplicáveis, considerando as particularidades do terreno, da tipologia e da função da edificação proposta. Tal análise permite antecipar eventuais restrições legais que possam comprometer o desenvolvimento do projeto, além de assegurar sua conformidade com os parâmetros legais e técnicos exigidos.

Nesse sentido, serão abordadas algumas das principais leis, normas técnicas e instruções relevantes para o projeto. Tendo em vista a abrangência e complexidade desses documentos, optou-se por apresentar uma síntese dos conteúdos mais pertinentes, com destaque para os parâmetros normativos que influenciaram diretamente nas decisões do projeto.

5.3.1 Plano Diretor

O Plano Diretor (PD) é um instrumento legal fundamental no âmbito municipal, cuja finalidade é orientar o crescimento e o desenvolvimento urbano de forma ordenada, sustentável e socialmente inclusiva. Trata-se de uma lei que estabelece diretrizes para a ocupação e uso do solo, considerando as particularidades ambientais, econômicas, sociais e culturais do território.

Considerando que o município de Major Sales/RN ainda não possui um Plano Diretor instituído, tornou-se necessário buscar referências em documentos de cidades com características e contextos urbanos semelhantes. Para a fundamentação deste trabalho, utilizou-se como base o Plano Diretor do município de Pau dos Ferros/RN, estabelecido pela Lei Complementar nº 017/2022, cuja estrutura apresenta diretrizes compatíveis com os objetivos do projeto. No entanto, como esse documento não contempla de forma detalhada todos os parâmetros técnicos necessários à aplicação prática do estudo, recorreu-se também ao Plano Diretor de Mossoró/RN, regulamentado pela Lei Complementar nº 012/2006. Este último apresenta uma abordagem mais consolidada e abrangente, especialmente no que se refere aos aspectos normativos e urbanísticos, servindo como suporte complementar à análise e ao desenvolvimento do projeto.

A utilização combinada desses dois planos proporciona uma análise comparativa entre as diretrizes urbanísticas de municípios distintos, porém com características regionais semelhantes. A Tabela 2, a seguir, apresenta as principais prescrições urbanísticas adotadas como referência, contemplando critérios como uso e ocupação do solo, coeficiente de

aproveitamento, taxa de permeabilidade, recuos obrigatórios, gabarito máximo e exigências relativas a vagas de estacionamento.

Tabela 2 – Informações gerais sobre o plano diretor de Pau dos Ferros/RN

PRESCRIÇÕES URBANÍSTICAS	
Tipo de uso	Não residencial
Tipo de impacto	Alto impacto
Coefficiente de aproveitamento	1,2
Recuo frontal	3,00 m
Recuo lateral	0,60 m
Recuo fundo	1,00 m
Taxa de ocupação máxima	80%
Taxa de permeabilidade	20%
Gabarito	Até 21 pavimentos com 3,5 de pé direito

Fonte: Adaptado do Plano Diretor de Pau dos Ferros (2021)

O Plano Diretor do município de Mossoró/RN, em sua Subsessão IV, trata especificamente das diretrizes relacionadas às áreas de garagem e estacionamento, elementos fundamentais para a organização da mobilidade urbana e o ordenamento do uso do solo. De acordo com o Artigo 76, torna-se obrigatória, em todo projeto arquitetônico de construção, a previsão de áreas destinadas ao estacionamento de veículos dentro dos limites do próprio lote. A norma estabelece como parâmetro mínimo a proporção de uma vaga para cada 80,00 m² de área construída (Tabela 3), assegurando que a infraestrutura da edificação seja compatível com a demanda gerada por seu uso.

Tabela 3 – Informações gerais sobre o plano diretor de Mossoró/RN

DIMENSIONAMENTO DAS VAGAS	
Vaga para veículos	1 vaga a cada 80,00 m ² de área construída
Vagas para veículos leves	L=2,50m e C=5,00m
Vagas para veículos médios	L=3,00m e C=6,00m
Vagas para veículos pesados	L=3,50m e C=8,00m
Vaga para idosos	2% das vagas
Vagas para PCD	5% das vagas

Fonte: Adaptado do Plano Diretor de Mossoró (2006).

Essas exigências visam não apenas atender às necessidades funcionais dos usuários, mas também mitigar os impactos negativos sobre o sistema viário urbano, como o estacionamento irregular e a obstrução das vias públicas. Além disso, o plano reforça a

importância de integrar soluções de mobilidade ao planejamento urbano de forma estratégica.

5.3.2 Código de obras Major Sales/RN

O **Código de Obras do Município de Major Sales**, instituído pela **Lei nº 032/99**, estabelece normas para o exercício do poder de polícia administrativa sobre as construções civis situadas no perímetro urbano, conforme previsto no **Art. 1º**. O objetivo é garantir o cumprimento de diretrizes urbanísticas relacionadas à segurança, higiene, saúde pública, incolumidade e aos direitos individuais e coletivos.

No que diz respeito às condições técnicas das edificações, a legislação exige que as paredes externas sejam impermeáveis e que os pisos em contato direto com o solo também recebam tratamento impermeabilizante. Já os pisos elevados não podem ser apoiados sobre materiais combustíveis. Quando utilizados, pisos de madeira devem obedecer a critérios específicos quanto à fixação e ao espaçamento. As fachadas das edificações são de livre escolha do proprietário, exceto em zonas históricas ou de preservação, onde prevalecem normas específicas. As coberturas devem garantir impermeabilidade e isolamento térmico, sendo obrigatório que as águas pluviais escoem dentro dos limites do lote, vedando-se o despejo direto sobre a via pública. As calhas devem canalizar a água por baixo do passeio, até alcançar a sarjeta.

Quanto à salubridade dos ambientes, o pé-direito mínimo varia conforme o uso dos cômodos, sendo de 2,60 metros em ambientes comuns e podendo atingir 6,00 metros em salões de uso público. Os vãos destinados à ventilação devem corresponder a no mínimo 1/8 da área do piso do compartimento, assegurando a adequada renovação do ar.

Em relação à altura das edificações, o Código limita em quatro pavimentos, medidos desde o nível do passeio até o ponto mais alto da construção. O terreno deve estar preparado para permitir o escoamento das águas pluviais para as vias públicas ou para terrenos situados a jusante, sendo proibido o lançamento de águas servidas nas ruas.

As circulações internas devem ter largura mínima de 0,90 metros em edificações residenciais e 1,20 metros em edificações de uso coletivo, podendo ser exigidos acréscimos conforme a extensão do percurso. Quando superiores a 10 metros de comprimento, esses corredores devem receber iluminação natural direta.

As escadas em residências devem apresentar largura mínima de 0,80 metros por lance, com altura máxima de 2,70 metros, sendo os degraus limitados a 19 cm de altura e mínimo de 28 cm de largura. Em edificações de uso coletivo, os degraus devem ser mais largos e mais baixos, promovendo maior conforto e segurança. É obrigatória a inserção de

patamares entre lances consecutivos, e todos os pisos devem ser antiderrapantes. Escadas e rampas com altura superior a 2,70 metros devem possuir corrimãos ou paredes protetoras, conforme as exigências de segurança previstas na legislação.

5.3.3 NBR 9050/ 2020 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos

A NBR 9050, elaborada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), constitui uma referência fundamental na normatização de critérios e parâmetros técnicos voltados à promoção da acessibilidade no ambiente construído. Seu objetivo principal é garantir que os projetos, construções, instalações e reformas de edificações, bem como o mobiliário, os espaços e os equipamentos urbanos, estejam adequadamente adaptados às necessidades de mobilidade de todas as pessoas, independentemente de suas limitações físicas, sensoriais ou cognitivas.

No que se refere aos estacionamentos, a NBR 9050 determina que a quantidade de vagas reservadas para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida deve ser dimensionada de acordo com o número total de vagas do empreendimento e em conformidade com os códigos de obras e posturas municipais. Essas vagas devem ser posicionadas próximas às entradas principais, com rotas acessíveis, pavimentação regular e sinalização horizontal e vertical adequadas. É recomendável ainda a previsão de adaptações futuras para adequação integral às legislações locais e ao aumento da demanda por acessibilidade.

As circulações horizontais também são objeto de regulamentação. Corredores e passagens devem possuir larguras mínimas que garantam o deslocamento confortável de pessoas em cadeira de rodas ou com outros dispositivos de auxílio à locomoção. A largura mínima recomendada é de 1,20 metro, sendo que em locais de fluxo intenso ou de uso coletivo, como centros culturais, escolas, bibliotecas ou repartições públicas, pode ser necessário prever medidas superiores. As escadas devem ter lances retos, com número constante de degraus, patamares intermediários com dimensões suficientes para manobras de usuários e corrimãos em ambos os lados, com extremidades fechadas para evitar acidentes com mãos, pulsos ou vestimentas.

Quanto às portas, a norma estabelece que as de uso comum devem possuir dimensões mínimas de 0,80 x 2,10 metros. Em ambientes que exigem passagem de mobiliários ou equipamentos de grande porte, as portas devem contar com folhas ou painéis removíveis compatíveis com as dimensões dos objetos em questão. Para acessos mais amplos,

como salas de exposição, auditórios ou áreas multifuncionais, as portas devem possuir larguras superiores, garantindo o fluxo simultâneo de visitantes com diferentes perfis.

Além disso, os sistemas de abertura e fechamento devem ser facilmente operáveis por pessoas com limitação de força ou destreza. As portas dos sanitários acessíveis devem abrir para fora ou permitir a retirada da folha pelo lado externo, garantindo acesso de emergência em caso de queda ou obstrução por parte do usuário. As fechaduras devem permitir destravamento rápido e seguro, respeitando os princípios de acessibilidade e segurança. Esses sanitários devem conter barras de apoio, área de transferência lateral à bacia sanitária, lavatórios com espaço livre inferior e sinalização tátil e visual.

A norma também trata da acessibilidade em edificações e espaços urbanos, estabelece diretrizes essenciais para assegurar que auditórios e salas de aula possam ser utilizados de forma igualitária por pessoas com deficiência. Nos auditórios, deve-se garantir a reserva de assentos acessíveis distribuídos em diferentes pontos da plateia, permitindo ao usuário escolher a localização que melhor atenda às suas necessidades, seja nas áreas frontais, centrais ou posteriores. Além disso, é necessário prever espaços específicos para cadeiras de rodas, com acesso facilitado e desobstruído, e, sempre que possível, com assentos próximos destinados a acompanhantes. Em ambientes educacionais, como salas de aula, é indispensável a inclusão de mobiliário adaptado, rotas acessíveis e áreas que permitam manobras com cadeira de rodas, promovendo a participação ativa e autônoma de todos os estudantes.

Quanto aos elementos de circulação, a norma determina que as rampas destinadas ao acesso de pessoas com mobilidade reduzida possuam inclinação máxima de 8,33%, com a obrigatoriedade de patamares intermediários em trechos mais longos, além de piso com acabamento antiderrapante. As rampas e escadas devem contar com corrimãos duplos em ambos os lados, posicionados entre 70 cm e 92 cm de altura, com extremidades prolongadas e formato ergonômico que facilite a empunhadura. Complementarmente, são exigidas sinalizações táteis e visuais que orientem o deslocamento seguro, especialmente de pessoas com deficiência visual. Tais exigências são fundamentais para garantir ambientes inclusivos, acessíveis e alinhados às diretrizes de equidade no uso dos espaços públicos e educacionais.

Em edifícios com mais de um pavimento, a instalação de elevadores acessíveis é obrigatória. As cabines devem atender às dimensões mínimas previstas pela norma, garantindo o transporte confortável de uma pessoa em cadeira de rodas e, quando necessário, de acompanhante. A dimensão mínima interna recomendada é de 1,10 x 1,40 metros. As portas devem ser do tipo corrediça automática, com largura mínima de 0,80 metros, e os comandos devem estar dispostos em altura acessível, com sinalização em braile e contraste visual.

5.3.4 Instruções Técnicas do Corpo de Bombeiros do RN

Os Instruções Técnicas do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio Grande do Norte (ITCBMRN, 2022), que reúnem um total de 45 normativas específicas, abordando desde diretrizes operacionais até ações voltadas à preservação ambiental. Para esta pesquisa, foram selecionadas as instruções mais pertinentes à realidade de edificações culturais, como centros culturais e auditórios. Entre os principais tópicos abordados estão: a determinação da carga de incêndio admissível para o tipo de uso da edificação, os critérios de dimensionamento e sinalização das saídas de emergência, a obrigatoriedade e localização de extintores, a largura mínima e continuidade dos corredores de circulação, as distâncias máximas permitidas até as saídas seguras, e as exigências relativas ao acesso de viaturas de emergência às áreas de risco. Tais parâmetros são fundamentais para garantir a segurança dos frequentadores e a conformidade legal do espaço cultural.

A Instrução Técnica nº 02 (ITCBMRN, 2022) define os parâmetros mínimos necessários para garantir o acesso eficaz das viaturas do Corpo de Bombeiros às edificações e áreas classificadas como de risco. Essa norma visa assegurar que as operações de combate a incêndio e resgate possam ser realizadas com segurança e agilidade. Entre os critérios estabelecidos, destaca-se que as vias destinadas ao acesso de veículos operacionais devem possuir largura mínima de 6,00 metros e altura livre de no mínimo 4,50 metros, permitindo a livre circulação de caminhões de grande porte e equipamentos especializados.

Além disso a Instrução Técnica nº 11 (ITCBMRN, 2022) aborda os requisitos fundamentais para o dimensionamento e implantação das saídas de emergência. De acordo com essa diretriz, a largura mínima exigida para saídas em edificações de uso coletivo é de 1,20 metros, devendo variar conforme a Unidade de Passagem (UP). As portas das rotas de fuga, sejam elas comuns ou corta-fogo, devem obedecer às seguintes medidas: 80 cm para 1 UP, 1,00 m para 2 UP, 1,50 m (em duas folhas) para 3 UP e 2,00 m (em duas folhas) para 4 UP. As rampas de acesso nas rotas de fuga devem ser sempre niveladas e possuir comprimento mínimo de 1,20 metros nos trechos onde ocorra mudança de direção ou quando a altura a ser vencida ultrapassar 3,70 metros.

No que diz respeito à iluminação de emergência, a Instrução Técnica nº 18 (ITCBMRN, 2022) estabelece as condições necessárias para o correto projeto e instalação dos sistemas de iluminação de apoio. É prevista isenção da instalação em salas com área inferior a 50 m² e ocupação menor que 50 pessoas, desde que a porta de saída conduza diretamente ao corredor de evacuação.

A sinalização de emergência, conforme descrita na Instrução Técnica nº 20 (ITCBMRN, 2022), deve seguir padrões específicos: os sinais de orientação de rotas de fuga

devem ser retangulares, com fundo verde e pictogramas fotoluminescentes; já a sinalização dos equipamentos de combate a incêndio deve ser quadrada, com fundo vermelho e pictogramas igualmente fotoluminescentes, garantindo a rápida identificação mesmo em situações de baixa visibilidade.

Por fim, a Instrução Técnica nº 21 (ITCBMRN, 2022) trata da distribuição e instalação de extintores portáteis, estabelecendo que, para ambientes classificados como de risco baixo, a distância máxima de percurso até um extintor não deve ultrapassar 25 metros. Além disso, a altura de fixação do equipamento deve respeitar os limites de até 1,60 m do piso até a parte superior do extintor, e sua base deve estar posicionada no mínimo a 0,10 m do piso acabado, garantindo fácil acesso em caso de emergência.

5.4 Aspectos urbanos

Para uma compreensão mais profunda e qualificada da área de intervenção e de seu entorno imediato, torna-se imprescindível a realização de análises detalhadas em um perímetro de aproximadamente 300 metros. Esse recorte territorial, centrado na cidade de Major Sales, no estado do Rio Grande do Norte (Figura 34), é estratégico para o reconhecimento das dinâmicas urbanas locais. Ao delimitar essa área, busca-se identificar com maior clareza as características morfológicas predominantes, os elementos estruturantes da malha urbana e os principais equipamentos públicos e privados existentes, compondo assim um panorama fiel da realidade espacial do município.

Figura 34 – Área de análise



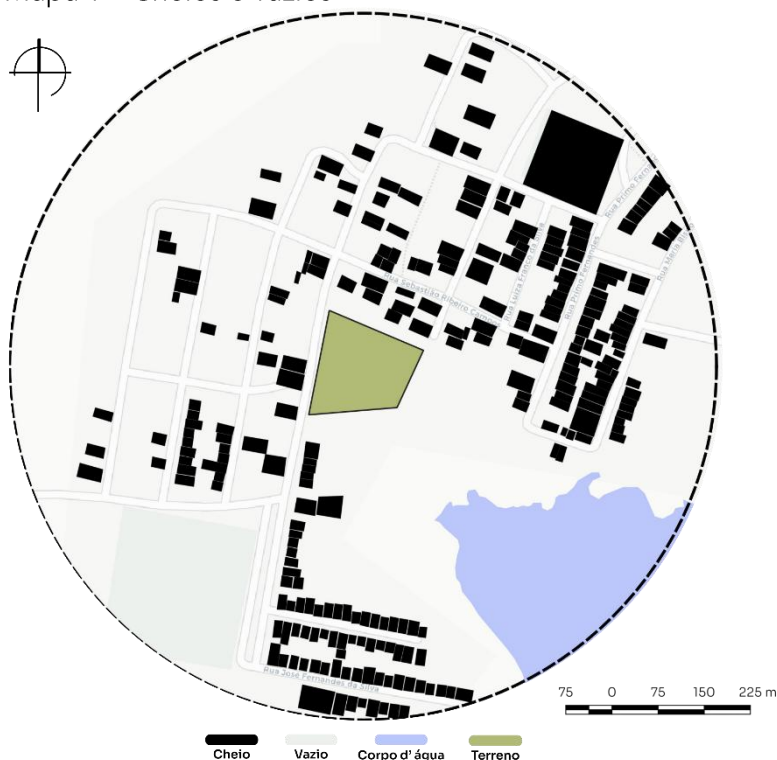
Fonte: Adaptado do QGIS (2025)

Nesse contexto, são examinadas diversas questões relacionadas à morfologia urbana da região demarcada, utilizando bases cartográficas que contemplam o uso e a ocupação do solo, os gabaritos das edificações, a configuração do sistema viário e a distribuição da vegetação existente. Essa abordagem possibilita uma leitura integrada do território, contribuindo para um diagnóstico mais preciso e fundamentado.

5.4.1 Cheio e vazios

Ao analisar o mapa de cheios e vazios (Mapa 1) em um raio de 300 metros, revela uma ocupação urbana significativa, com uma quantidade expressiva de edificações distribuídas de forma relativamente homogênea. No entanto, observa-se que a densidade construtiva ainda não atinge seu potencial máximo, especialmente em alguns trechos com lotes vagos ou subutilizados. Essa característica se deve ao fato de o bairro estar em processo de crescimento, com áreas ainda em desenvolvimento ou aguardando futuras ocupações. A presença de construções pontuais, intercaladas por espaços livres, aponta para uma expansão urbana gradativa, mas contínua.

Mapa 1 – Cheios e vazios



Fonte: Adaptado pelo QGIS (2025)

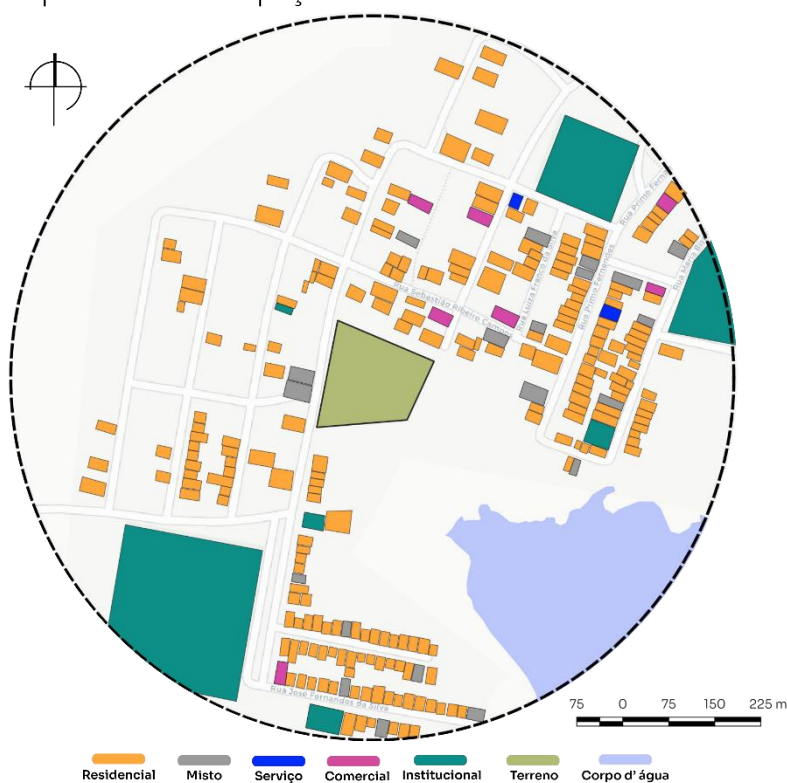
Esse padrão de ocupação evidencia uma dinâmica urbana em transformação, marcada por um crescimento recente que tende a intensificar-se nos próximos anos. A leitura

do mapa de cheios e vazios revelou uma predominância significativa de espaços vazios na área de estudo, o que evidencia uma baixa densidade construtiva e um uso fragmentado do solo. Além de sua função programática, a implantação de um centro cultural em uma área marcada pela predominância de vazios urbanos representa uma estratégia fundamental para o crescimento e a requalificação do território.

5.4.2 Uso e ocupação do solo

A análise do mapa de uso e ocupação do solo (Mapa 2), revela uma predominância de edificações residenciais, configurando um tecido urbano majoritariamente voltado para moradia. Esse padrão evidencia uma ocupação de caráter essencialmente doméstico, com construções de pequeno porte e baixa densidade, o que contribui para uma ambiência tranquila e tipicamente local. Entre os usos complementares, destacam-se alguns espaços de lazer e equipamentos institucionais, como o ginásio de futebol, o Pontinho de Cultura, o cemitério municipal e a praça de eventos, que cumprem funções sociais, culturais e recreativas importantes, reforçando o papel comunitário da área e oferecendo espaços de convivência para a população.

Mapa 2 – Uso e ocupação do solo



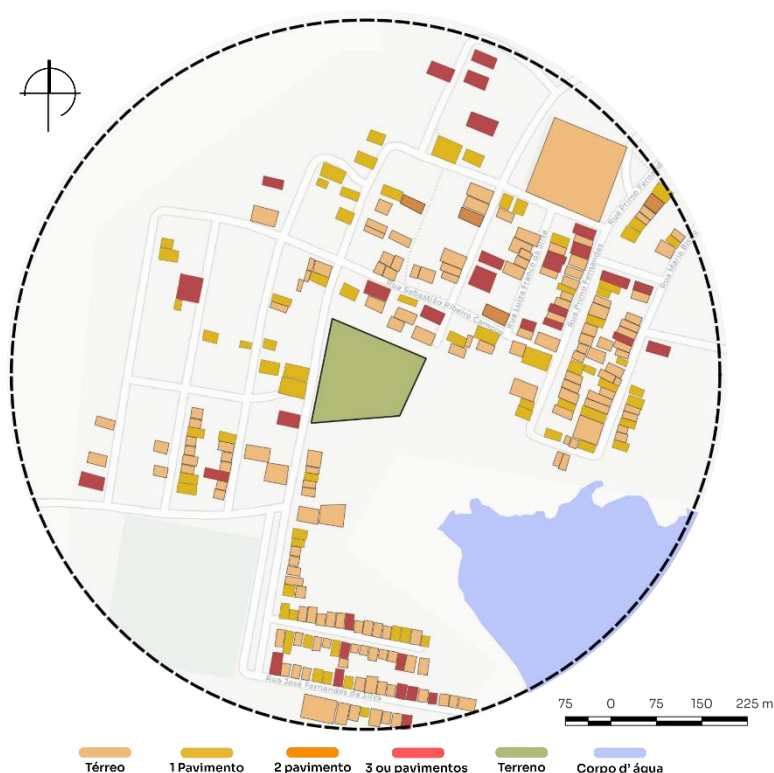
Fonte: Adaptado pelo QGIS (2025)

Além do uso residencial e institucional, o mapa também identifica a presença de edificações de uso misto, que combinam funções comerciais e residenciais em um mesmo imóvel, geralmente com moradia no pavimento superior e ponto comercial no térreo. Observa-se ainda alguns pontos comerciais isolados, como pequenos mercados, que atendem às necessidades básicas dos moradores e reforçam o caráter de bairro autossuficiente. A diversidade de usos presentes na área demonstra uma ocupação funcionalmente equilibrada, que alia o cotidiano residencial à oferta de serviços e equipamentos públicos, favorecendo a vivência urbana e o fortalecimento da identidade local.

5.4.3 Gabarito

A análise do gabarito das edificações no entorno, conforme demonstrado no Mapa 3, evidencia a predominância de construções térreas, com alturas que variam entre 3,5 e 4 metros. Essa característica está intimamente ligada ao perfil socioeconômico da população local, ao histórico de ocupação do território e à baixa densidade urbana que caracteriza a cidade. Ademais, é possível notar um aumento no número de edificações com um e dois pavimentos, principalmente nos arredores do terreno em questão, sinalizando uma intensificação do uso do solo. Essa transformação aponta para um dinamismo urbano em expansão, possivelmente motivado por fatores como a valorização da área. Além disso, contém edificações com mais de três pavimentos, ainda que em menor número, o que indica o início de um processo de adensamento vertical.

Mapa 3 – Gabarito



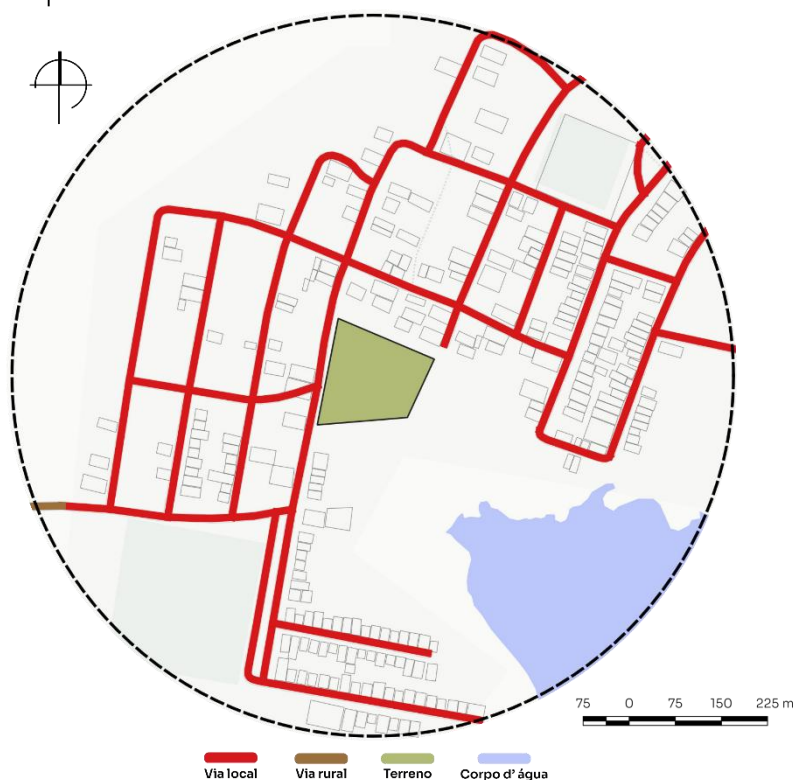
Fonte: Adaptado pelo QGIS (2025)

A presença dessas edificações de maior gabarito nos arredores do terreno de intervenção oferece oportunidades interessantes para o projeto, cria-se um pano de fundo mais denso e estruturado que pode contribuir para a valorização do centro cultural como um equipamento público de referência e destaque urbano. Além disso, a verticalização circundante tende a gerar maior fluxo de pessoas, o que favorece a ativação dos espaços públicos e o potencial de uso do equipamento cultural em diferentes horários e por diferentes perfis de usuários. Também se abrem possibilidades para o diálogo volumétrico entre o projeto e o entorno.

5.4.4 Sistema viário

A análise do sistema viário (Mapa 04), revela a predominância de vias locais, que são responsáveis pela circulação interna e a ligação de bairros. Essas vias desempenham um papel fundamental na organização do tráfego urbano, garantindo a mobilidade dos moradores e a conexão entre diferentes pontos do entorno. Além disso, observa-se a presença de poucas vias rurais, que estabelecem a ligação com áreas mais afastadas, proporcionando acesso a setores periféricos. Esse padrão viário sugere uma estrutura voltada para deslocamentos de curta distância, com menor fluxo de veículos de grande porte e trânsito mais distribuído ao longo da malha urbana.

Mapa 4 – Sistema viário



Fonte: Adaptado pelo QGIS (2025)

Outro fator relevante na análise é o estado da pavimentação das vias. A maior parte das ruas já conta com pavimentação (Figura 35), o que melhora as condições de trafegabilidade, reduzindo poeira e lama, além de proporcionar maior conforto e segurança para pedestres e motoristas. No entanto, ainda há algumas vias sem pavimentação (Figura 36), principalmente no bairro Bom Jardim, o que gera dificuldades de locomoção, especialmente em períodos chuvosos.

Figura 35 – Rua pavimentada



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 36 – Rua não pavimentada



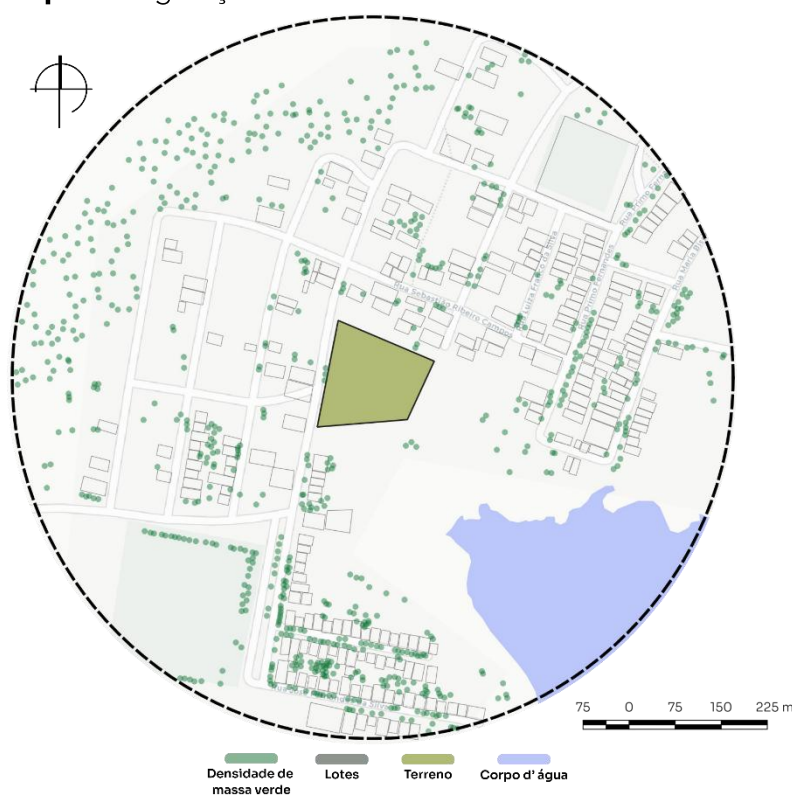
Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Dessa forma, a configuração do sistema viário, com predominância de vias locais e presença pontual de vias rurais, reflete uma dinâmica urbana centrada em deslocamentos internos e de curta distância. A pavimentação predominante em grande parte das vias contribui para a eficiência dessa estrutura, favorecendo a circulação cotidiana e a integração entre os bairros. Já as áreas com ausência de pavimentação, ainda que restritas, revelam nuances do desenvolvimento urbano e indicam padrões espaciais que influenciam diretamente na forma como os moradores se deslocam e utilizam os espaços da cidade.

5.4.5 Vegetação

A arborização urbana pode ser definida como a distribuição da vegetação no espaço urbano, desempenhando um papel essencial na composição da paisagem e na qualidade ambiental das cidades. Sua presença traz inúmeros benefícios, como a melhoria da qualidade do ar, a regulação térmica, a redução do impacto das chuvas e o aumento do bem-estar da população. No município em estudo, a vegetação predominante é característica da caatinga, um bioma típico do sertão nordestino, adaptado às condições climáticas semiáridas.

Mapa 5: Vegetação



Fonte: Adaptado pelo QGIS (2025)

Por meio do mapeamento das áreas vegetadas (Mapa 05) utilizando o software QGIS e visitas in loco, constatou-se uma grande presença de vegetação de pequeno porte, predominantemente arbustiva e rasteira (Figura 37), distribuída ao longo de toda a área

analisada. Árvores de médio porte também estão presentes, sendo mais comuns em terrenos vazios e, em menor quantidade, dentro de lotes edificadas e passeios públicos, onde muitas espécies não são nativas.

Figura 37 – Vegetação existente



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 38 – Vegetação rasteira existente



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

A análise da arborização urbana revela, portanto, um padrão marcado pela predominância de vegetação nativa em áreas não edificadas e pela presença pontual de espécies exóticas em espaços urbanizados. Essa distribuição evidencia uma arborização ainda pouco integrada ao planejamento urbano, mas que contribui de maneira significativa para a conformação da paisagem e para o ambiente local.

6 PROPOSTA PROJETOAL

Este capítulo apresenta a proposta arquitetônica desenvolvida para o Centro Cultural *Canto da Gente*, na cidade de Major Sales/RN, com base nas análises urbanas, culturais, climáticas e topográficas realizadas ao longo do trabalho. A proposta busca refletir os valores culturais da comunidade local, ao mesmo tempo em que atende às necessidades funcionais e espaciais de um equipamento cultural contemporâneo, acessível e acolhedor.

Inicialmente, são apresentados o conceito e o partido arquitetônico, que definem as ideias centrais que orientaram todo o desenvolvimento do projeto. Em seguida, discute-se o impacto visual do projeto, considerando sua identidade. As diretrizes de projeto, que norteiam as decisões arquitetônicas, guiadas por critérios funcionais, sociais e ambientais.

Na sequência, o programa de necessidades e o pré-dimensionamento dos ambientes, seguidos por um fluxograma que organiza os fluxos de usuários e atividades. O zoneamento funcional, apresentando a setorização dos espaços. Além disso, a evolução da forma, que demonstra o processo de desenvolvimento volumétrico do edifício. Por fim, são exploradas as estratégias de implantação e acessos, bem como o sistema de cobertura adotado, que contribui tanto para o desempenho ambiental quanto para a identidade visual do projeto.

6.1 Conceito e partido

O Centro Cultural *Canto da Gente* nasce como um reflexo da identidade de Major Sales, unindo lugar, memória e as expressões do povo. Inspirado na força das manifestações culturais da cidade, como os Caboclos, os grupos artísticos e a tradição de usar os espaços de forma coletiva. O projeto vai além de um simples edifício. Ele representa um espaço vivo, que valoriza as raízes e ao mesmo tempo abre portas para novas formas de criar e se expressar. Mais do que um centro cultural, a proposta é criar um lugar que faça parte do dia a dia da comunidade, onde passado e futuro se encontram, e onde a arquitetura ajuda a manter viva a cultura local.

O partido arquitetônico parte da ideia de um espaço aberto, acessível e integrado ao cotidiano da população. Aproveitando a topografia plana do terreno, o projeto se desenvolve de forma horizontal, com circulação fluida e conexão direta com o entorno, permitindo que o público se sinta convidado a entrar e ocupar o espaço naturalmente. A proposta é criar uma arquitetura que não imponha barreiras, mas que acolha e estimule o uso coletivo, seja para apresentações, oficinas, exposições ou encontros informais.

A forma do edifício busca inspiração em elementos da cultura local, reinterpretando de maneira sutil as linhas simples das construções tradicionais. Os materiais escolhidos, como madeira, alvenaria aparente e brises, ajudam a controlar o clima quente da região e trazem uma identidade mais próxima da realidade local. A presença de um pátio interno, reforça a ideia de que o centro cultural é, antes de tudo, um espaço do povo: vivo, dinâmico e em constante transformação. O projeto, assim, busca unir funcionalidade, identidade e pertencimento em um só lugar.

6.2 Impacto visual

A identidade visual do *Centro Cultural Canto da Gente* foi pensada como uma representação simbólica da proposta arquitetônica e do papel sociocultural que o equipamento pretende desempenhar em Major Sales. A escolha do nome carrega um significado profundo e múltiplo, alinhando-se ao propósito do projeto de fortalecer o sentimento de pertencimento e de valorização da cultura popular local.

Figura 39 – Logomarca do projeto



Fonte: Autoria própria (2025)

O termo *Centro Cultural* define o espaço como um ambiente voltado à promoção da arte e da educação. Um ponto de encontro onde diferentes formas de expressão ganham visibilidade e reconhecimento. Já a expressão *Canto da Gente* traz uma riqueza interpretativa que contribui diretamente para a construção da identidade do projeto. Em um primeiro sentido, “canto” remete ao espaço físico, um lugar que pertence à comunidade, onde as

peessoas se sentem acolhidas, reconhecidas e à vontade para se expressar. Em outro sentido, “canto” refere-se à musicalidade, à oralidade e às manifestações artísticas típicas da região, evocando a ideia de dar voz às tradições, histórias e talentos da população local.

Visualmente, a identidade é desenvolvida a partir de formas simples e orgânicas, cores inspiradas na paisagem sertaneja e tipografia acessível, transmitindo uma sensação de proximidade, alegria e autenticidade (Figura 39). Esses elementos gráficos buscam não apenas representar o nome do centro cultural, mas também expressar os valores que ele carrega: coletividade, afeto, memória e criação. Dessa forma, a identidade visual do *Canto da Gente* atua como um elo entre o projeto arquitetônico e a alma da comunidade que ele pretende representar.

Figura 40 – Aplicação da marca



Fonte: Autoria própria (2025)

A aplicação da marca do Centro Cultural Canto da Gente (Figura 40), foi desenvolvida com o objetivo de garantir coerência visual, legibilidade e identidade em diferentes suportes físicos e institucionais. A logomarca, composta por formas circulares que remetem ao olhar atento e ao canto como expressão cultural, se adapta com versatilidade a materiais diversos, como papelaria institucional (cadernos e cartazes), elementos de sinalização arquitetônica (fachadas e totens), produtos promocionais (camisetas e canecas) e plataformas digitais. As cores terrosas e o verde escuro reforçam a ligação com a paisagem do Sertão e com a natureza simbólica do projeto, enquanto a tipografia acessível e expressiva valoriza a comunicação direta com o público.

6.3 Quadro de ideias e diretrizes projetuais

O quadro de ideias (Figura 41) busca expressar, de forma sintética e visual, os princípios que orientam o desenvolvimento do projeto arquitetônico. As referências reunidas evidenciam uma arquitetura voltada para a integração entre espaço construído e natureza, priorizando o conforto ambiental, a qualidade dos materiais e o bem-estar dos usuários.

Figura 41 – Painel semântico de ideias primárias



Fonte: Adaptado pelo pinterest (2025)

Observa-se a valorização de elementos naturais, como a madeira e a pedra, que reforçam a identidade local e contribuem para a sensação de acolhimento. A presença marcante da vegetação, tanto em áreas internas quanto externas, indica a intenção de criar espaços mais humanizados, convidativos e conectados ao entorno natural. Além disso, a escolha por soluções como brises e pergolados demonstra uma preocupação técnica com o controle da iluminação e ventilação naturais, favorecendo a sustentabilidade e o desempenho térmico do edifício.

Também traduz a busca por espaços de encontro, contemplação e convivência, promovendo a integração social e cultural. Ambientes amplos, permeáveis e bem iluminados são pensados para estimular o uso coletivo, enquanto detalhes de design contemporâneo reforçam uma linguagem arquitetônica moderna, sem perder a relação com o contexto local.

Como resultado, o conjunto de ideias propõe uma proposta arquitetônica que alia funcionalidade, estética, conforto ambiental e respeito ao entorno, reafirmando o compromisso do projeto com a valorização cultural e social do espaço.

Entretanto, as diretrizes projetuais definem os princípios norteadores que orientaram o desenvolvimento do projeto. Elas foram elaboradas com base na análise do contexto físico, social, cultural e ambiental da cidade de Major Sales/RN, garantindo que a proposta atenda às demandas funcionais e simbólicas da comunidade. A seguir, são descritas as principais diretrizes adotadas:

- **Valorização da cultura local**
O projeto deve refletir e exaltar as manifestações culturais próprias de Major Sales, como os grupos culturais e as expressões artísticas, promovendo um espaço de preservação e estímulo à identidade coletiva.
- **Acessibilidade**
Todos os ambientes devem ser projetados de forma inclusiva, garantindo mobilidade e autonomia para pessoas com deficiência, mobilidade reduzida ou necessidades específicas, conforme as normas de acessibilidade vigentes.
- **Flexibilidade de uso**
Os espaços internos devem ser projetados com versatilidade, permitindo múltiplas configurações e adaptações conforme as necessidades de uso. A proposta é acolher uma variedade de atividades, como apresentações culturais, oficinas, exposições, garantindo dinamismo e funcionalidade ao longo do tempo, sem comprometer o conforto e a fluidez dos ambientes.
- **Integração com o entorno**
A edificação deve dialogar com o tecido urbano, estabelecendo conexões visuais e físicas com o espaço público ao redor, fortalecendo sua função como equipamento acessível à cidade.
- **Conforto ambiental**
A proposta deve utilizar estratégias de ventilação cruzada, sombreamento natural e iluminação, reduzindo a dependência de sistemas artificiais e garantindo conforto térmico e luminoso.
- **Uso de materiais regionais e sustentáveis**
A escolha dos materiais deve considerar a disponibilidade local, a durabilidade e o impacto ambiental, valorizando técnicas construtivas tradicionais e soluções de baixo custo de manutenção.
- **Criação de espaços abertos de convivência**
A presença de pátios e áreas de convivências deve reforçar o caráter comunitário do centro cultural, promovendo encontros informais e o uso cotidiano do espaço mesmo fora do horário de eventos.
- **Identidade visual integrada à arquitetura**
A marca visual do centro cultural deve estar incorporada à linguagem do projeto, aparecendo de forma coerente em elementos como a fachada, a sinalização interna e os mobiliários, reforçando o vínculo simbólico entre espaço e comunidade.

- **Setorização funcional**

A organização dos ambientes deve seguir uma lógica funcional, separando áreas públicas, técnicas e administrativas, facilitando a gestão e o uso eficiente do equipamento cultural.

- **Segurança e visibilidade**

Os acessos, circulações e áreas de permanência devem ser projetados com atenção à segurança dos usuários, priorizando a visibilidade, o controle natural dos fluxos e o uso de iluminação adequada.

6.4 Programa de necessidades e pré-dimensionamento

O programa de necessidades do Centro Cultural Canto da Gente (Figura 42), foi estruturado com base em uma leitura sensível do contexto social e cultural de Major Sales, aliada a referências de equipamentos culturais semelhantes. O objetivo foi criar um espaço plural, acessível e funcional, que abrace diferentes tipos de atividades culturais, educativas e sociais, promovendo o uso contínuo e o envolvimento da comunidade em sua diversidade.

Figura 42 – Programa de necessidades e pré-dimensionamento

FUNÇÃO	ESPAÇO	DIMENSÃO
EDUCAÇÃO	SALA DE MÚSICA	139,00 m²
	OFICINA DE CRIAÇÃO	51,87 m²
	OFICINA DE ARTES.	52,00 m²
	SALA DE C. TÉCNICO	55,68 m²
	ATELIÊ MULTIUSO	47,30 m²
	BIBLIOTECA	102,00 m²
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA	SALA DE EXPOSIÇÃO	105,00 m²
	AUDITÓRIO	266,00 m²/ 280 pessoas
PRODUÇÃO	SALAS DE PRODUÇÃO	35,00 m²
	COWORKING	41,00 m²
	SALA DE DIVULG.	15,00 m²
	SALA DE QUADRI.	160,00 m²
	SALA DOS CABOCLOS	65,00 m²
ALIMENTAÇÃO/ COMÉRCIO	LANCHONETE	16,00 m²
	LOJAS	5/ Variáveis
CONVÍVIO SOCIAL	ESPAÇOS DE CONV.	250,00 m²
	PÁTIO INTERNO	174,00 m²
ÁREA ADMINISTRATIVA	DIREÇÃO GERAL	17,00 m²
	SECRETÁRIA	15,00 m²
	SALA DE REUNIÃO	27,00 m²
	COPA	19,00 m²
	ALMOXARIFADO	9,60 m²
	GERADOR E QUADRO E.	8,00 m²
SERVIÇOS	BANHEIROS	2/ Variáveis
	PNE	4/ 2,55 m²
	DEPÓSITOS	8,00 m²
	DML	12,00 m²
	ESTACIONAMENTO	Variáveis
	LIXO E GLP	5,00 m²

Fonte: Autoria própria (2025)

A organização do programa se dá por setores funcionais, como Educação, Arte, Cultura e História, Produção, Alimentação/Comércio, Convívio Social, Área Administrativa e Serviços. Cada um desses grupos contempla ambientes específicos que se complementam e

garantem o pleno funcionamento do centro cultural. Os espaços educativos, como as salas de música, oficinas e ateliês, foram pensados para estimular o aprendizado criativo e coletivo, incentivando o fazer cultural de forma prática e colaborativa.

No núcleo voltado à cultura e à memória, a proposta contempla ambientes como biblioteca, sala de exposição, auditório e um espaço dedicado exclusivamente aos caboclos, manifestação tradicional da cidade. Esses ambientes buscam preservar e difundir as expressões culturais locais, promovendo a troca de saberes e o reconhecimento da identidade regional.

A área de produção inclui salas para coworking e divulgação, com o objetivo de fomentar a profissionalização da cultura e fortalecer redes de colaboração entre artistas, produtores e educadores. Já os ambientes destinados à alimentação e comércio, como praça de alimentação, lanchonete e lojas, oferecem suporte funcional e incentivam a circulação de pessoas, contribuindo para a sustentabilidade econômica do centro.

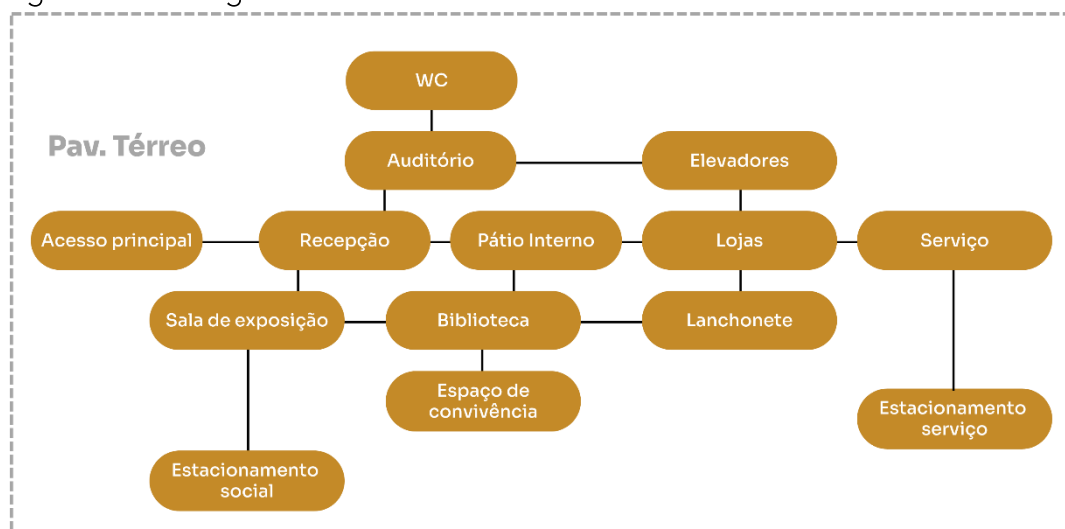
Os espaços de convívio social, como o pátio interno e áreas abertas de estar, foram pensados para acolher o público de forma espontânea e cotidiana, estimulando a permanência e o sentimento de pertencimento. Já a área administrativa e os ambientes de apoio técnico garantem o bom funcionamento do equipamento, com espaços adequados para gestão, manutenção e infraestrutura.

O pré-dimensionamento foi guiado por critérios de conforto, funcionalidade e adaptabilidade, assegurando que os espaços possam responder às necessidades atuais da comunidade e também se transformar com o tempo. A proposta, portanto, vai além da distribuição física dos ambientes: ela traduz, em forma e função, o desejo de criar um lugar vivo, acessível e conectado com a realidade cultural de Major Sales.

6.5 Fluxograma

A criação dos fluxogramas dos dois pavimentos ajudou a entender melhor como os espaços se relacionam e funcionam dentro do edifício. Esse processo foi importante para guiar o desenho das plantas baixas, garantindo que os ambientes fossem organizados de forma lógica e prática. Foram analisadas as circulações tanto na horizontal quanto na vertical, pensando nos melhores acessos. Para deixar os espaços mais integrados e versáteis, foram criadas ligações diretas entre setores que têm funções relacionadas, o que facilita o acesso e torna a circulação mais fluida e eficiente.

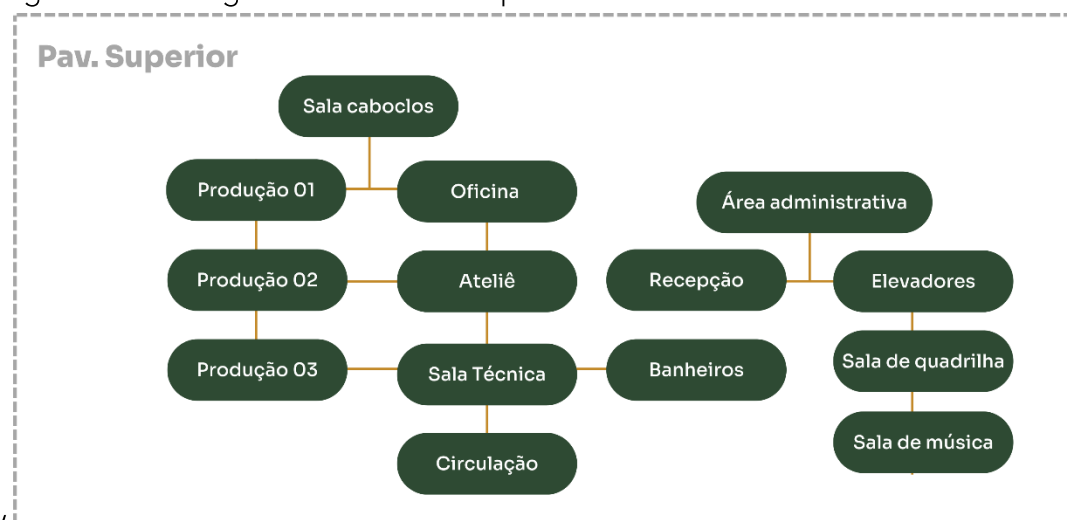
Figura 43 – Fluxograma- Pavimento Térreo



Fonte: Autoria própria (2025)

O fluxograma do pavimento térreo (Figura 43) organiza de forma clara e funcional os principais setores de uso público e de apoio, priorizando a acessibilidade, a integração entre os ambientes. O acesso principal leva diretamente à recepção, que funciona como ponto central de orientação e distribuição. A partir dela, o visitante pode se direcionar facilmente a espaços culturais como o auditório, a biblioteca, a sala de exposições e o pátio interno, que funciona como elemento articulador das atividades. A presença de espaços comerciais (lojas e lanchonete) próximos aos elevadores amplia o dinamismo do térreo, incentivando a permanência e o convívio. Já os ambientes de apoio, como o setor de serviços e o estacionamento, foram posicionados estrategicamente para garantir o bom funcionamento da edificação sem interferir nas áreas de maior fluxo público.

Figura 44 – Fluxograma- Pavimento Superior



Fonte: Autoria própria (2025)

Já o fluxograma do pavimento superior (Figura 44), revela uma distribuição pensada para abrigar os setores de produção artística, oficinas, apoio técnico e áreas administrativas. De um lado, estão agrupados os espaços voltados à criação e desenvolvimento cultural, como as salas de produção, oficina, ateliê, sala técnica e a sala caboclos. Essa organização favorece a troca entre atividades criativas e técnicas, promovendo um ambiente colaborativo. No outro extremo, encontram-se os espaços de suporte administrativo e pedagógico, como a área administrativa, recepção, banheiros e a verticalização por elevadores, que asseguram acessibilidade a todos os usuários. Complementam esse pavimento a sala de quadrilha e a sala de música, ambas estratégicas para preservar e estimular manifestações culturais regionais. A disposição dos ambientes garante uma circulação lógica e funcional, ao mesmo tempo que separa fluxos de uso específico e mantém a identidade cultural.

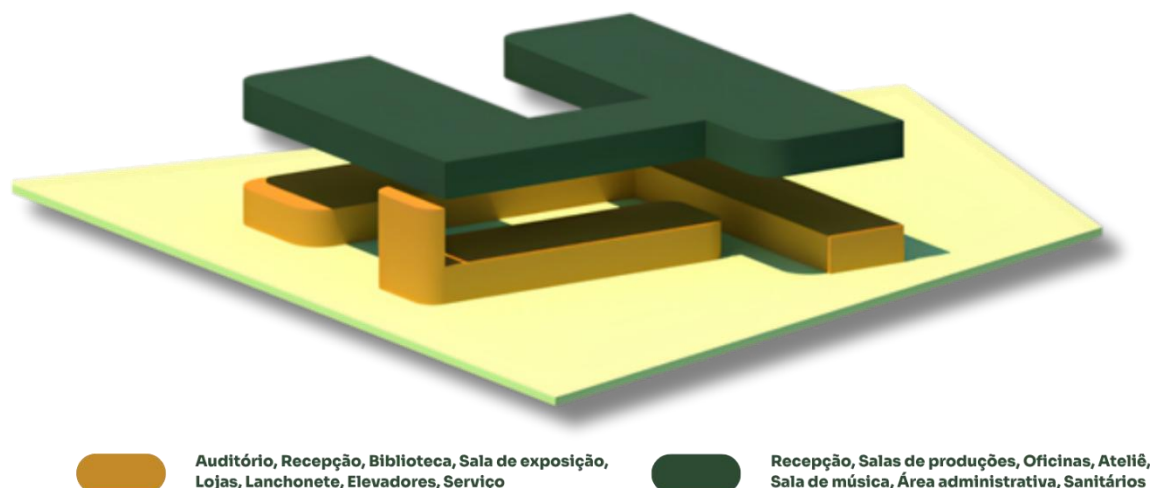
6.6 Zoneamento

O zoneamento do Centro Cultural parte das análises iniciais do terreno e das diretrizes formais estabelecidas no anteprojeto. A partir disso, a setorização do edifício foi pensada de forma funcional, respeitando as dinâmicas de uso e promovendo fluidez entre os ambientes. A imagem tridimensional ilustra com clareza essa organização, evidenciando a separação volumétrica dos setores e destacando a hierarquia funcional entre os pavimentos.

No pavimento térreo, destacado em tom ocre na figura 45, concentra-se a área voltada à recepção e ao convívio do público. Este setor abriga ambientes como auditório, pátio, espaços de convivências e lojas. Espaços pensados para promover a integração social e o acolhimento. Essa base conectiva é essencial para garantir acessibilidade e fácil circulação,

sendo articulada por núcleos de circulação vertical que dão acesso às demais zonas do edifício.

Figura 45 – Zoneamento



Fonte: Autoria própria (2025)

No volume superior, representado em verde escuro, está o primeiro pavimento, onde se desenvolve a principal atividade artística e cultural do centro. Neste nível, encontram-se as salas de produção, as salas de oficinas, salas voltadas aos grupos culturais e a área administrativa. O formato linear desse bloco, sustentado por pilotis, proporciona uma leitura arquitetônica limpa e funcional, a integração entre cultura, educação e gestão neste nível reforça a proposta do centro como espaço de produção e difusão do conhecimento artístico.

Complementando a implantação, foi desenvolvido em um terreno com topografia predominantemente plana, o que favoreceu uma implantação mais direta e acessível. Essa característica permitiu a distribuição dos ambientes em diferentes pavimentos sem a necessidade de soluções semienterradas ou cortes acentuados no solo, otimizando o uso do terreno e garantindo uma circulação fluida entre os setores.

Com isso, o zoneamento do projeto vai além de apenas distribuir os ambientes de forma lógica, ele contribui diretamente para a criação de um espaço funcional, acessível e integrado. Ao organizar os diferentes usos de maneira clara e eficiente, o projeto garante que todas as pessoas possam circular com facilidade, participar das atividades e se sentir acolhidas. Essa estratégia valoriza não só a praticidade do edifício, mas também o papel social e cultural.

principal, facilitando o deslocamento até a edificação. Além disso, foi previsto um estacionamento de serviço, situado em área reservada ao fundo, com acesso independente, garantindo a fluidez logística sem interferir na circulação de visitantes. O projeto também conta com baias de parada rápida, distribuídas de forma a atender demandas de embarque e desembarque, agregando maior praticidade ao uso cotidiano do espaço.

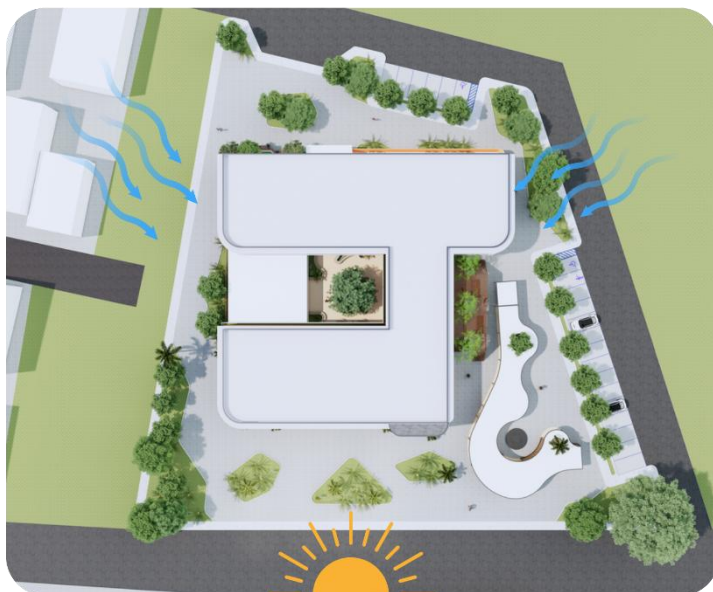
A organização dos acessos e circulações prioriza o conforto, a acessibilidade universal e a setorização funcional, assegurando que os fluxos de pedestres e veículos sejam separados e bem definidos. Essa implantação contribui não apenas para o bom funcionamento interno, mas também para a integração harmoniosa do complexo cultural ao tecido urbano em que está inserido, reforçando seu caráter aberto, convidativo e acessível a toda a comunidade.

6.8 Soluções de conforto térmico

A concepção do projeto buscou integrar diferentes estratégias passivas e elementos arquitetônicos que favorecessem o conforto térmico, sempre considerando a viabilidade construtiva e a adequada implantação da edificação no terreno (Figura 47). A escolha da forma em “U” permitiu potencializar a ventilação natural, viabilizando correntes de ar que atravessam o edifício em diferentes sentidos, promovendo ventilação cruzada eficiente em praticamente todos os ambientes internos.

A posição da edificação foi definida de forma a aproveitar a orientação solar e os ventos predominantes, observados na análise climática local. O volume principal foi implantado de modo que a face de maior exposição solar recebesse elementos de proteção e sombreamento, como marquises ajardinadas, que além de criar áreas de convivência sombreadas, contribuem para reduzir a absorção de calor pelas superfícies externas.

Figura 47 – Esquemático de técnicas climáticas



Fonte: Autoria própria (2025)

Foram empregados materiais e técnicas construtivas que favorecem o desempenho térmico do conjunto, como revestimentos claros que minimizam a absorção de calor, além de painéis ripados de madeira utilizados como brises. Estes brises permitem o controle da incidência solar direta nos ambientes internos, ao mesmo tempo em que mantêm a permeabilidade visual e a ventilação natural.

Outra solução destacada foi a utilização de paredes de tijolos vazados, aplicadas estrategicamente para permitir a passagem de ar e a entrada de luz difusa, reduzindo a necessidade de iluminação artificial e favorecendo o resfriamento dos espaços internos. Esta técnica se mostrou viável do ponto de vista construtivo, por utilizar materiais regionais que dialogam com a identidade local.

Figura 48: Métodos climáticos

Fonte: Autoria própria (2025)

O pátio interno central exerce um papel essencial na regulação térmica e lumínica do edifício. Funcionando como um espaço de respiro, ele garante iluminação natural abundante aos ambientes voltados para seu interior, além de atuar como regulador térmico ao criar zonas de ventilação vertical (Figura 48).

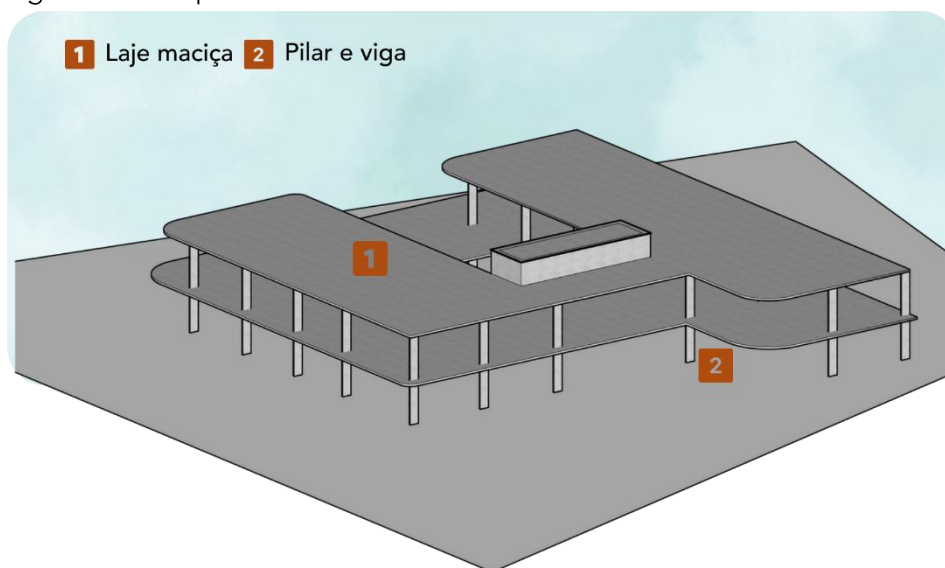
Por fim, as aberturas foram cuidadosamente dimensionadas e distribuídas para potencializar a ventilação cruzada, favorecendo a renovação constante do ar. Essa estratégia garante que mesmo as áreas mais internas tenham acesso à ventilação direta, otimizando o conforto térmico sem a necessidade de sistemas ativos de climatização.

Combinando todas essas soluções desde a escolha consciente dos materiais até o cuidadoso posicionamento da edificação e o uso de elementos arquitetônicos como brises, marquises ajardinadas, parede vazada e o pátio interno, o projeto assegura um desempenho ambiental mais eficiente, reforçando o compromisso com sustentabilidade, conforto e qualidade de uso.

6.9 Estrutura

Visando atingir os objetivos estabelecidos para o Centro Cultural, foi desenvolvido um estudo esquemático da composição estrutural do edifício. Essa representação tem como propósito aprofundar a compreensão das relações espaciais e formais, evidenciando como as decisões de projeto influenciam diretamente na compatibilização e no funcionamento integrado dos sistemas construtivos. Assim, o esquema apresentado (Figura 49) demonstra a concepção inicial do sistema estrutural, constituído por lajes, pilares e vigas, fundamentando-se nos princípios que orientaram a definição da forma arquitetônica final da edificação proposta.

Figura 49 – Esquemático estrutural



Fonte: Autoria própria (2025)

Optou-se pela adoção do sistema construtivo convencional em concreto armado, priorizando a resistência estrutural, a eficiência no tempo de execução e a viabilidade econômica. Cabe destacar que, nesta fase, não foi desenvolvido um projeto estrutural completo, mas sim um pré-dimensionamento que teve como objetivo principal assegurar a compatibilidade entre as soluções arquitetônicas e os elementos estruturais propostos.

Os pilares foram dimensionados, em sua maioria, com medidas padrão de 25 x 80 cm, considerando os esforços atuantes e a organização dos espaços internos. No entanto, para o auditório, ambiente que demanda vencer um vão estrutural mais amplo, os pilares receberam dimensões maiores, de 30 x 120 cm, garantindo a estabilidade e o desempenho adequado da estrutura.

Em relação ao sistema de lajes, optou-se predominantemente pela laje maciça de concreto com 20 cm de espessura, adequada para os demais ambientes do edifício. Entretanto, na área do auditório, foi especificada a laje nervurada, solução que contribui para a redução de peso próprio da estrutura e possibilita vencer vãos maiores sem comprometer a eficiência estrutural e funcional do espaço.

6.10 Técnicas e matérias empregados

O projeto adota soluções construtivas mistas que integram funcionalidade, desempenho térmico e identidade estética. A estrutura é composta predominantemente por

concreto armado, associada a alvenaria convencional, assegurando estabilidade, durabilidade e coerência entre as partes arquitetônica e estrutural do edifício.

Entre os principais materiais e elementos construtivos que caracterizam a proposta, destacam-se as marquises em concreto branco, que não apenas protegem as áreas externas e de circulação contra sol e chuva, mas também contribuem para a composição volumétrica contemporânea do edifício. Complementando o controle solar, foram aplicados brises de madeira ao longo das fachadas, que reforçam o sombreamento, promovem ventilação indireta e enriquecem o aspecto visual com sua textura natural.

Figura 50 – Materiais usados



Fonte: Autoria própria (2025)

As fachadas também contam com paredes de tijolinho vazado, que além de atuarem como elementos de ventilação e iluminação natural, criam interessantes efeitos de luz e sombra ao longo do dia, trazendo leveza e ritmo ao conjunto. No pavimento térreo e em áreas estratégicas, foi utilizado ladrilho hidráulico personalizado, desenvolvido com base na identidade visual do projeto, garantindo unidade conceitual entre arquitetura e design.

Por fim, a cobertura adota o sistema de telhado "sanduíche" metálico, cuja composição possibilita melhor isolamento térmico e acústico, favorecendo o conforto dos ambientes internos e contribuindo para a eficiência energética do edifício. Essa combinação de técnicas e materiais foi cuidadosamente pensada para valorizar o contexto urbano local, garantir desempenho funcional e durabilidade, além de reforçar a linguagem arquitetônica

contemporânea e o caráter cultural do projeto, conforme representado no quadro de materiais (Figura 50).

6.11 Desenhos técnicos

Com base nas etapas iniciais de concepção e análise, foi desenvolvido o conjunto de desenhos técnicos que compõem o estudo preliminar do Centro Cultural. Este material inclui a planta de implantação e a planta de cobertura, além das plantas baixas correspondentes aos dois pavimentos. Também foram produzidos quatro cortes longitudinais e transversais, quatro elevações que evidenciam o tratamento das fachadas, bem como detalhes construtivos específicos que auxiliam na compreensão das soluções adotadas. Complementando esse conjunto, foram geradas imagens fotorrealistas que permitem visualizar a proposta de forma mais aproximada à realidade construída. Todos esses desenhos técnicos e artísticos estão reunidos e apresentados de forma organizada nas pranchas localizadas no Apêndice A.

A implantação do projeto (Figura 51) foi planejada de acordo com as características do lote e as demandas funcionais do programa, resultando em uma organização clara dos fluxos e setores. Foram definidos dois estacionamentos distintos: um destinado ao público geral, posicionado estrategicamente na parte frontal do terreno para facilitar o acesso de pedestres e visitantes, e outro estacionamento de serviço, localizado na área posterior, atendendo à logística operacional sem interferir nas áreas de convivência. Na mesma porção posterior do lote, foi reservado o setor de apoio e serviços da edificação, garantindo a separação entre as funções técnicas e os espaços voltados ao uso público.

Figura 51 – Implantação e cobertura



Fonte: Autoria própria (2025)

Além disso, a fachada principal do projeto recebeu um tratamento especial, integrando elementos de mobiliário urbano e áreas de lazer que estimulam a convivência e atendem ao público-alvo da cidade, reforçando a função social do equipamento cultural. O entorno imediato da edificação foi valorizado com a implantação de jardins e áreas verdes, que colaboram para o conforto térmico, melhoram a permeabilidade do solo e integram o projeto ao paisagismo local. Em relação à cobertura, adotou-se a solução de telha sanduíche de duas águas para os blocos principais, combinada com impermeabilização na laje do auditório, assegurando eficiência na proteção contra intempéries e contribuindo para o desempenho térmico e funcional da edificação.

A planta baixa do projeto (Figura 52) foi organizada de maneira funcional, distribuindo os ambientes conforme seus diferentes usos, garantindo acessibilidade a todos os espaços. Entre os principais ambientes localizados no pavimento térreo, destaca-se o auditório principal, projetado para atender eventos culturais, apresentações e demais atividades coletivas. Adjacentemente, posiciona-se a biblioteca, que serve como espaço de pesquisa, leitura e estudo, reforçando o caráter educativo do centro cultural.

Figura 52 – Planta baixa térreo



Fonte: Autoria própria (2025)

Além disso, o layout contempla uma ampla recepção, responsável por articular o fluxo dos usuários e direcioná-los às demais dependências, como a sala de exposições e o conjunto de lojas comerciais destinadas aos empreendedores locais, promovendo a economia criativa da cidade. Complementando essa configuração, há uma lanchonete, estrategicamente posicionada para atender ao público, áreas de serviço e circulação, que garantem a eficiência funcional do edifício.

Outro elemento central do projeto é o pátio interno, que atua como espaço de convivência, iluminação e ventilação natural, criando um ambiente acolhedor e de integração social. O pavimento térreo conta também com acessos inclusivos, compostos por escadas e elevadores, permitindo que todos os usuários cheguem de forma segura e confortável ao pavimento superior, conforme demonstrado na representação gráfica da planta baixa (Figura 52). Essa configuração reforça a proposta de um espaço acessível e pensado para atender às demandas culturais e sociais da cidade.

O pavimento superior (Figura 53) do Centro Cultural foi projetado com foco na oferta de espaços destinados à formação, produção e gestão cultural, reforçando o caráter educacional e de fomento à cultura local. Entre os principais ambientes, destacam-se as salas de música e os ateliês/oficinas criativas, que oferecem infraestrutura adequada para a realização de cursos, ensaios e atividades formativas voltadas ao desenvolvimento artístico da comunidade.

Figura 53 – Planta baixa pav. superior

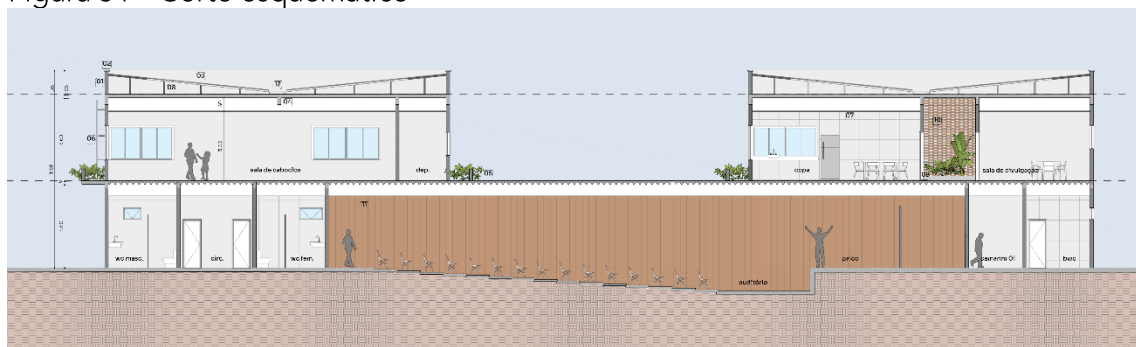


Fonte: Autoria própria (2025)

Complementando esse setor educativo, o pavimento superior abriga salas de produção destinadas aos grupos culturais locais, oferecendo suporte para planejamento de projetos, ensaios e produção de eventos, além de fortalecer o protagonismo dos agentes culturais da cidade. Já a área administrativa conta com salas de direção, coordenação e apoio técnico. Essa distribuição funcional favorece a integração entre a gestão e o público, criando um ambiente dinâmico, inclusivo e comprometido com a valorização das manifestações culturais regionais.

Outrossim, o corte transversal BB (Figura 54) ilustra de forma clara a relação entre os diferentes ambientes internos e suas dimensões verticais, destacando a adoção de um pé-esquerdo de 3,60 metros e pé-direito de 3 metros. Essa solução foi pensada para proporcionar maior amplitude espacial, favorecer a ventilação e melhorar a iluminação natural no interior da edificação.

Figura 54 – Corte esquemático



Fonte: Autoria própria (2025)

É possível observar, por meio do corte, a distribuição funcional dos espaços que compõem o bloco do auditório, incluindo o palco, camarins e áreas de apoio, bem como o pavimento superior, onde estão localizados ambientes como a sala de divulgação cultural, copa e sala de caboclos. Além disso, o corte evidencia a presença de elementos arquitetônicos como floreiras e painéis vazados, que além de qualificar a fachada, contribuem para o conforto térmico e a integração com áreas externas ajardinadas. Essa representação técnica reforça o cuidado no dimensionamento e na articulação espacial, buscando atender às exigências funcionais e ao mesmo tempo garantir qualidade ambiental e estética ao projeto.

Figura 55 – Fachada Oeste



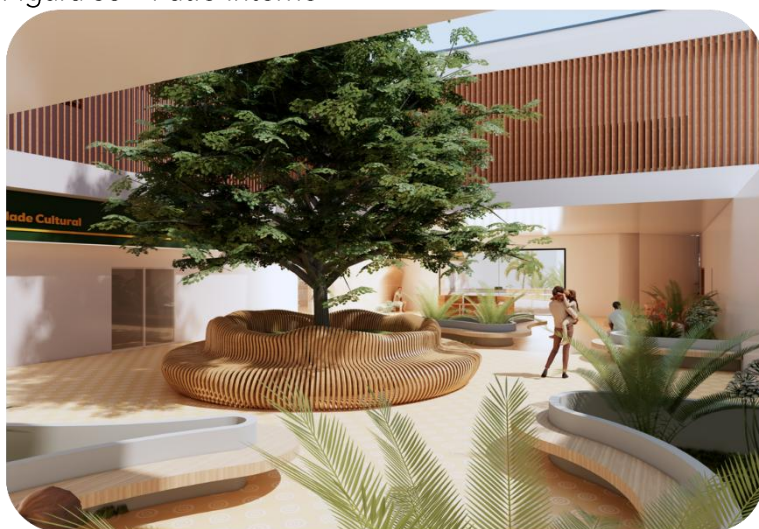
Fonte: Autoria própria (2025)

A fachada principal (Figura 55) foi concebida com o objetivo de aliar funcionalidade, conforto térmico e valorização estética. Para isso, foi empregado um sistema de brises verticais em madeira, que além de conferirem uma identidade contemporânea ao edifício, desempenham um papel fundamental na redução da incidência direta de radiação solar nas

superfícies envidraçadas. Essa solução contribui diretamente para o controle térmico, reduzindo o aquecimento interno e melhorando a eficiência energética do conjunto.

Outro destaque na composição é o uso da pedra moledo aplicada na volumetria cilíndrica da fachada, elemento que marca visualmente o acesso principal. Esse material, de origem natural, reforça a identidade local e regional, além de agregar textura, contraste e robustez ao conjunto arquitetônico. A escolha do conjunto de materiais, como a madeira, pedra e vidro, cria uma fachada equilibrada e harmônica, que dialoga com o entorno e expressa, de forma simbólica, o caráter cultural e coletivo da edificação.

Figura 56 – Pátio interno



Fonte: Autoria própria (2025)

O pátio interno (Figura 56) do projeto desempenha um papel central na articulação dos espaços, funcionando como um ambiente de convivência e lazer que qualifica significativamente a experiência do usuário no Centro Cultural. Este espaço aberto favorece a iluminação natural e a ventilação cruzada para os ambientes ao redor, promovendo conforto térmico e reduzindo a necessidade de climatização artificial.

Além disso, o pátio foi projetado como um espaço multifuncional: o grande banco circular em torno da árvore central convida ao descanso e ao encontro. As áreas ajardinadas, combinadas com o uso de brises de madeira, contribuem para uma estética agradável, reforçando a conexão entre natureza e arquitetura. Assim, o pátio não só organiza os fluxos internos como também valoriza o sentido de pertencimento e interação social.

Figura 57 – Área externa



Fonte: Autoria própria (2025)

Na área externa do projeto, foram implantados diversos mobiliários urbanos (Figura 57) que reforçam o caráter de convivência, permanência e conforto para os usuários. Entre os principais elementos, destaca-se o pergolado em madeira, que não só funciona como elemento estético marcante, mas também oferece sombreamento qualificado, contribuindo para o conforto térmico dos espaços abertos e criando áreas agradáveis de circulação e permanência.

Além disso, bancos incluindo estruturas em concreto e superfícies ripadas de madeira, que foram estrategicamente distribuídos para atender às necessidades de descanso e contemplação, incentivando a ocupação do espaço por diferentes perfis de público. A implantação de vegetação complementar, por sua vez, não apenas valoriza a paisagem, mas também atua na redução da temperatura local, melhora da qualidade do ar e na integração entre arquitetura e meio ambiente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção do Centro Cultural Canto da Gente surgiu a partir da vivência direta com a realidade sociocultural de Major Sales e da compreensão das limitações existentes quanto à infraestrutura pública voltada à valorização da arte e da cultura local. Este estudo não se limitou a desenvolver um edifício, mas propôs um espaço capaz de refletir os valores, as memórias e as práticas culturais da cidade, consolidando-se como um ponto de encontro, aprendizado e expressão.

Mais do que responder a uma carência física, o projeto busca estimular o fortalecimento da identidade local, oferecendo ambientes apropriados para a continuidade de manifestações tradicionais, oficinas, apresentações e atividades educativas. A proposta arquitetônica parte de soluções simples, mas efetivas, que garantem conforto ambiental, acessibilidade e integração com o entorno urbano. A distribuição dos ambientes, o uso de materiais e a organização dos fluxos internos foram pensados de forma a criar uma estrutura funcional, democrática e acolhedora, que respeita e valoriza o modo de vida da população major-salense.

O centro cultural foi idealizado como um espaço de múltiplas possibilidades: museu, auditório, biblioteca, salas de exposição, oficinas, áreas abertas de convivência e demais ambientes que promovam a cultura como direito coletivo. A flexibilidade e a diversidade de usos permitem que o edifício abrigue diferentes atividades simultaneamente, criando um dinamismo essencial à vida urbana de cidades pequenas. Nesse sentido, o projeto assume o papel de catalisador de experiências sociais, culturais e educacionais, contribuindo não só para o lazer, mas também para o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Dessa forma, o Centro Cultural Canto da Gente é pensado como um equipamento inovador para o município de Major Sales, capaz de atender de forma sensível e estratégica às demandas culturais, sociais, espaciais e históricas da cidade. As decisões projetuais foram orientadas pela leitura cuidadosa do contexto local, resultando em uma arquitetura contemporânea, mas intimamente conectada ao cotidiano da população. A proposta visa romper com a ausência de espaços públicos adequados à prática da cultura e da educação, oferecendo uma estrutura acessível, funcional e afetivamente ligada à comunidade.

Espera-se, assim, que este estudo contribua para o fortalecimento da cultura regional e incentive novas abordagens projetuais voltadas à democratização dos espaços urbanos, especialmente em cidades de pequeno e médio porte. O Centro Cultural Canto da Gente, portanto, não é apenas um equipamento arquitetônico, mas um símbolo da valorização da

memória coletiva e do estímulo à participação social. É um espaço onde cultura e identidade se encontram, se preservam e se reinventam.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15220: Desempenho térmico de edificações**. Rio de Janeiro, 2020.

----. **NBR 15220. Norma Brasileira. Figura 21: Zona bioclimática 7**. Rio de Janeiro, 66p. 2003.

----. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2020.

----. **NBR 15220: Desempenho térmico de edificações**. Rio de Janeiro, 2020.

----. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2020.

BATISTA, Alisson. **Arquitetura social e inclusiva: a importância dos espaços públicos destinados à cultura e ao lazer em cidades de pequeno porte**. 2018. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Maringá, Maringá, 2018.

CABOCLOS E REI DE CONGO. *Rei de Congo de Major Sales*. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: https://caboclosereidecongodomb.blogspot.com/p/rei-de-congo_23.html. Acesso em: 2 jun. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE PAU DOS FERROS. Lei complementar N° 019: **Plano Diretor do Município de Pau dos Ferros**, 2021. Disponível em: < <https://www.camarapaudosferros.rn.gov.br/materias.php?id=1174> >. Acesso em: 20 de maio. de 2025.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CBM-RN. **Instrução Técnica nº 02/2022 – Acesso de Viaturas de Bombeiros em Edificações e Áreas de Risco**. Natal, 2022. Disponível em: https://sistemascbm.rn.gov.br/seren/portal/its_2022/. Acesso em: 30 jun. 2025.

CBM-RN. **Instrução Técnica nº 11/2022 – Saídas de Emergência**. Natal, 2022. Disponível em: https://sistemascbm.rn.gov.br/seren/portal/its_2022/. Acesso em: 30 jun. 2025.

CBM-RN. **Instrução Técnica nº 18/2022 – Iluminação de Emergência**. Natal, 2022. Disponível em: https://sistemascbm.rn.gov.br/seren/portal/its_2022/. Acesso em: 30 jun. 2025.

CBM-RN. **Instrução Técnica nº 20/2022 – Sinalização de Emergência**. Natal, 2022. Disponível em: https://sistemascbm.rn.gov.br/seren/portal/its_2022/. Acesso em: 30 jun. 2025.

CBM-RN. **Instrução Técnica nº 21/2022 – Extintores Portáteis**. Natal, 2022. Disponível em: https://sistemascbm.rn.gov.br/seren/portal/its_2022/. Acesso em: 30 jun. 2025.

COELHO NETO, J. T. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. *Instruções Técnicas do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio Grande do Norte – ITCBMRN*. Natal: CBMRN, 2022.

CONHEÇA MEU ESTADO. **Centro Cultural São Paulo**. Conheça Meu Estado, 2017. Disponível em: <http://www.conhecameuestado.com.br/2017/08/centro-cultural-sao-paulo.html>. Acesso em: 21 fev. 2025.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

EDITAL nº05/2015 – Prêmio Boas Práticas – 2015 (Revisado em 11 de dezembro de 2015). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Edital%20n%C2%BA_%2005-2015%20-%20Pr%C3%AAmio%20Boas%20Pr%C3%A1ticas_2015_REVISADO_11dez2015.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Major Sales (RN): Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/major-sales.html>. Acesso em: 3 jun. 2025.

LABEEE. Laboratório de Eficiência Energética em Edificações. Analysis SOL-AR. 2025. Disponível em: <https://labeee.ufsc.br/downloads/softwares/analysis-sol-ar>. Acesso em 1 mai. 2025.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 31. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LÉNIZ, Elton. **Centro Cultural Arauco**. 2018. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/890527/centro-cultural-arauco-eltonleniz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 14 abril. 2025.

MAJOR SALES. Cultura resgata Festival de Quadrilhas Estilizadas de Major Sales. Major Sales: Prefeitura Municipal de Major Sales, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://www.majorsales.rn.gov.br/informa/372/cultura-resgata-festival-de-quadrilhas-estilizadas>. Acesso em: 3 jun. 2025.

MAJOR SALES. Lei nº 032/1999, de 18 de novembro de 1999. Dispõe sobre o Código de Obras do Município. Major Sales, RN, 1999.

METEOBLUE. *Clima histórico modelado – Major Sales, Brasil*. Disponível em: https://www.meteoblue.com/pt/tempo/historyclimate/climatemodelled/major-sales_brasil_3395876. Acesso em: 01 jul. 2025.

MILANESI, Luís. **A Casa da Invenção: Biblioteca, Centro Cultural**. 4ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MIRANDA, Lucas. **Memória individual e coletiva**. *Jornal da Unicamp*, 27 maio 2019. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva/>. Acesso em: 26 fev. 2025

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

NEVES, Renata Ribeiro. **Centro cultural: a cultura à promoção da arquitetura**. Revista Especialize On-Line IPOG, Goiânia, v. 1, n. 5, p. 1-11, jul. 2013.

NBR 15220: **Desempenho térmico de edificações**. Rio de Janeiro, 2020.

NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2020.

MAJOR SALES. **História**. Prefeitura Municipal de Major Sales. Disponível em: <https://majorsales.rn.gov.br/informa.php?id=20>. Acesso em: 3 jun. 2025.

PATRIMÔNIO IMATERIAL. **Caboclos de Major Sales**. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <https://patrimonioimateria.wixsite.com/patrimonioimaterial/caboclos>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MOSSORÓ/RN. **Lei complementar Nº 012: Plano Diretor do Município de Mossoró, 2004**. Disponível em: <<https://www.secovirn.com.br/legislacao/plano-diretor-dEmossoro.pdf>>. Acesso em: 02 de jun. de 2025.

PORTAL BRASIL, **Centros culturais**. Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/centros-culturais>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

POLLAK, Michael. **"Memória e identidade social"**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992.

RICHARD, Schoeller. **Centro Cultural Sedan**. 2013. Disponível em: <<https://www.archdaily.cl/cl/02-280643/centro-cultural-sedan-richard-schoeller-architectes>>. Acesso em: 25 Abr 2025.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasilense, 1996.

SOUZA, J. L. de. **Danças no RN: motivações, dificuldades e configurações**. 2015. 192f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

VADA, Pedro. **Estação da Cultura Presidente Itamar Franco**. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/870892/estacao-da-cultura-presidente-itamar-franco-jovasconcellos-plus-rafael-yanni-acustica-and-sonica-plus-jose-augusto-nepomuceno>. Acesso em: 28 jan. 2023.

APÊNDICES

centro cultural



canto da
gente
Desenhos Técnicos





centro cultural

canto da
gente

DJ DIEGO
NUNES
ARQUITETURA E URBANISMO

AUTOR DO PROJETO



DIEGO NUNES VIEIRA

Sou estudante de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Desde muito cedo, sempre tive uma paixão por criar espaços que não apenas sejam funcionais, mas também inspiradores e impactantes. A arquitetura, para mim, é mais do que apenas projetar edifícios. É sobre a criação de ambientes que moldam nossas experiências diárias e refletem a cultura, a história e as aspirações de uma sociedade. Essa visão tem guiado minha trajetória acadêmica e alimentado meu interesse por aprender continuamente e explorar as múltiplas dimensões que envolvem o fazer arquitetônico.

O PROJETO



O presente estudo preliminar propõe a implantação de um Centro Cultural no município de Major Sales, localizado no interior do Rio Grande do Norte, em um terreno com área total de 5.792 m². A proposta parte do reconhecimento da importância da cultura como ferramenta de transformação social e construção de identidade, e busca atender a uma demanda crescente por espaços públicos de convivência, aprendizagem e expressão artística na cidade.

CONCEITO

O projeto parte da valorização da cultura local, buscando traduzir em arquitetura elementos que representam a identidade, memória e tradições da cidade. A proposta se apoia na ideia de criar um espaço aberto, acolhedor e vivo, que dialogue com a paisagem urbana e sirva como ponto de encontro, convivência e expressão cultural.

PARTIDO

O partido arquitetônico adota formas simples e integradas, priorizando espaços fluidos e transições suaves entre interior e exterior. Elementos como brises verticais de madeira, marquise ajardinada, painéis de pedra moledo e ladrilhos hidráulicos personalizados reforçam o caráter cultural e artesanal do projeto, criando unidade estética e funcionalidade, sempre respeitando o contexto urbano e climático da região.

IDENTIDADE VISUAL



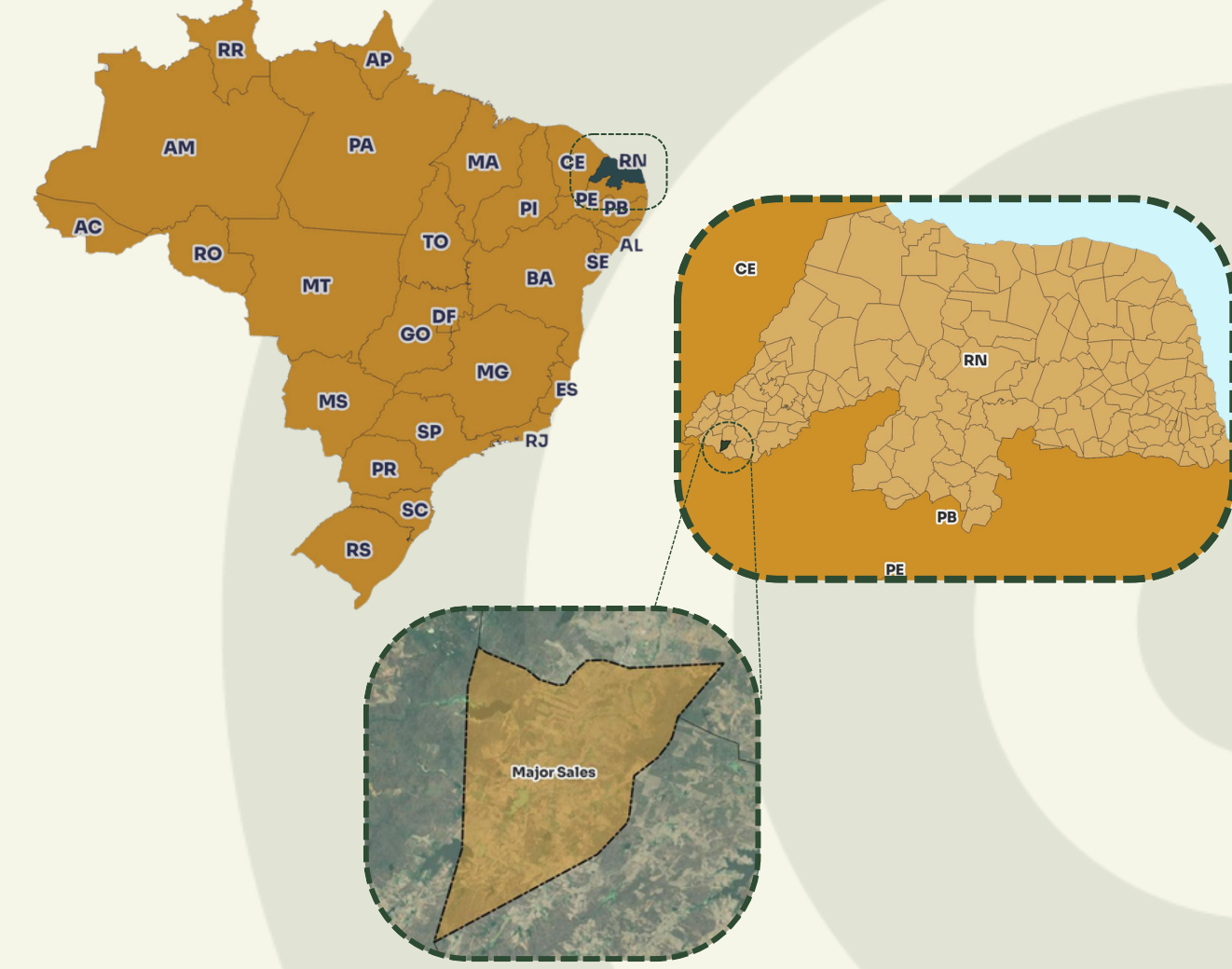
#2D4A33

#D0922B

O nome “Canto da Gente” foi escolhido para representar mais do que um espaço físico: simboliza um lugar de pertencimento, voz e identidade coletiva. “Canto” traz a ideia de um espaço acolhedor, um recanto onde as pessoas se reúnem, convivem e se expressam livremente. Ao mesmo tempo, evoca também o ato de cantar, manifestação cultural viva que conecta memória, história e tradição.

LOCALIZAÇÃO

Major Sales é um pequeno município localizado no interior do Rio Grande do Norte, na região Nordeste do Brasil, a cerca de 429 km da capital, Natal. Com uma área territorial de aproximadamente 31,97 km² e população de cerca de 4.067 habitantes (estimativa de 2024, IBGE), destaca-se pela boa densidade demográfica e pela forte identidade cultural local. Integra a região geográfica imediata de Pau dos Ferros e tem como municípios vizinhos Luís Gomes, José da Penha e Paraná.

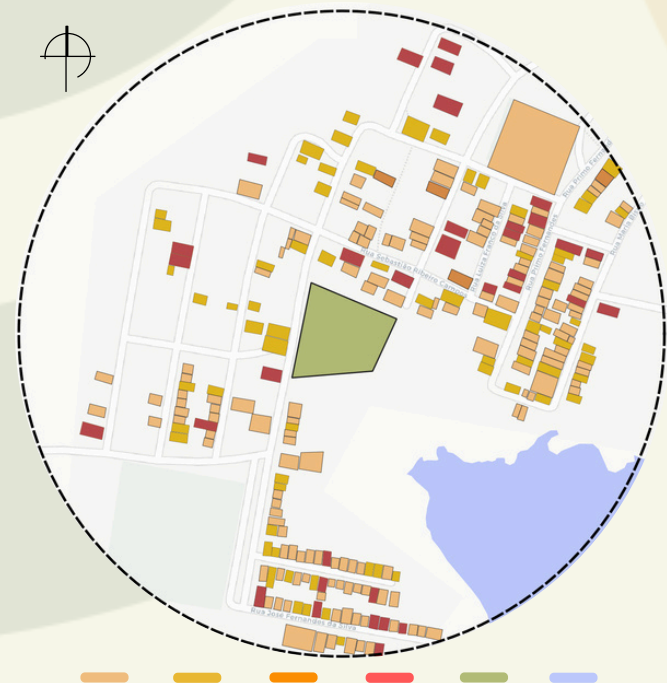
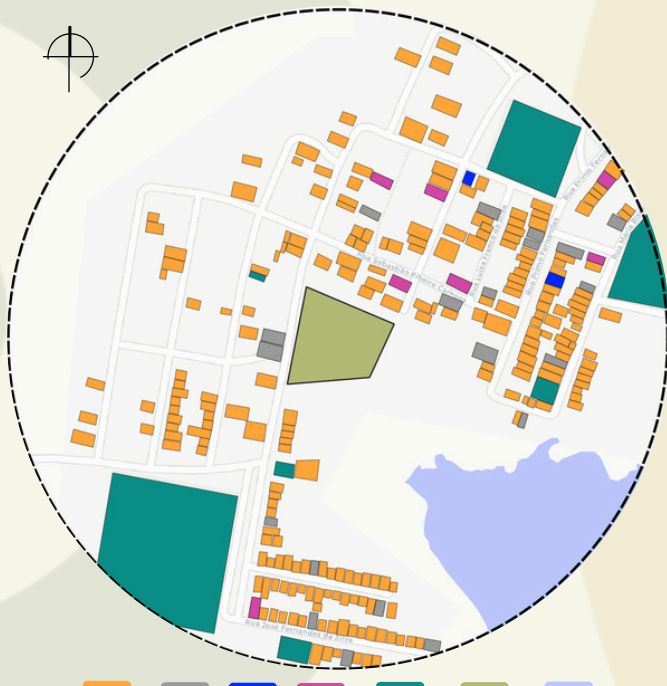
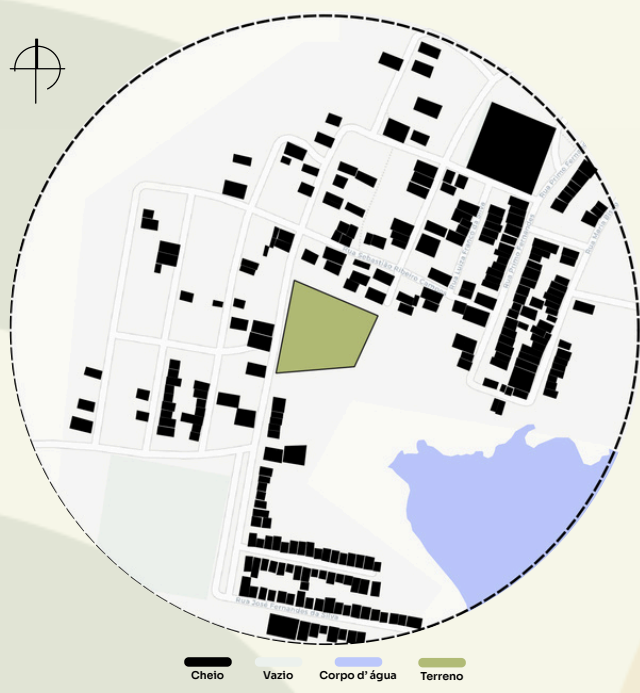


TERRENO

O terreno destinado ao projeto possui área total de 5.792 m², localizado entre as ruas Francisco Marcos de Brito e Sebastião Ribeiro Campos. Apresenta formato irregular, com dimensões aproximadas de 88,24 m, 91,85 m, 78,41 m e 53,88 m em seus lados, além da presença de curvas de nível que indicam suave declividade no lote. Essa topografia favorece soluções arquitetônicas que dialogam com o relevo natural, contribuindo para a integração do projeto ao entorno urbano.



ASPECTOS URBANOS



Mapa cheios e vazios: A análise do mapa de cheios e vazios em um raio de 300 metros mostra que, apesar da presença significativa de edificações distribuídas de forma homogênea, a densidade construtiva ainda é baixa, com vários lotes vagos ou subutilizados. Esse cenário reflete um bairro em expansão gradual, com áreas aguardando futuras ocupações. Assim, a implantação de um centro cultural nesse contexto surge como estratégia para impulsionar o crescimento urbano e qualificar o uso do solo, reforçando a ocupação e valorização do território.

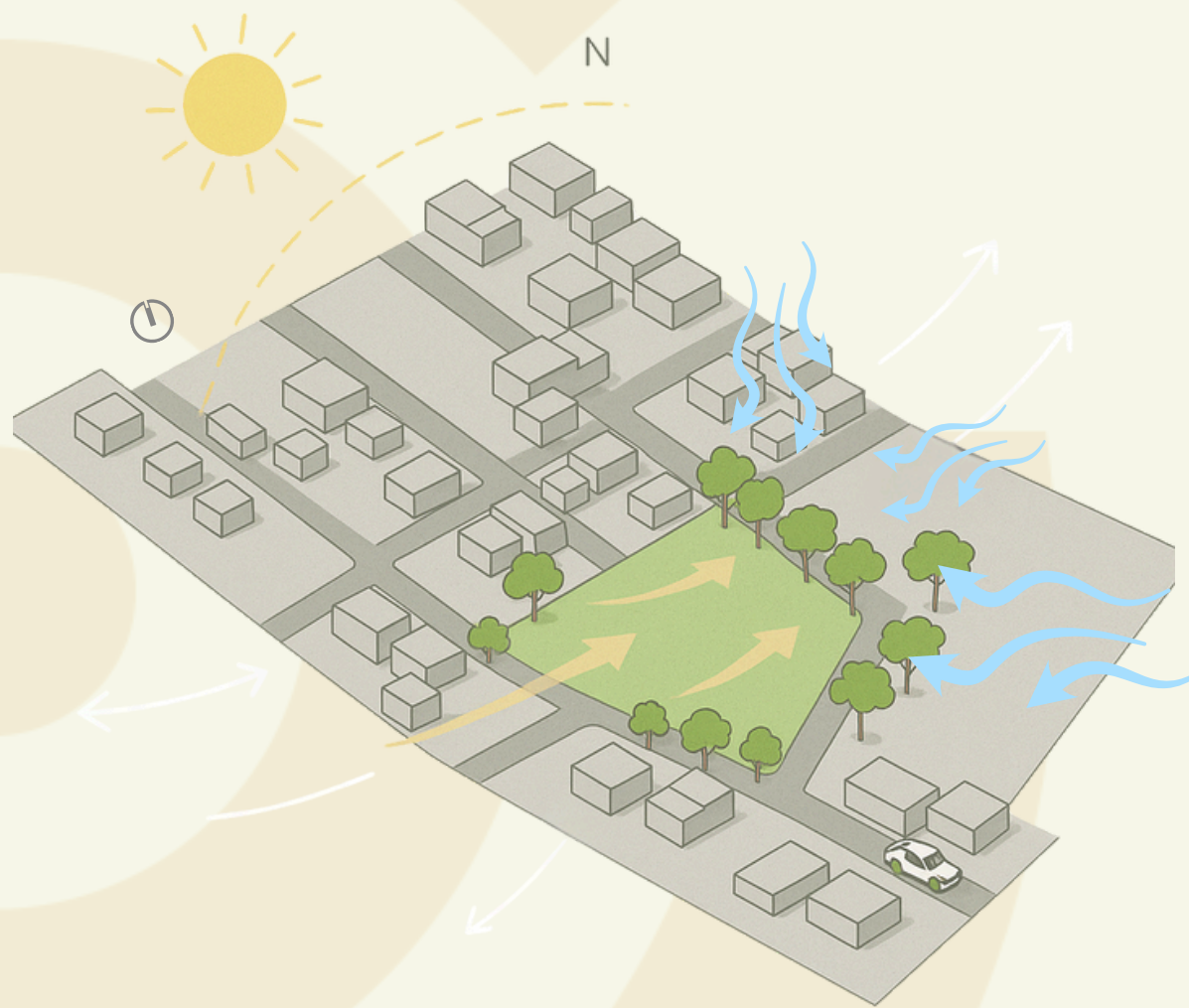
A análise do **mapa de uso e ocupação do solo** revela que a área é predominantemente residencial, composta por construções de pequeno porte e baixa densidade, o que garante uma atmosfera tranquila e tipicamente local. Entre os usos complementares, destacam-se espaços de lazer e equipamentos institucionais, como o ginásio, o Pontinho de Cultura, o cemitério e a praça de eventos, que desempenham funções sociais e culturais importantes.

A análise do **gabarito das edificações** mostra que predominam construções térreas, com alturas médias entre 3,5 e 4 metros, reflexo do perfil socioeconômico local e da baixa densidade urbana da cidade. Observa-se, porém, o crescimento de edificações com um e dois pavimentos nas imediações do terreno, indicando um processo gradual de adensamento e valorização da área. Embora ainda em menor número, existem construções com mais de três pavimentos, sugerindo o início de uma verticalização.

A análise do **sistema viário** revela a predominância de vias locais, que organizam o tráfego urbano e conectam os bairros, favorecendo deslocamentos de curta distância e com baixo fluxo de veículos pesados. Há também poucas vias rurais que ligam a área urbana a regiões mais afastadas. A maior parte das ruas já possui pavimentação, o que melhora a mobilidade e o conforto de pedestres e motoristas; entretanto, ainda existem alguns trechos sem pavimento, especialmente no bairro Bom Jardim, o que dificulta a circulação

ANÁLISE DO TERRENO/ CLIMÁTICA

A análise climática do terreno mostra forte incidência solar no período da tarde, principalmente na fachada voltada para o Oeste e na testada Norte. Os ventos predominantes vêm das direções Nordeste e Sudeste, favorecendo a ventilação natural nas fachadas Leste, Norte e Sul. O terreno tem área de aproximadamente 5.792,65 m² e está localizado em uma esquina estratégica entre as ruas Sebastião Ribeiro Campos e Francisco Marcos de Brito, garantindo boa visibilidade e fácil acesso por diferentes direções.



PROGRAMA DE NECESSIDADES

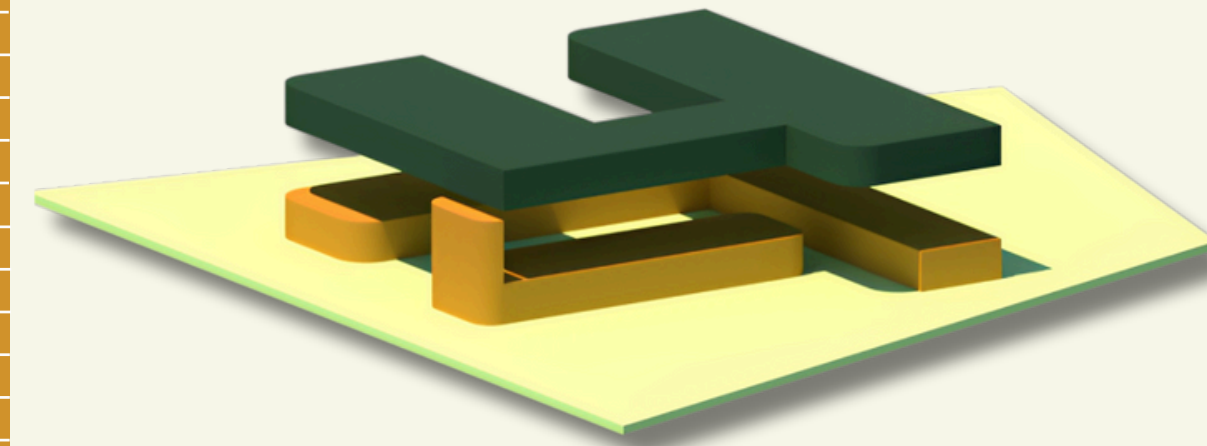
FUNÇÃO	ESPAÇO	DIMENSÃO
EDUCAÇÃO	SALA DE MÚSICA	139,00 m²
	OFICINA DE CRIAÇÃO	51,87 m²
	OFICINA DE ARTES.	52,00 m²
	SALA DE C. TÉCNICO	55,68 m²
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA	ATELIÊ MULTIUSO	47,30 m²
	BIBLIOTECA	102,00 m²
	SALA DE EXPOSIÇÃO	105,00 m²
	AUDITÓRIO	266,00 m²
PRODUÇÃO	SALAS DE PRODUÇÃO	35,00 m²
	COWORKING	41,00 m²
	SALA DE DIVULG.	15,00 m²
	SALA DE QUADRI.	160,00 m²
ALIMENTAÇÃO/ COMÉRCIO	SALA DOS CABOCLOS	65,00 m²
	LANCHONETE	16,00 m²
	PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO	37,00 m²
	LOJAS	23,00 m²
CONVÍVIO SOCIAL	ESPAÇOS DE CONV.	250,00 m²
	PÁTIO INTERNO	174,00 m²
	DIREÇÃO GERAL	17,00 m²
	SECRETARIA	15,00 m²
ÁREA ADMINISTRATIVA	SALA DE REUNIÃO	27,00 m²
	COPA	19,00 m²
	ALMOXARIFADO	9,60 m²
	GERADOR E QUADRO E.	8,00 m²
SERVIÇOS	BANHEIROS	VARIÁVEL
	DEPÓSITOS	8,00 m²
	ESTACIONAMENTO	VARIÁVEL
	LIXO E GLP	5,00 m²

ÁREA DE ESTUDO

A análise das imagens do terreno mostra uma testada voltada diretamente para a via pública, o que favorece a acessibilidade, a fluidez dos deslocamentos e fortalece a integração do projeto com a rua, estimulando o uso social do espaço. Dentro do lote, há vegetação esparsa, enquanto o entorno é formado principalmente por residências de pequeno e médio porte, configurando um contexto urbano consolidado e predominantemente residencial. Além de reforçar a conexão entre o espaço privado e o tecido urbano, essa testada ampla contribui para dar maior visibilidade e destaque ao projeto, transformando-o em um ponto de referência na paisagem local.



ZONEAMENTO



- Recepção, Salas de produções, Oficinas, Ateliê, Sala de música, Área administrativa, Sanitários
- Auditório, Recepção, Biblioteca, Sala de exposição, Lojas, Lanchonete, Elevadores, Serviço



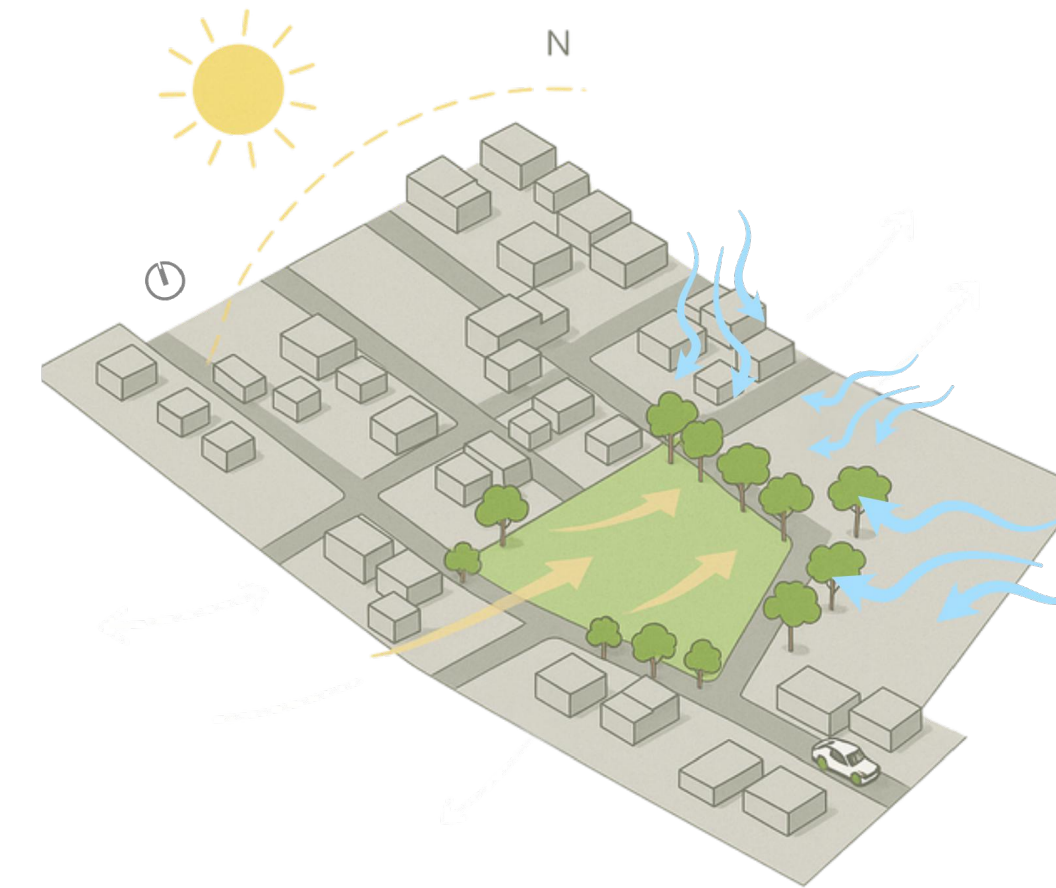
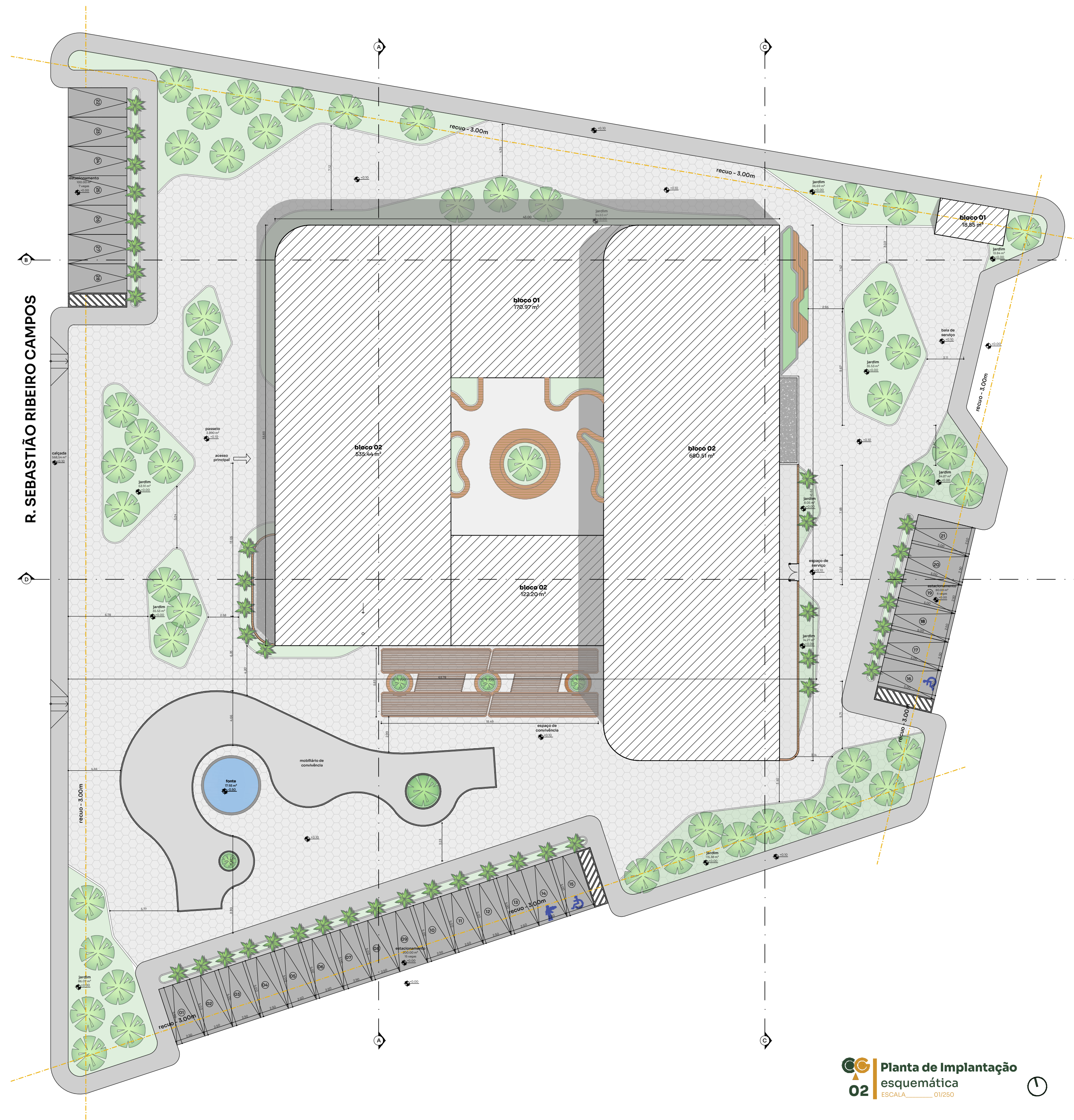
PROJETO:
Centro Cultural Canto da Gente

LOCALIZAÇÃO:
Major Sales/RN

RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Diego Nunes Vieira

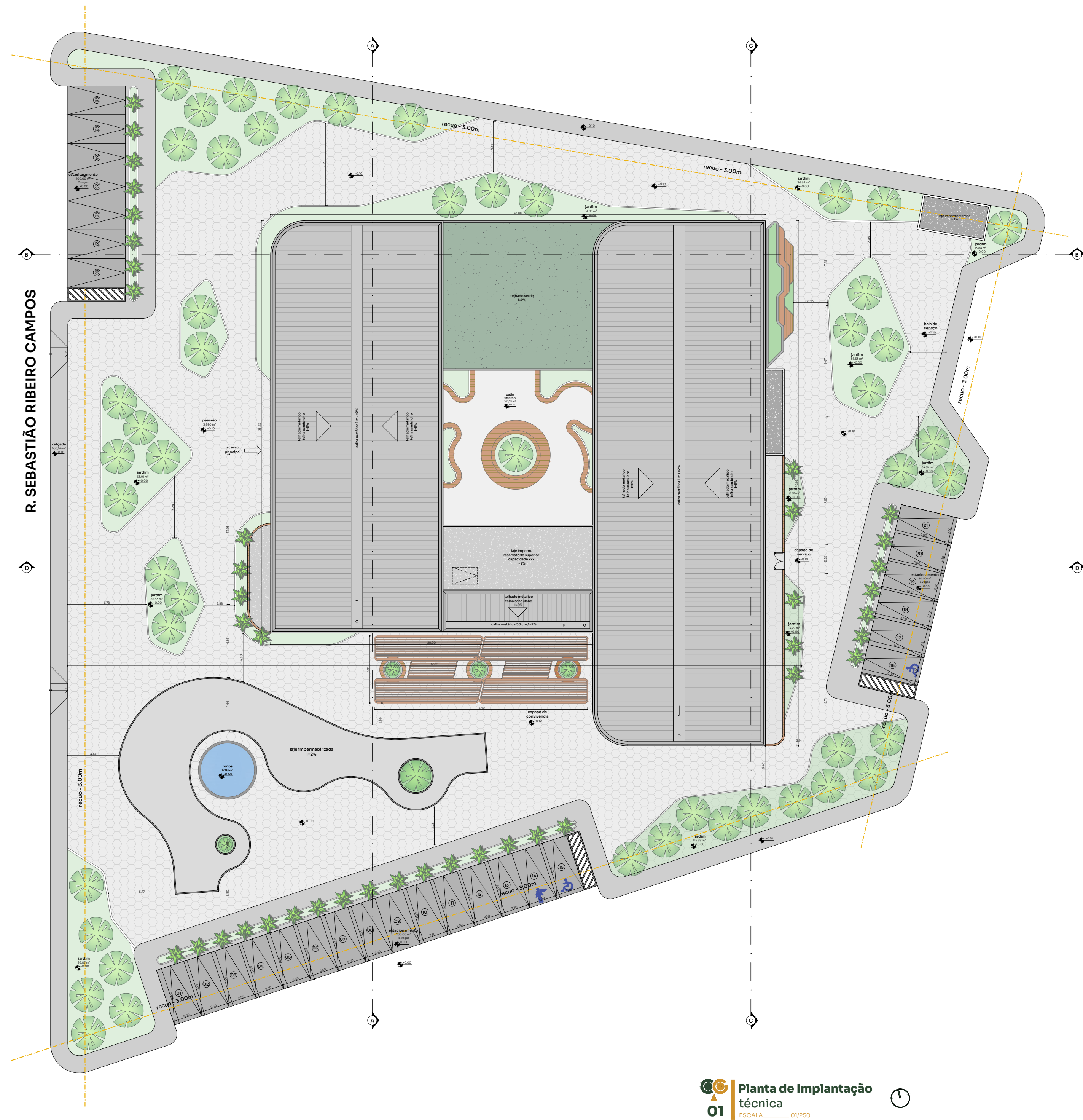
ORIENTADOR:
Rodrigo Costa do Nascimento

ESCALA:
Indicada

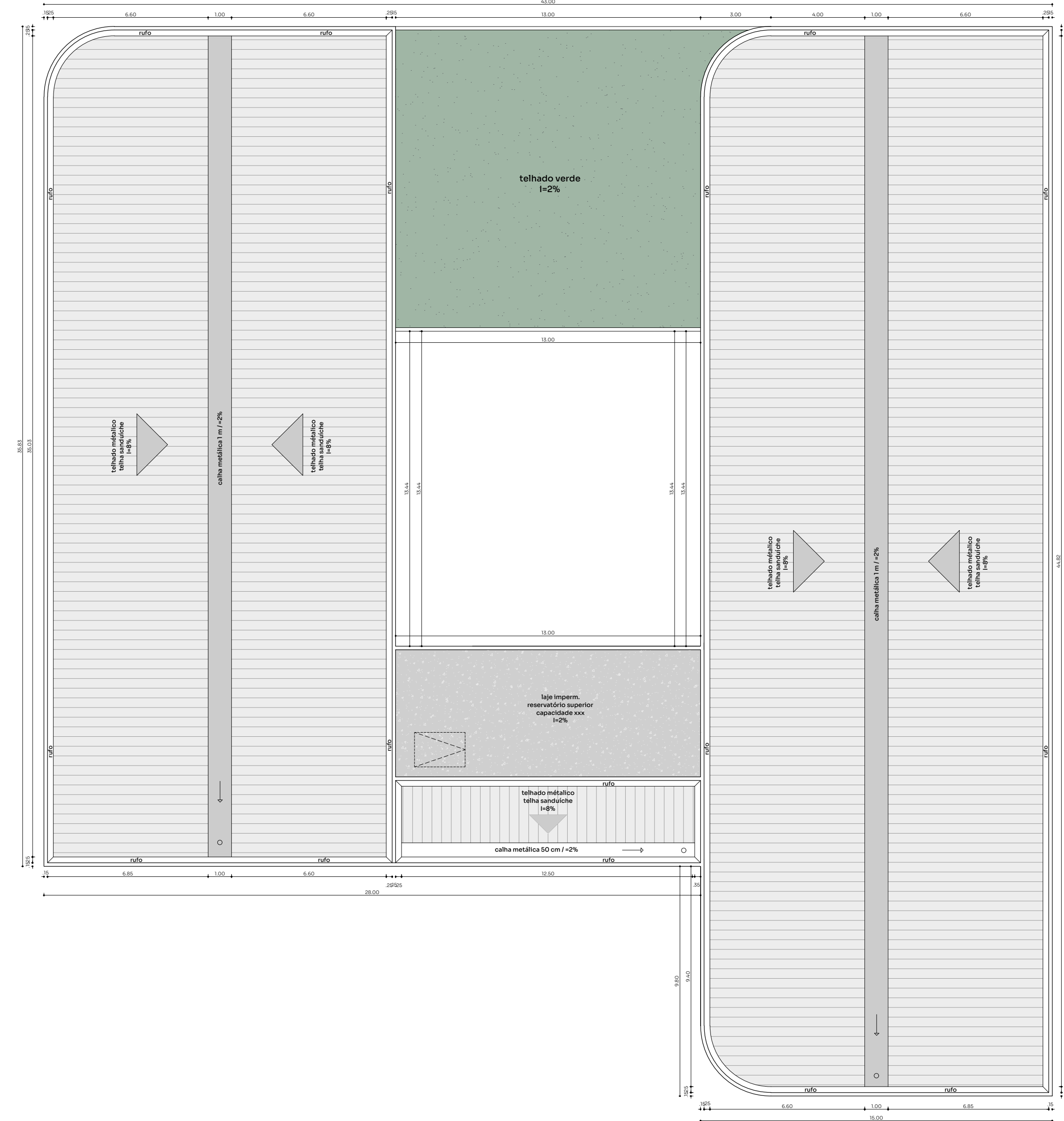


Terreno Curva de nível SEM ESCALA

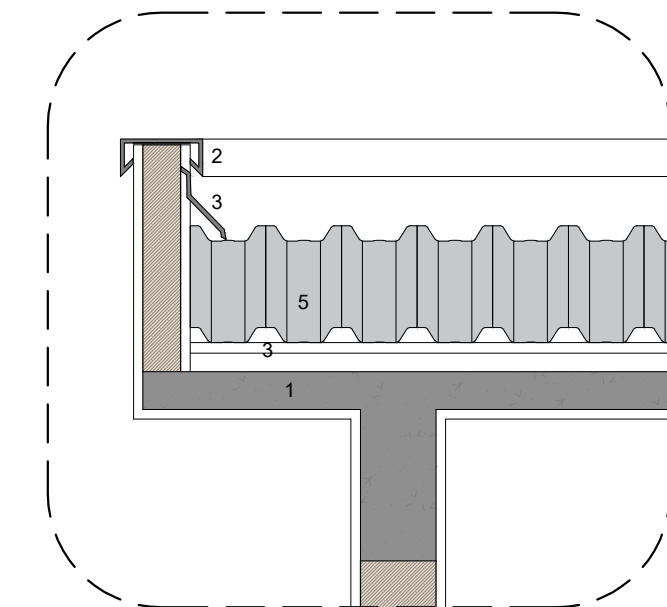
QUADRO DE ÁREAS E PRESCRIÇÕES URBANÍSTICAS			
ÁREA DO TERRENO		5.792,00 m²	
ÁREA CONSTRUÍDA		2.698,58 m²	
ÍNDICES	PARÂMETROS EXIGIDOS	PARÂMETROS APLICADOS	
TAXA DE OCUPAÇÃO	70% (4.054,40) m²	46% (2.698,58 m²)	
TAXA DE PERMEABILIDADE	20% (1.158,40) m²	25% (1.448,00) m²	
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	1,5 %	0,47% m²	
RECUSOS	FRONTAL	3,00m	3,00m
	LATERAIS	0,60m	3,00m
	FUNDO	1,00 m²	3,00 m²



01 Planta de Implantação
geral
ESCALA 01/250

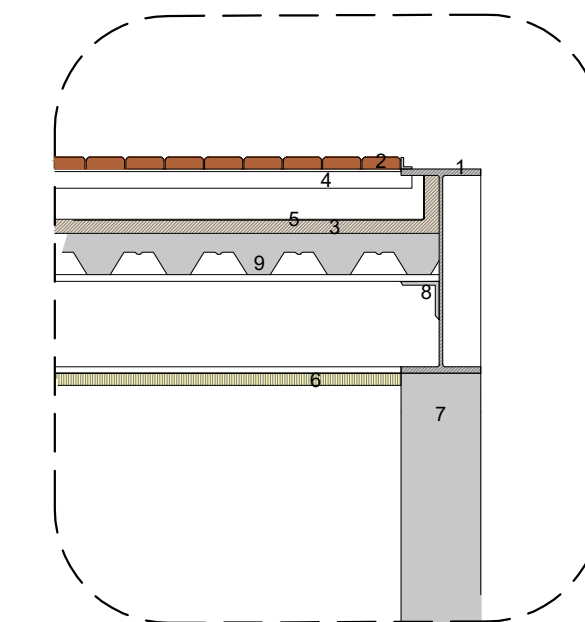


02 Planta de cobertura
geral
ESCALA 01/150



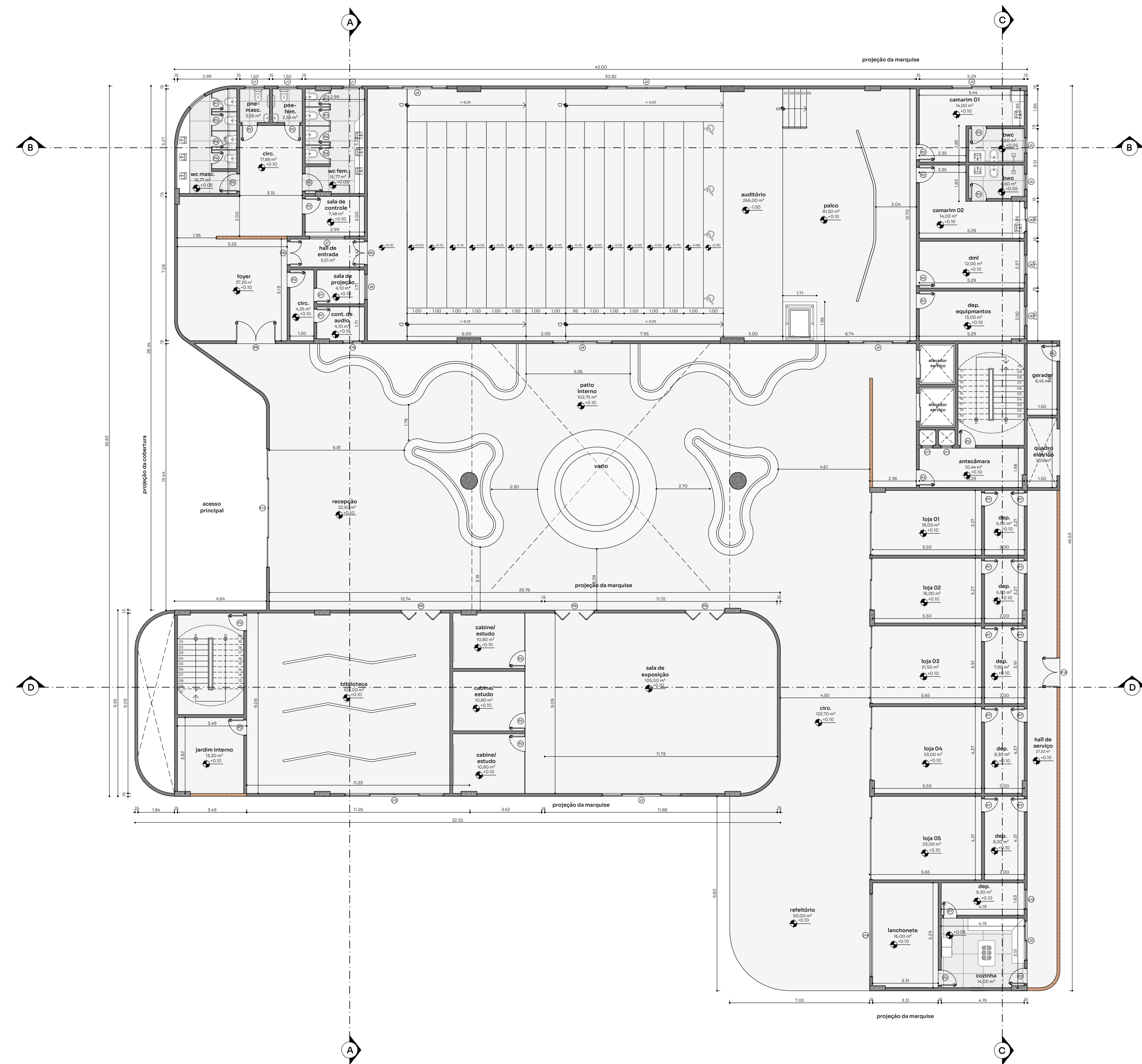
- 1- laje
- 2- algeroz
- 3- contra rufo
- 4- perfil metálico
- 5- telhado metálico

Det. telhado
ESCALA 01/25



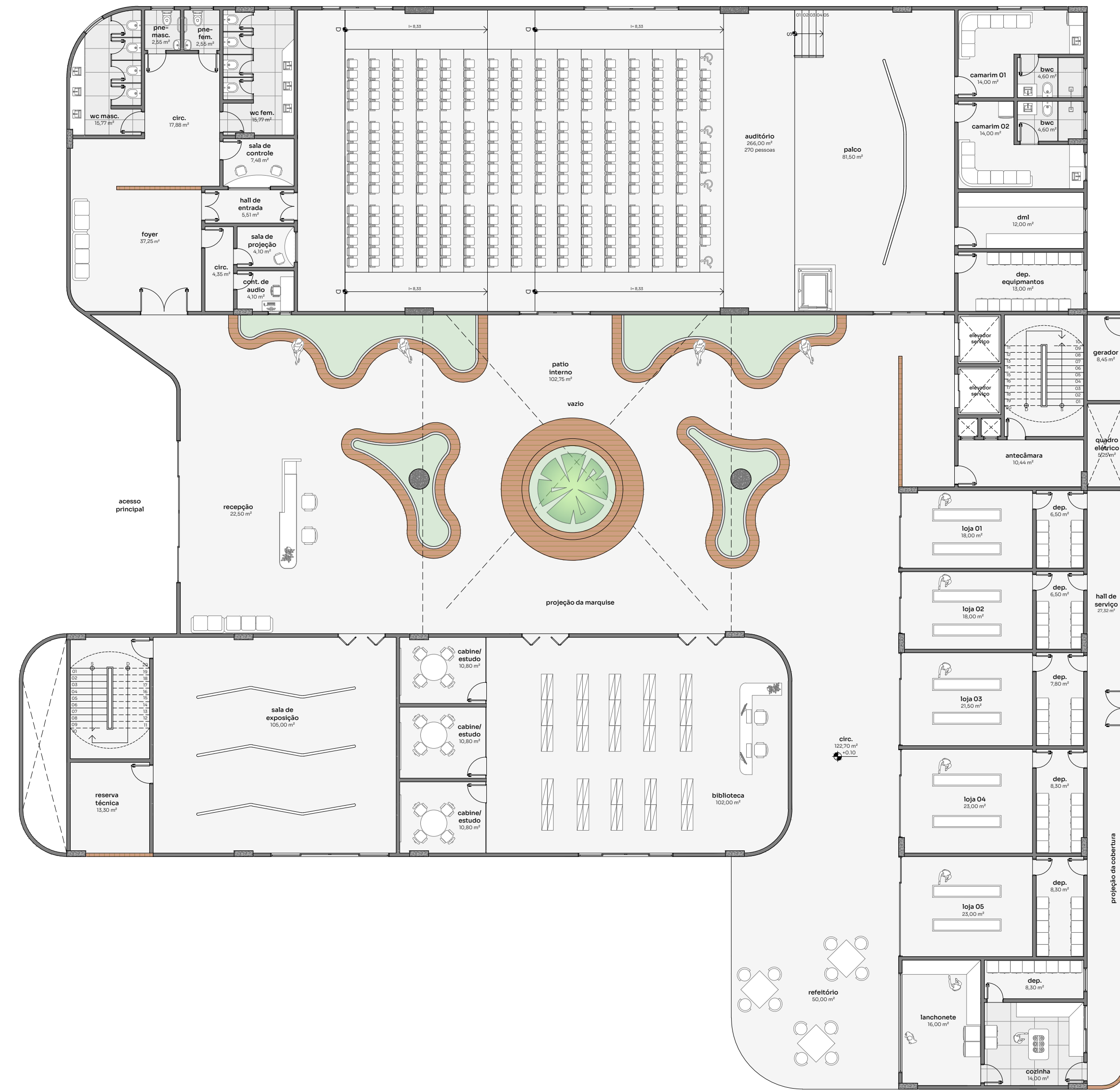
- 1- viga metálica
- 2- deck madeira
- 3- camada regularização
- 4- cantoneira
- 5- impermeabilização
- 6- forro gesso
- 7- perfil metálico
- 8- cantoneira metálica
- 9- laje steel deck

Det. laje nervurada
ESCALA 01/25

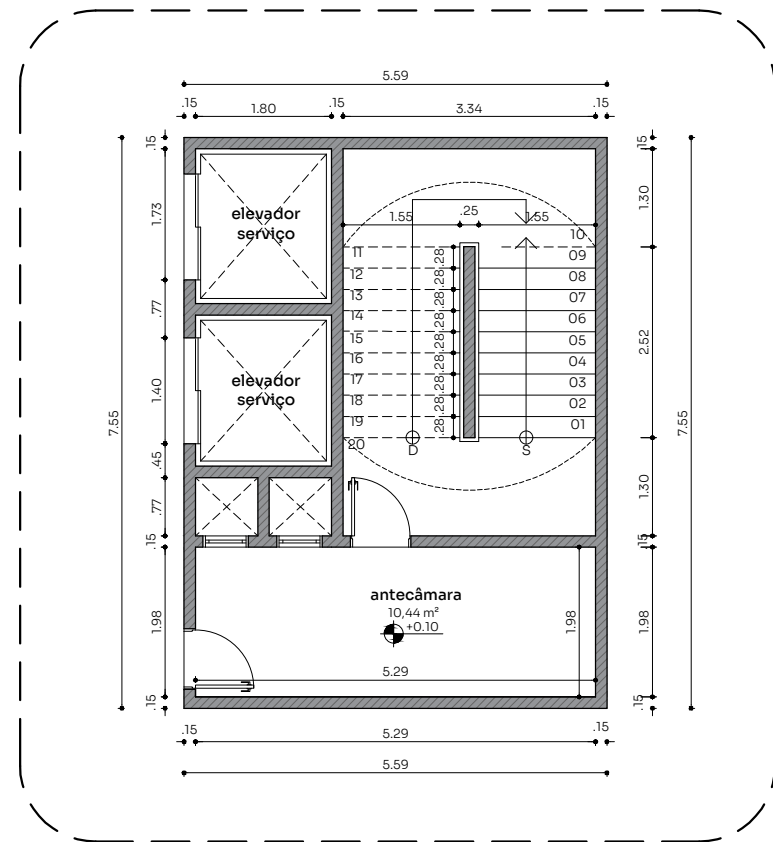


Planta baixa-térreo
técnica
ESCALA 01/150

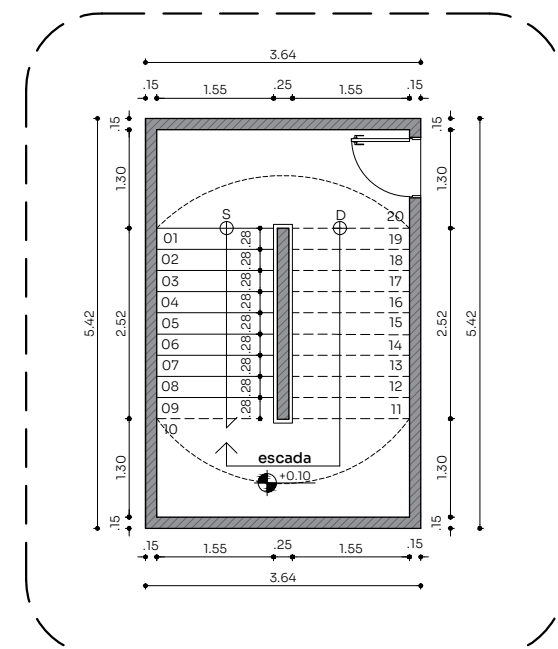
Planta baixa-térreo
humanizada
ESCALA 02/150



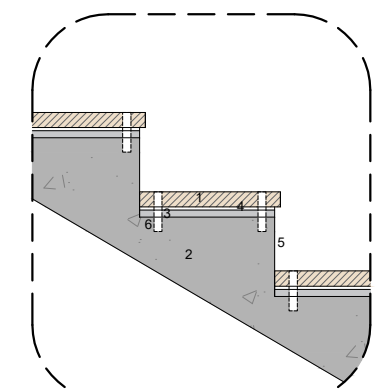
QUADRO DE ESQUADRIAS						
COD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PEITOR	MATERIAL	QTD
31	Janela de correr 2 folhas	100	210	210	Vidro	3
32	Janela de correr 2 folhas	200	110	110	Vidro	2
33	Janela máximo-ar	80	100	210	Vidro	2
34	Janela de correr 2 folhas	100	120	110	Vidro	1
35	Janela máximo-ar	100	120	210	Vidro	1
36	Janela fixa	100	100	210	Vidro	2
37	Janela máximo-ar	100	120	210	Vidro	1
38	Janela de correr 2 folhas	100	100	100	Vidro	1
39	Janela máximo-ar	60	100	210	Madeira	2
210	Janela de correr 4 folhas	600	100	90	Vidro	1
212	Janela máximo-ar	400	100	90	Vidro	1
213	Janela máximo-ar	400	100	210	Vidro	1
215	Janela máximo-ar	400	100	210	Vidro	1
11	Porta de vidro	60	210	-	Madeira	8
12	Porta de vidro	60	210	-	Madeira	2
13	Porta de vidro	80	210	-	Madeira	19
14	Porta de vidro	100	210	-	Madeira	2
15	Porta de vidro	70	210	-	Madeira	13
16	Porta de vidro	200	210	-	Madeira	1
17	Porta sanitária dupla	200	210	-	Madeira	1
18	Porta de vidro	150	210	-	Madeira	1
19	Porta-janela 4 folhas	600	210	-	Vidro	1



Det. elevadores
ESCALA 01/100



Det. escada de emergência
ESCALA 01/100



Det. escada de emergência
ESCALA 01/100

- 1- piso de madeira
- 2- estrutura de concreto
- 3- revestimento
- 4- vedação
- 5- espelho aparente
- 6- fixação parafuso



centro cultural
canto da gente

DIEGO NUNES
ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO:
Centro Cultural Canto da Gente

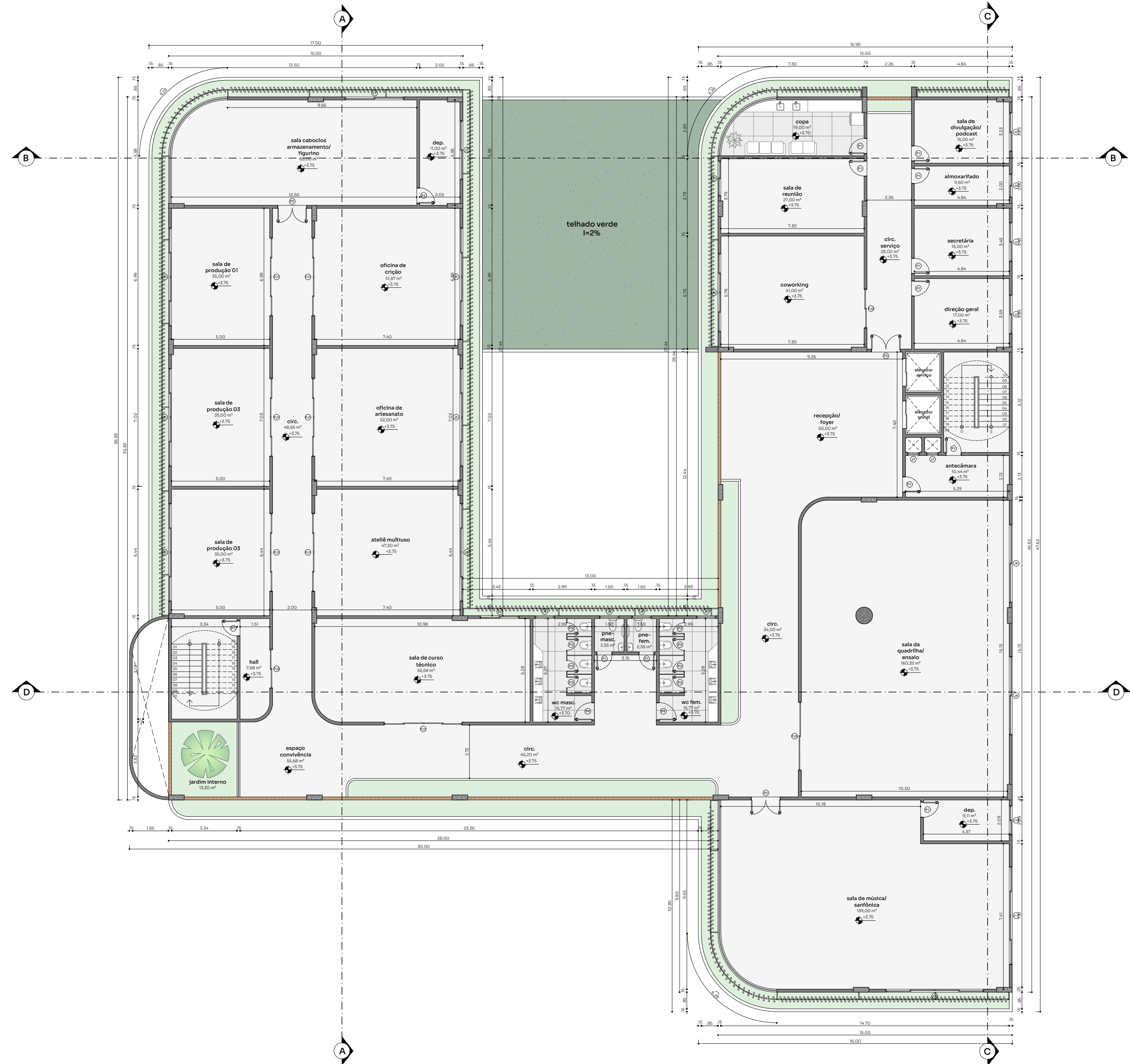
LOCALIZAÇÃO:
Major Sales/RN

RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Diego Nunes Vieira

ORIENTADOR:
Rodrigo Costa do Nascimento

ESCALA:
Indicada

04

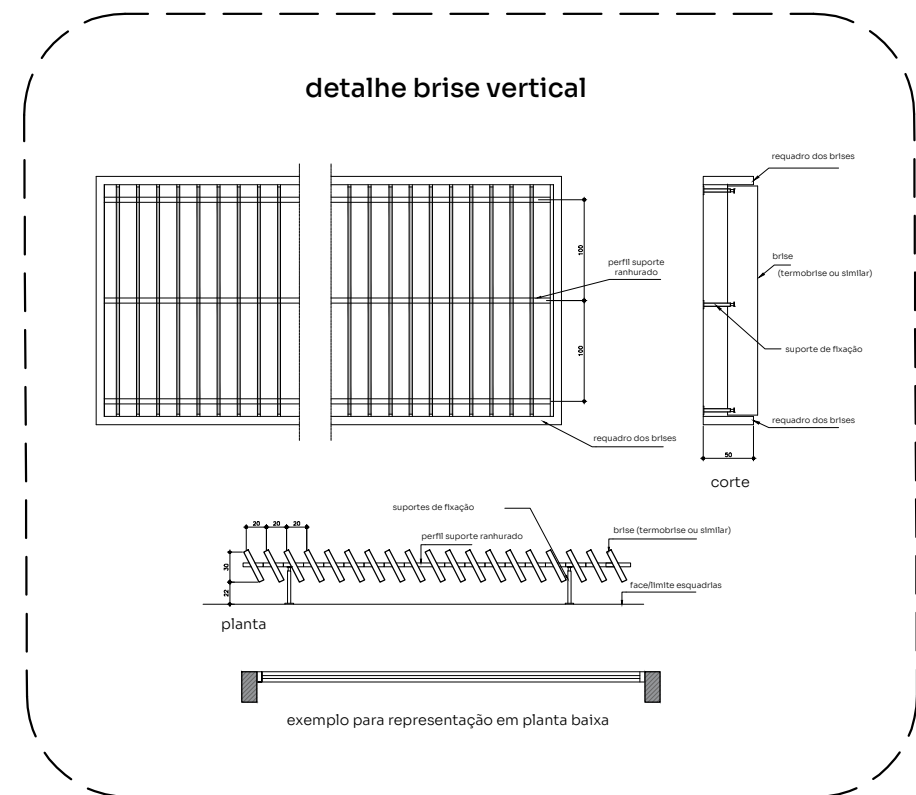


01 Planta baixa - pav. superior
técnica
ESCALA 01/150

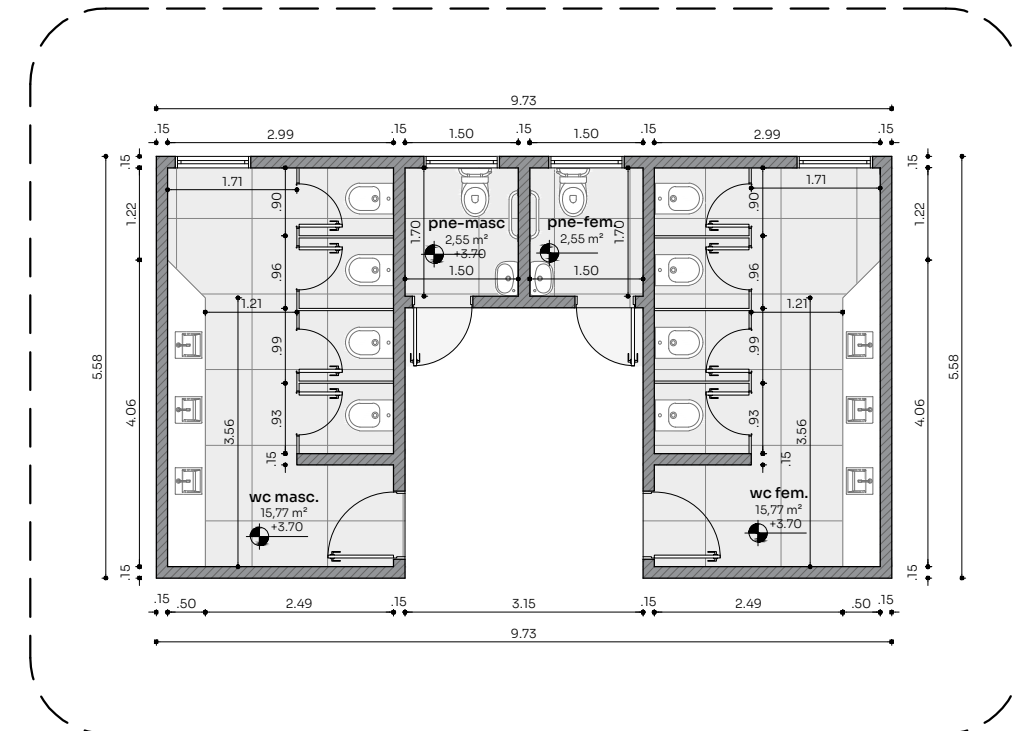


02 Planta baixa - pav. superior
humanizada
ESCALA 01/150

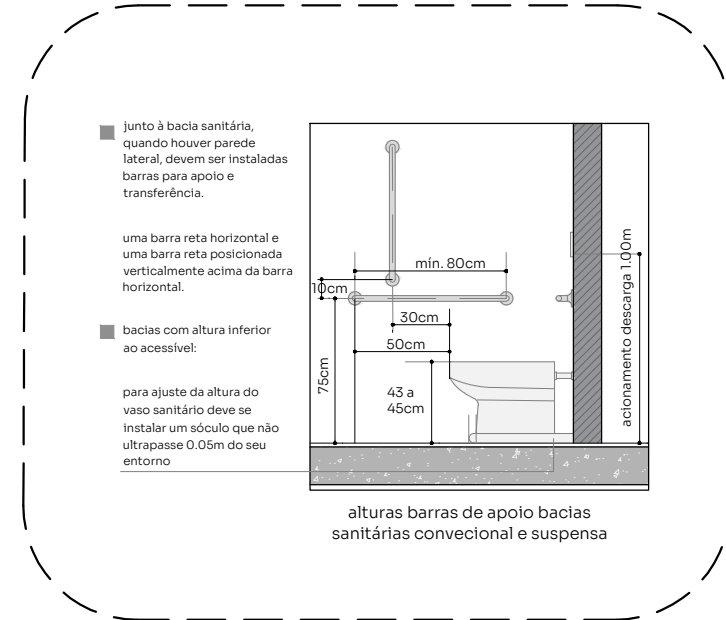
QUADRO DE ESQUADRIAS						
COD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	MATERIAL	QTD
J2	Janela de correr 2 Folhas	200	120	110	Vidro	2
J3	Janela de correr 2 Folhas	180	120	110	Vidro	4
J4	Janela de correr 2 Folhas	120	120	110	Vidro	1
J5	Janela de correr 4 Folhas	500	120	90	Vidro	6
J6	Janela de correr 4 Folhas	400	120	90	Vidro	1
J7	Janela máximo-ar	60	120	210	Madeira	2
J8	Janela de correr 2 Folhas	400	120	110	Vidro	2
J9	Janela máximo-ar	100	120	210	Vidro	4
J10	Janela de correr 2 Folhas	150	120	110	Vidro	1
J11	Janela de correr 4 Folhas	500	120	90	Vidro	2
P1	Porta de abrir 2 Folhas	80	210	-	Madeira	13
P2	Porta de abrir 2 Folhas	150	210	-	Madeira	3
P3	Porta de abrir	60	210	-	Madeira	8
P4	Porta de abrir	90	210	-	Madeira	2
P31	Porta-janela 4 Folhas	400	210	-	Madeira	7
P32	Porta-janela 2 Folhas	200	210	-	Madeira	2
P33	Porta-janela 2 Folhas	350	210	-	Vidro	1



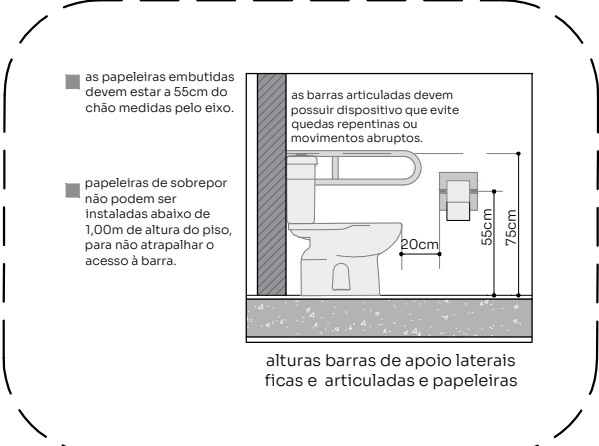
Det. brises de madeira
ESCALA 01/100



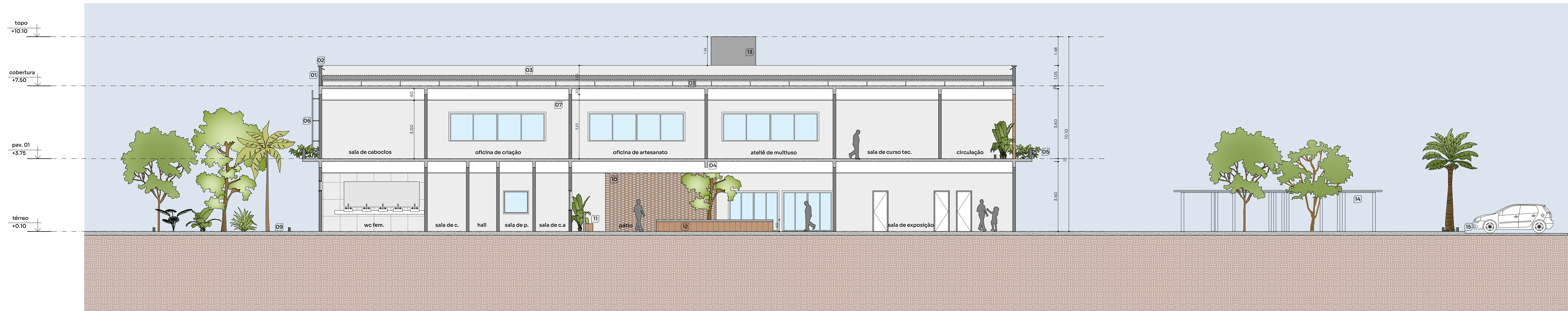
Det. banheiro
ESCALA 01/100



Det. pne
ESCALA 01/50

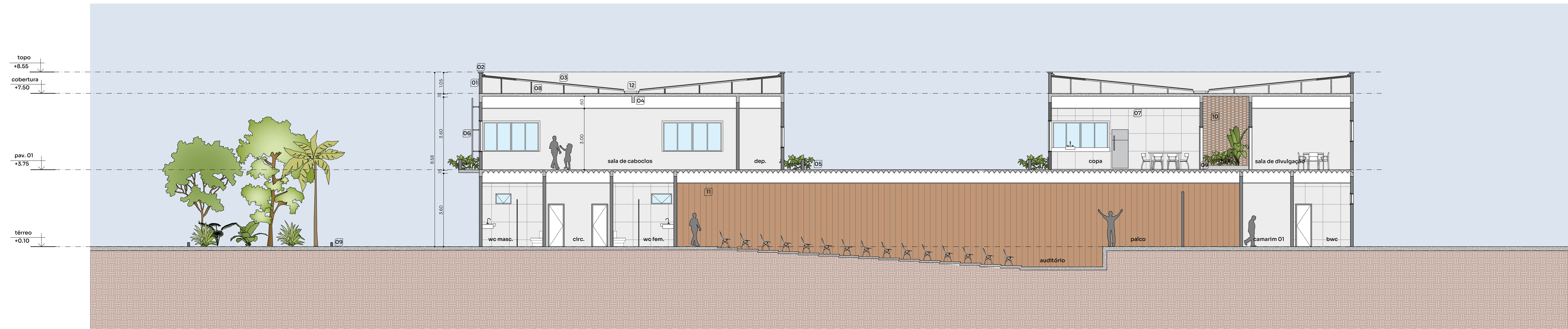


Det. pne
ESCALA 01/50



01 platibanda 02 pingadeira de concreto 03 telhado em telha sancuiche 04 viga 05 marquise em jardim 06 brises em madeira 07 forro em gesso 08 suporte metálico 09 canteiro 10 parede em tijolinho vazado 11 banco 12 pátio interno 13 caixa d'água 14 mobiliário/convivência 15 estacionamento

Corte AA
Esquemático
01 ESCALA 0,01/00



01 platibanda 02 pingadeira de concreto 03 telhado em telha sancuiche 04 viga 05 marquise em jardim 06 brises em madeira 07 forro em gesso 08 suporte metálico 09 canteiro 10 parede em tijolinho vazado 11 painéis de ripas de madeira de reflorestamento 12 calha metálica

Corte BB
Esquemático
02 ESCALA 0,01/00



pedra moledo- material rochoso , caracterizado por peças irregulares de formato bruto e aparência rústica. apresenta coloração variada, predominando tons terrosos, acinzentados ou amarelados, com textura áspera e superfície naturalmente irregular. indicada para revestimento de fachadas devido à sua resistência mecânica, durabilidade e boa performance frente a intempéries.



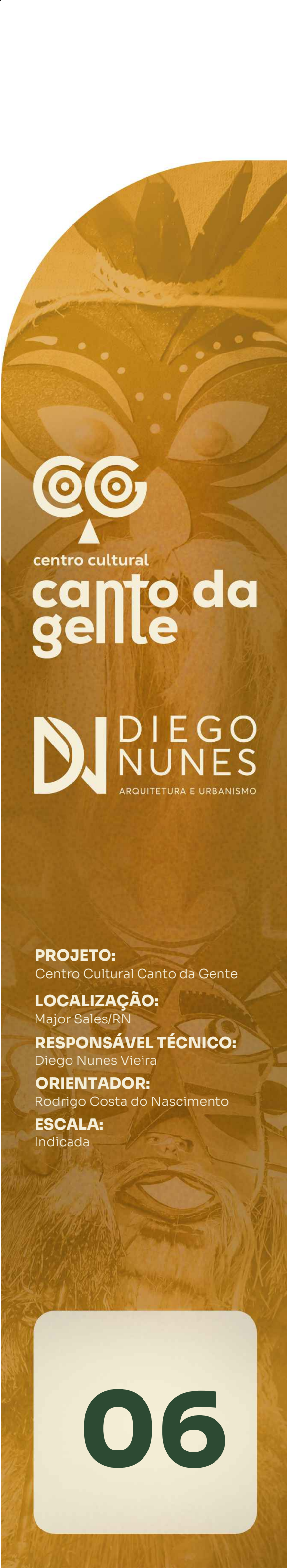
brise vertical de madeira- elemento arquitetônico composto por lâminas ou ripas de madeira maciça ou madeira engenheirada, instaladas na vertical e fixadas em estrutura metálica ou de madeira. sua função principal é controlar a entrada de luz solar direta, reduzir a insolação interna e garantir privacidade.



marquise com jardim- estrutura em balanço em concreto armado, projetada para proteger acessos e áreas externas contra sol e chuva. a marquise integrada ao jardim combina vegetação natural na sua superfície ou ao redor, promovendo sombreamento adicional, conforto térmico e integração visual com a paisagem.



pintura de fachada - cor geada (suvinil)- revestimento decorativo e protetivo aplicado sobre superfícies externas, utilizando tinta acrílica premium da marca suvinil, na cor geada, um tom neutro e suave, entre o bege claro e o cinza, que proporciona aspecto contemporâneo e elegante.

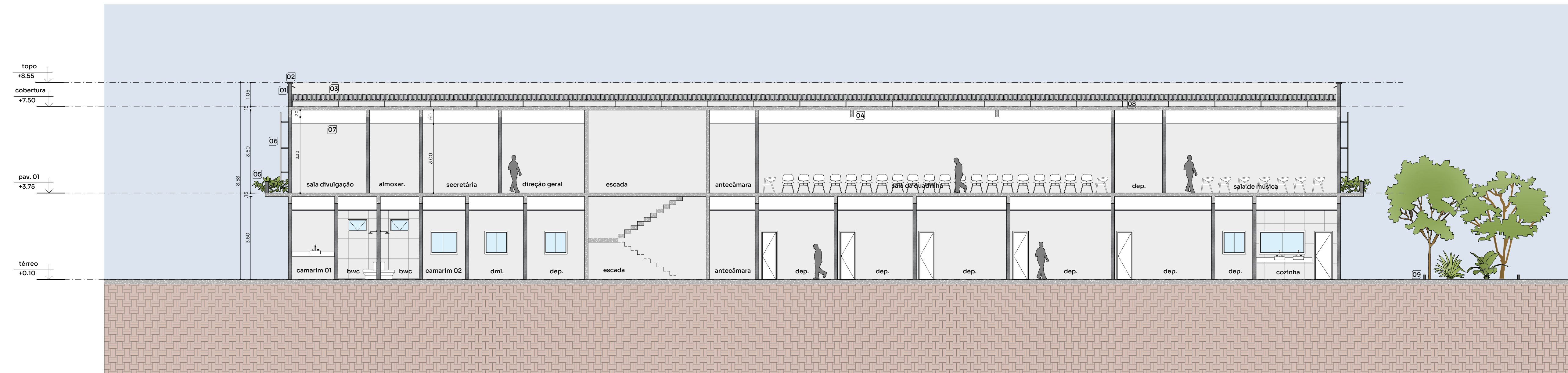


centro cultural
canto da gente

DIEGO NUNES
ARQUITETURA E URBANISMO

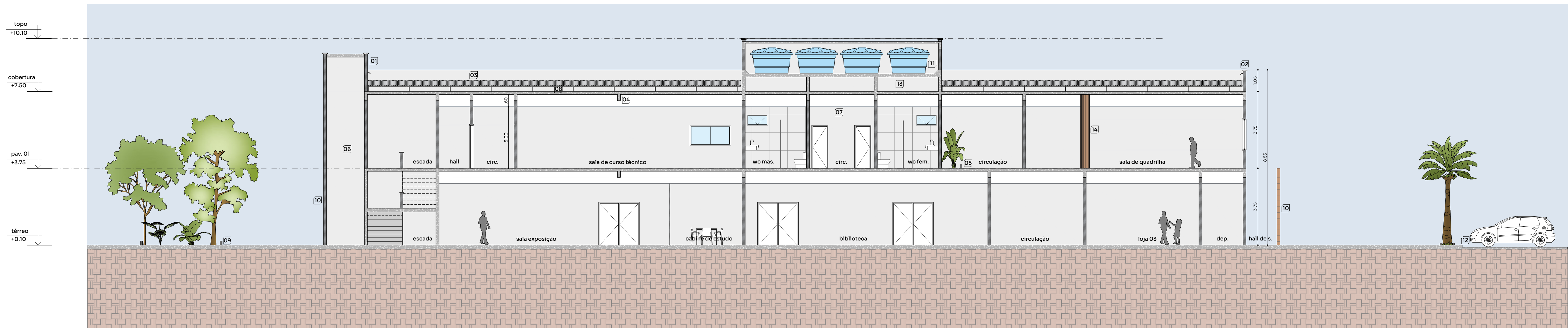
PROJETO:
Centro Cultural Canto da Gente
LOCALIZAÇÃO:
Major Sales/RN
RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Diego Nunes Vieira
ORIENTADOR:
Rodrigo Costa do Nascimento
ESCALA:
Indicada

06



Corte CC
Esquemático
ESCALA 01/100

01 platibanda 02 pingadeira de concreto 03 telhado em telha sanícula 04 viga 05 marquise em jardim 06 brises em madeira 07 forro em gesso 08 suporte metálico 09 canteiro



Corte DD
Esquemático
ESCALA 01/100

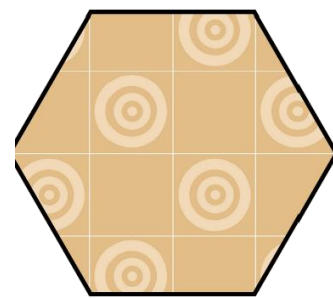
01 platibanda 02 pingadeira de concreto 03 telhado em telha sanícula 04 viga 05 jardim 06 elemento fachada 07 forro em gesso 08 suporte metálico 09 canteiro 10 parede em tijolinho vazado 11 reservatório d'água 12 estacionamento 13 barrilete 14 pilar de concreto redondo



pingadeira de concreto- elemento moldado em concreto armado ou pré-moldado, instalado sobre muros, peitoris, muretas e platibandas para conduzir a água de chuva para fora da superfície vertical, evitando manchas, infiltrações e deterioração da fachada.



canteiro para vegetação- elemento construtivo projetado para acomodar o plantio de espécies vegetais, funcionando como área de paisagismo integrada à edificação. geralmente executado em alvenaria, concreto armado ou pré-moldado, podendo ter formato linear, curvo ou orgânico, conforme o projeto.



ladrilho hidráulico personalizado (esago)- revestimento cimentício artesanal que recebe acabamento manual e cura lenta por imersão em água, o que garante alta resistência e durabilidade. neste projeto, os ladrilhos são personalizados pela esago com cores, grafismos e padrões exclusivos que refletem a identidade visual do empreendimento, agregando valor estético, originalidade e caráter cultural ao espaço.



piso intertravado hexagonal- pavimento composto por peças pré-moldadas de concreto em formato hexagonal, que se encaixam entre si sem o uso de argamassa, formando um sistema estrutural rígido e flexível ao mesmo tempo. esse tipo de piso é conhecido pela facilidade de instalação, manutenção e alta resistência ao tráfego leve ou moderado.

centro cultural
canto da gente

DJ **DIEGO NUNES**
ARQUITETURA E URBANISMO

PROJETO:
Centro Cultural Canto da Gente

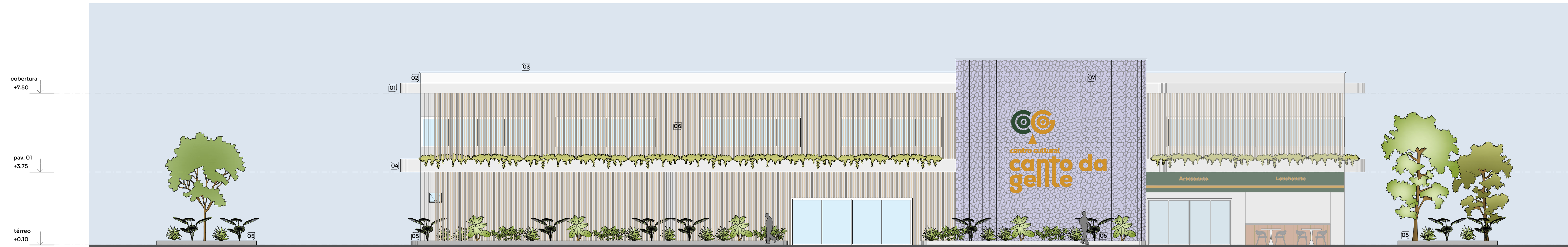
LOCALIZAÇÃO:
Major Sales/RN

RESPONSÁVEL TÉCNICO:
Diego Nunes Vieira

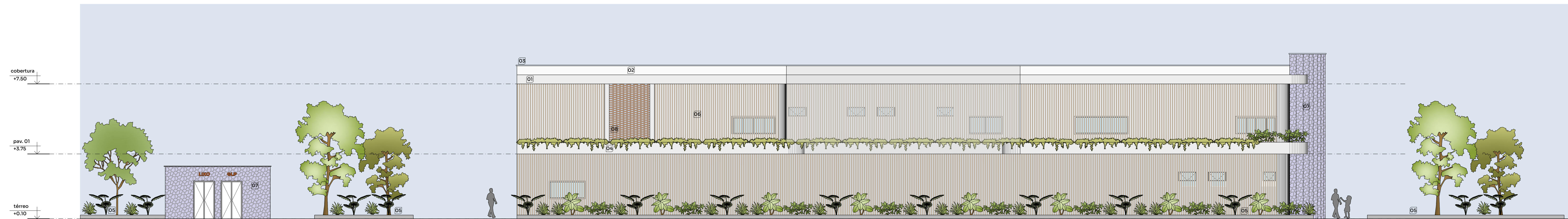
ORIENTADOR:
Rodrigo Costa do Nascimento

ESCALA:
Indicada

07



Fachada Oeste
Esquemático
ESCALA 01000



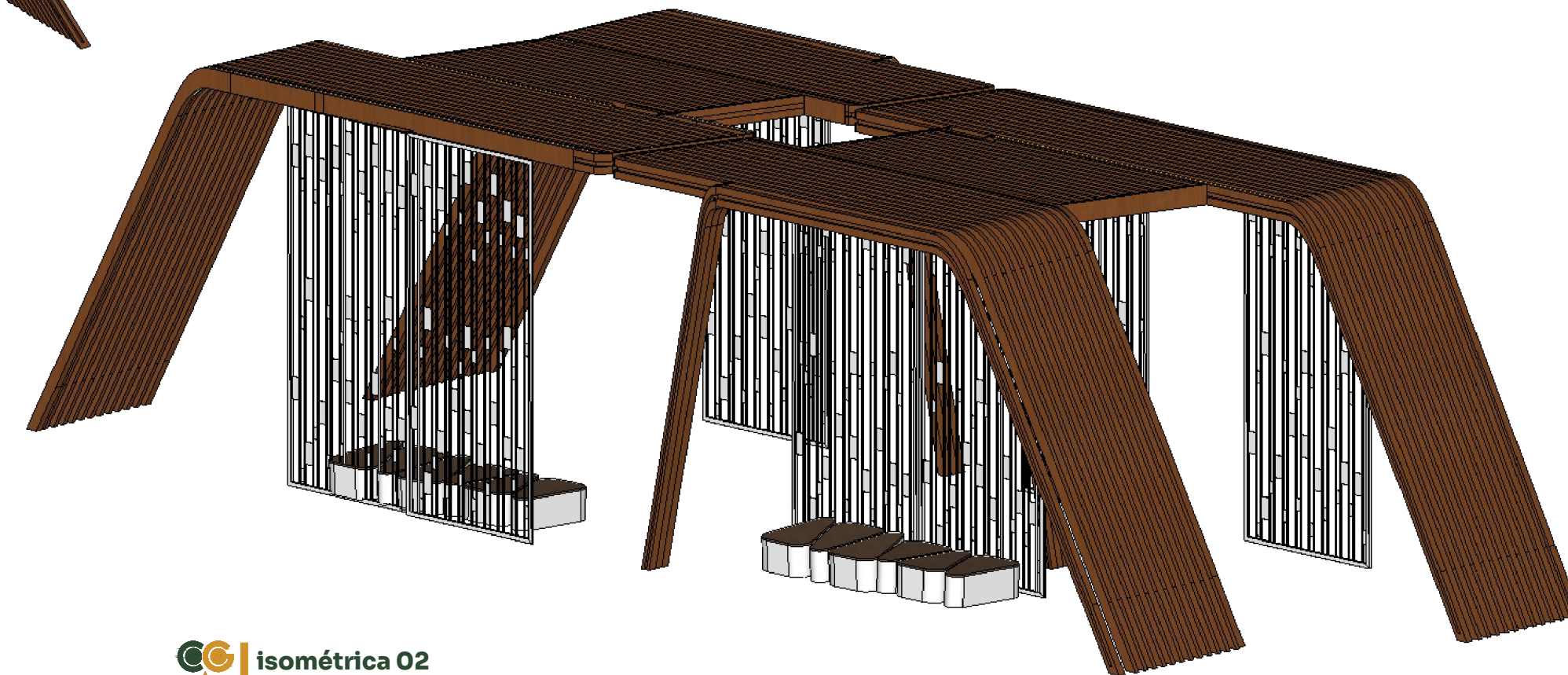
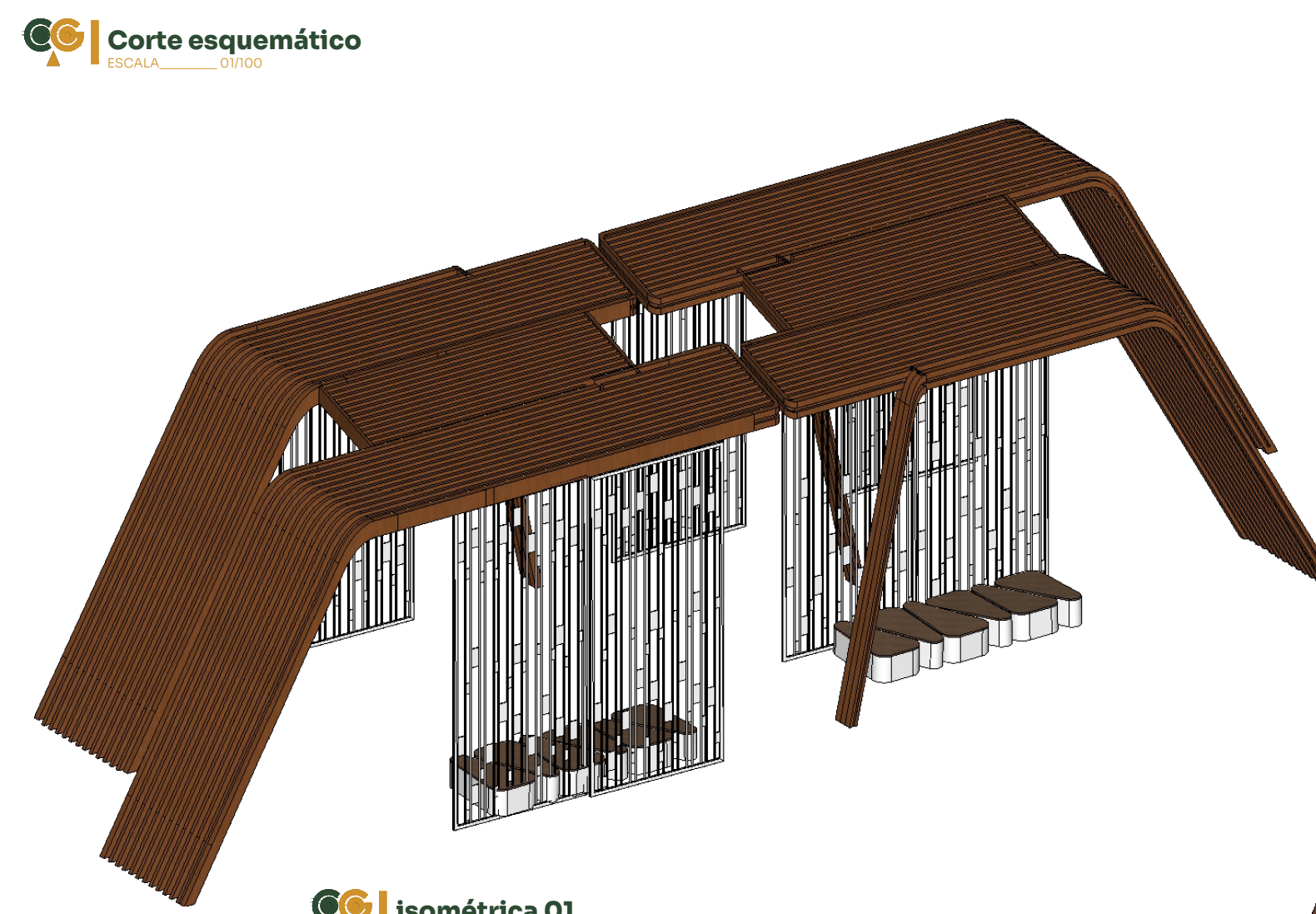
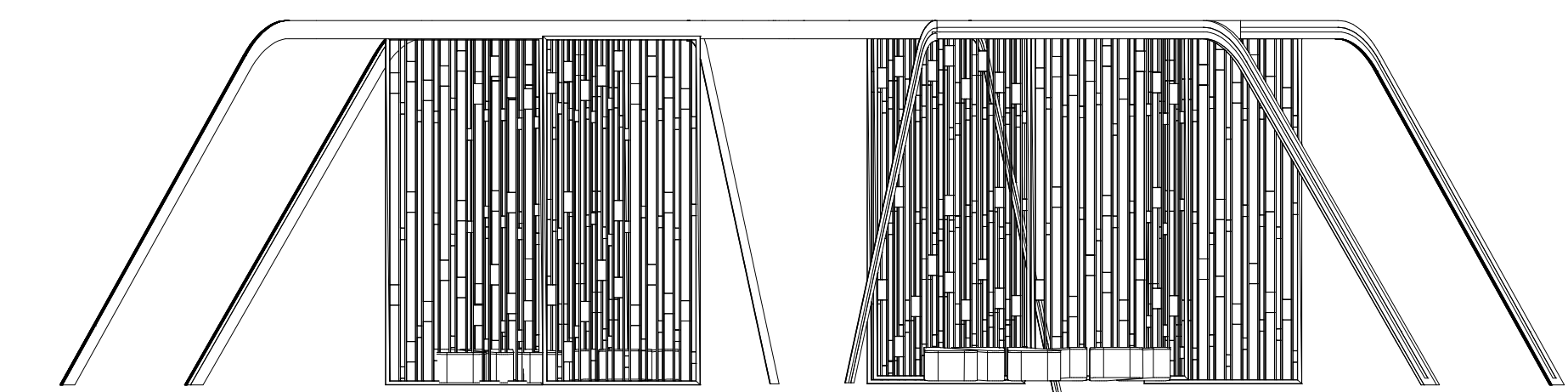
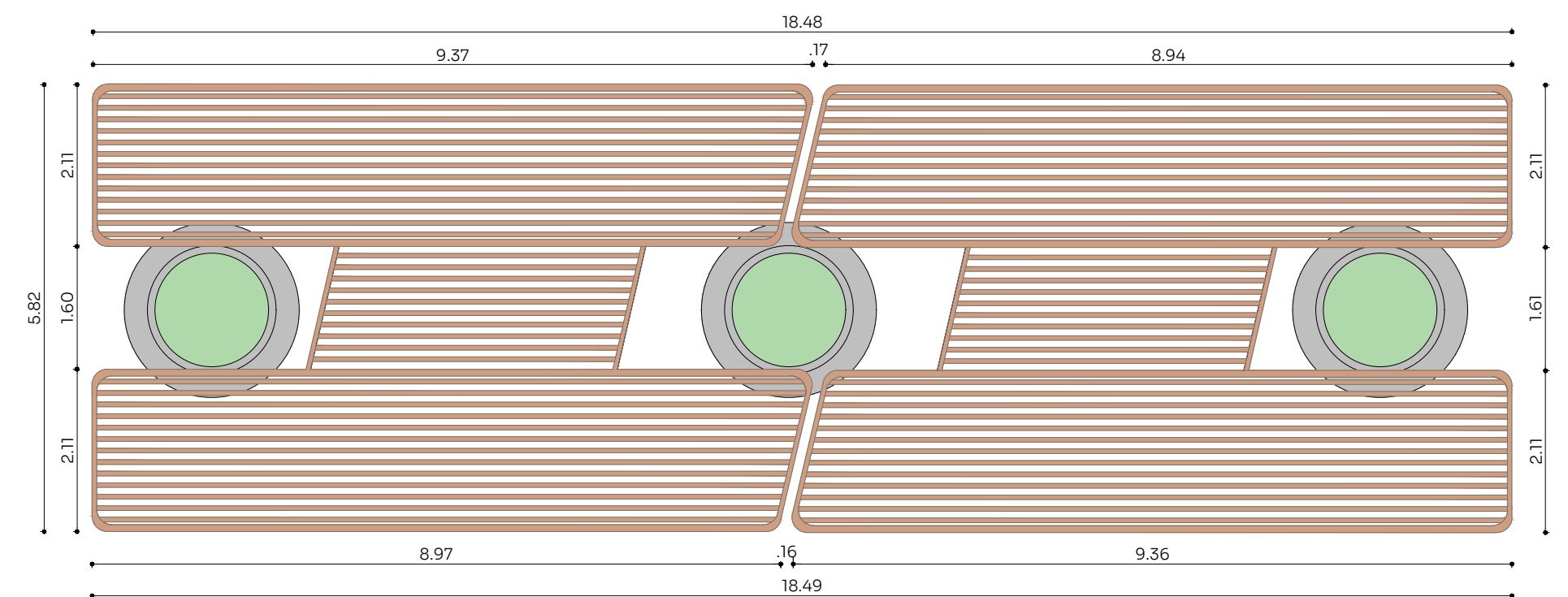
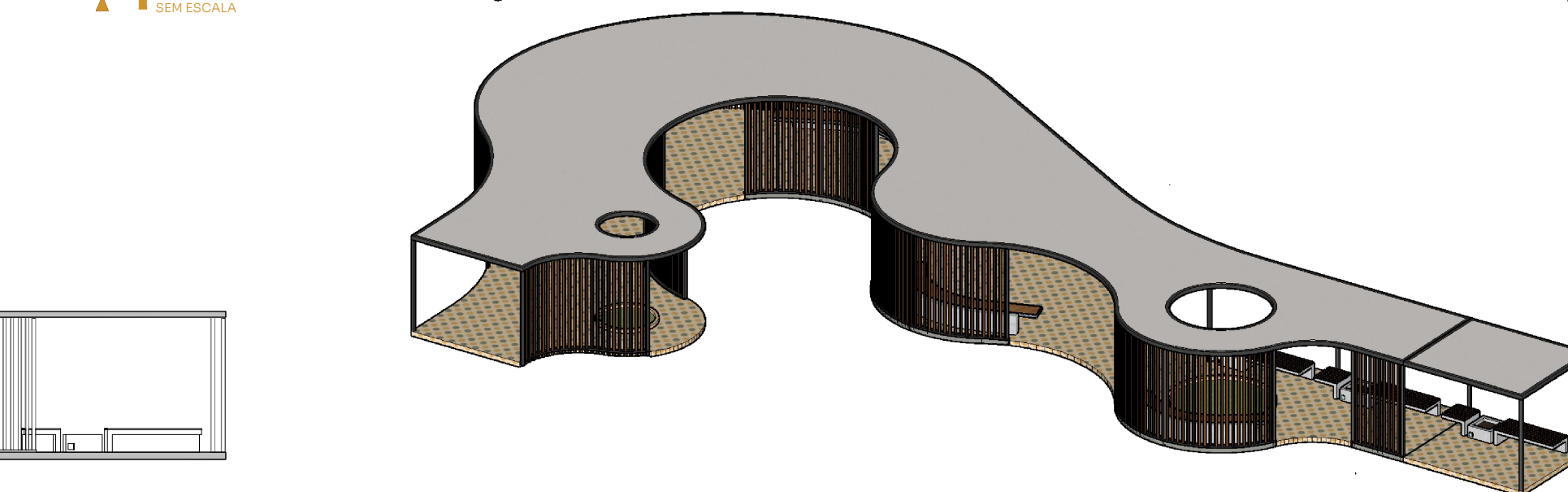
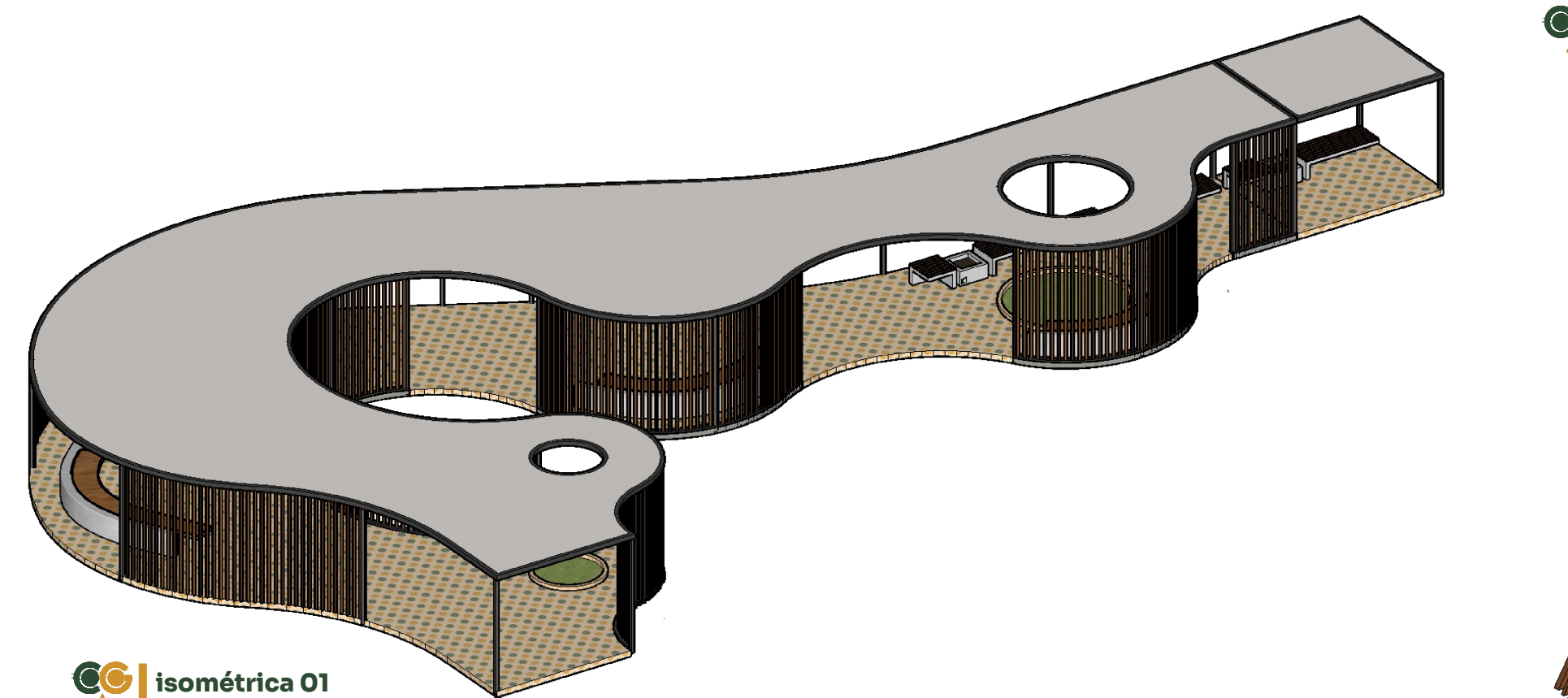
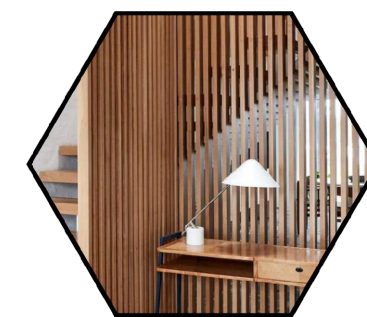
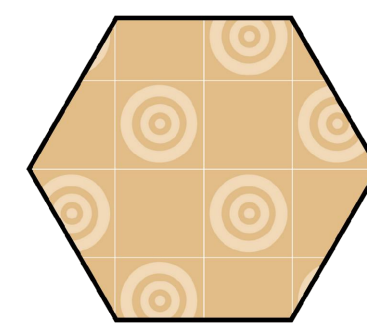
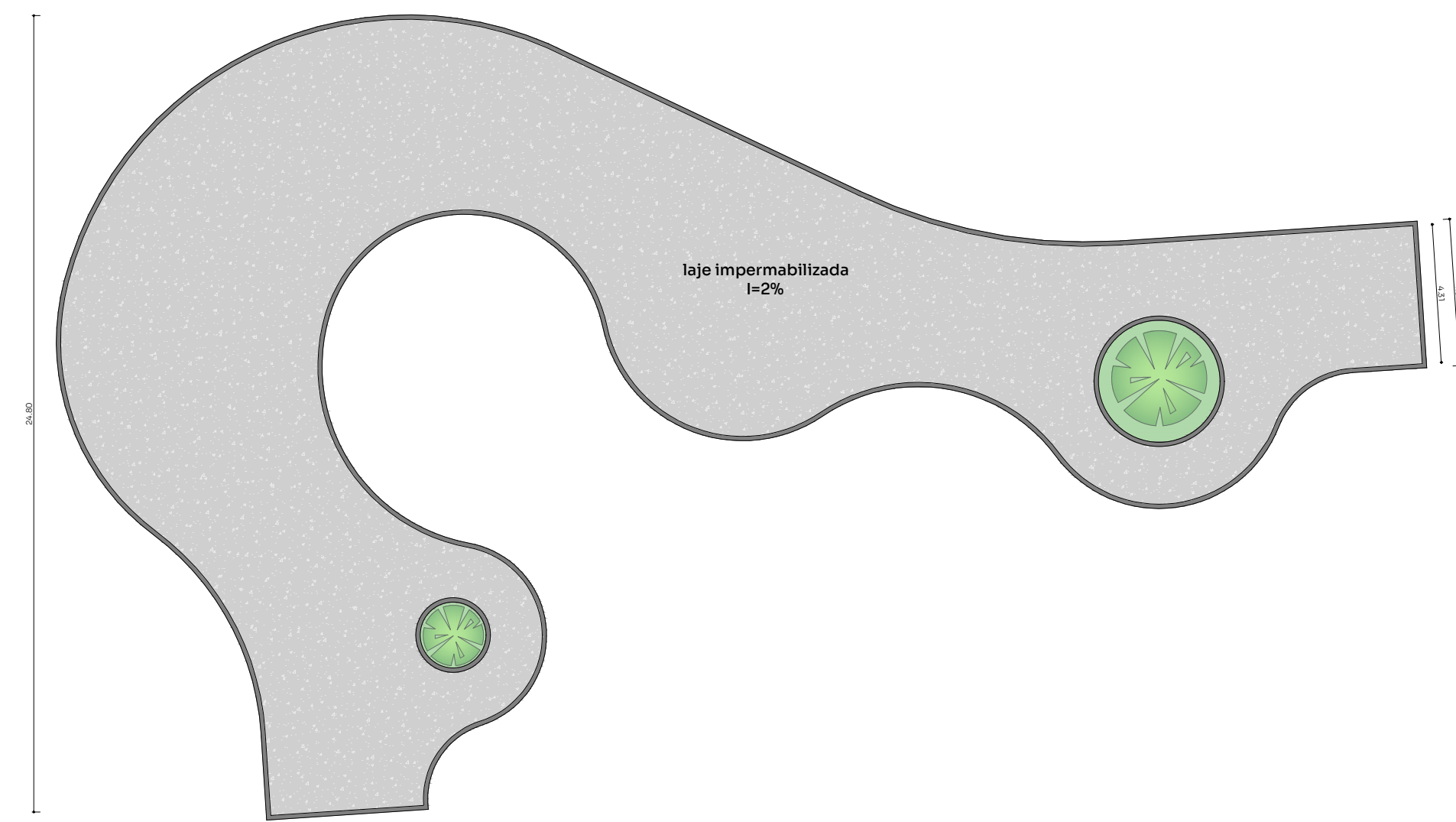
Fachada norte
Esquemático
ESCALA 01000



Fachada sul
Esquemático
ESCALA 01/100



Fachada leste
Esquemático
ESCALA 01/100



centro cultural



canto da gente

Maquetes eletrônicas















